



**Amanda Costa Pinto de Moraes**

## **Sentidos de mérito e meritocracia no LinkedIn**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Maria do Carmo Leite de Oliveira

Rio de Janeiro  
Setembro 2022



**Amanda Costa Pinto de Moraes**

## **Sentidos de mérito e meritocracia no LinkedIn**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1812281/CA

**Maria do Carmo Leite de Oliveira**  
Orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Amitza Torres Vieira**  
UFJF

**Décio Orlando Soares da Rocha**  
UERJ

**Tânia Mara Gastão Saliés**  
UERJ

**Maria das Graças Dias Pereira**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2022.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

### **Amanda Costa Pinto de Moraes**

Graduou-se em Letras (Português/Espanhol) na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 2013. Onde, pelo Programa de Mobilidade - UFF, realizou intercambio na Universidad Nacional de San Martin (UNSAM) em Buenos Aires, no ano de 2011. Tornou-se Mestra em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2018. Possui interesse em projetos relacionados aos estudos da linguagem em práticas cotidianas e profissionais.

#### Ficha Catalográfica

Moraes, Amanda Costa Pinto de

Sentidos de mérito e meritocracia no LinkedIn / Amanda Costa Pinto de Moraes; orientadora: Maria do Carmo Leite de Oliveira. – 2022.

126 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Histórias de sucesso. 3. Mérito. 4. Meritocracia. 5. Perfil profissional. 6. LinkedIn. I. Oliveira, Maria do Carmo Leite de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Ao meu filho, Marquinho,  
minha força e aconchego.

## Agradecimentos

Ninguém faz nada sozinho.

O doutorado foi um projeto não apenas meu, mas da família. Nada mais justo, que iniciar esse agradecimento a quem sempre esteve comigo, me apoiando. Ao meu marido, Marcos Paulo. Obrigada, por tudo.

De igual forma, agradeço ao meu filho, Marcos Augusto, carinhosamente chamado de Marquinho. Obrigada, meu amor, você é a razão em continuar.

Minha imensa gratidão a todos que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste projeto, especialmente: a professora Maria do Carmo, pela orientação e determinação em seguir com o estudo até o final; a professora Liliana Bastos, que apontou caminhos para essa pesquisa; a banca examinadora, pelo acolhimento e contribuições acadêmicas; aos amigos do grupo de pesquisa DIPPP/PUC-Rio, pela parceria; Aos amigos Diego Fernandes e Talita Rosetti, pelas contribuições pontuais; à CAPES, CNPq e PUC-Rio, cujos auxílios concedidos tornaram possível a realização deste trabalho.

Por último, mas não menos importante, obrigada, meu Deus, pela tua grandeza, pelo seu amor incondicional.

## Resumo

Morais, Amanda Costa Pinto de; Oliveira, Maria do Carmo Leite (orientadora). **Sentidos de mérito e meritocracia no LinkedIn**, 2022. 126 p. Tese de doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

A cultura neoliberal promoveu a ideia de que o sucesso profissional está diretamente relacionado a um trabalho de marketing pessoal, semelhante àquele desenvolvido por uma empresa para tornar sua marca visível e bem-sucedida. Nesse contexto, o sucesso ou fracasso é reconhecido como da responsabilidade exclusiva do profissional, o que aponta diretamente para a questão da meritocracia e da postura diante do sucesso. Considerando-se que o LinkedIn é visto como uma importante ferramenta para a gestão da marca pessoal, as postagens nessa plataforma são um locus privilegiado para examinar até que ponto a subjetividade do profissional se alinha aos princípios que caracterizam a racionalidade neoliberal e até que ponto há consenso sobre o sentido de mérito e meritocracia. A abordagem integra a teoria goffmaniana de face e estudos de narrativa. Os resultados revelam a internalização dos valores associados ao tipo de trabalhador desejável num mercado governado pelos princípios da qualidade e competitividade. Revela também que, numa sociedade altamente desigual, como a brasileira, não há consenso sobre os sentidos de mérito e meritocracia nem sobre a postura aceita daqueles que exaltam seus próprios méritos.

## Palavras-chave

Histórias de sucesso; Mérito; Meritocracia; perfil profissional; LinkedIn.

## Abstract

Morais, Amanda Costa Pinto de; Oliveira, Maria do Carmo Leite (Advisor). **Senses of Merit and Meritocracy on LinkedIn**, 2022. 126 p. PhD thesis - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The neoliberal culture promoted the idea that the professional success is directly related to a personal marketing work, similar to that developed by a company to make its brand visible and successful. In this context, success or failure is recognized as the exclusive responsibility of the professional, which directly points to the issue of meritocracy and posture in the face of success. Taking into consideration that LinkedIn is seen as an important tool for personal brand management, the posts on this platform are a privileged locus to examine the extent to which the subjectivity of the professional aligns with the principles that characterize neoliberal rationality and to what extent there is consensus on the sense of merit and meritocracy. The approach integrates the Goffmanian theory of face and narrative analysis. The results reveal the internalization of the values associated with the type of desirable worker in a market, governed by the principles of quality and competitiveness. It also reveals that, in a highly unequal society, such as the Brazilian one, there is no consensus on the sense of merit and meritocracy or on the accepted posture of those who exalt their own merits.

## Keywords

Success stories; Merit; Meritocracy; professional profile; LinkedIn.

# Sumário

<b>1 Introdução</b>	<b>12</b>
1.1 Objetivos da pesquisa	14
1.2 Relevância da pesquisa	14
<b>2 Do liberalismo clássico ao neoliberalismo</b>	<b>16</b>
2.1 Crise do liberalismo e nascimento do neoliberalismo	16
2.2 O neoliberalismo como racionalidade	19
2.3 A construção do sujeito neoliberal	20
<b>3 Meritocracia e Trabalho</b>	<b>24</b>
3.1 Os sentidos e as dimensões de avaliação do mérito	24
3.1.1 A dádiva moral do mérito	29
3.1.2 O mérito no evangelho da prosperidade	31
3.2 Meritocracia: hierarquizando pessoas	32
3.2.1 A meritocracia numa perspectiva cultural	34
3.2.2 A meritocracia numa perspectiva crítica	37
<b>4 Pressupostos teóricos</b>	<b>41</b>
4.1 Narrativa e história de vida	41
4.2 A apresentação do self na interação	46
<b>5 Metodologia</b>	<b>50</b>
5.1 Natureza da pesquisa	50
5.2 A história da pesquisa	52
5.3 O universo da pesquisa	54
5.4 A questão de pesquisa e os procedimentos analíticos	61
5.5 A ética na pesquisa	63
<b>6 A racionalidade neoliberal na constituição das subjetividades</b>	<b>65</b>
6.1 A história de sucesso de Sonia	65
6.2 A projeção do self neoliberal	68
<b>7 Embates de sentido</b>	<b>75</b>
7.1 Sobre mérito e meritocracia	75
7.2 Sobre sucesso	84
7.3 Sobre a postura do vencedor	92
7.4 Sobre a receita do sucesso	100
7.4.1 A receita do sucesso	101
7.4.2 Sobre a infalibilidade da receita	106
<b>8 Considerações finais</b>	<b>114</b>
8.1 limitações e encaminhamentos futuros	117
<b>9 Referências bibliográficas</b>	<b>119</b>
<b>10 Anexo</b>	<b>126</b>



## Lista de figuras

Figura 1 – pista para o sucesso	25
Figura 2 – critério de avaliação de mérito	26
Figura 3 – Equidade	27
Figura 4 – Realidade	28
Figura 5 – Tipo de reações ao conteúdo publicado no LinkedIn	59
Figura 6 – Políticas da comunidade profissional do LinkedIn	60

## Lista de siglas

QI - Quociente de Inteligência

TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

SB - Síndrome de Burnout

CEO - Chief Executive Officer

SARS-CoV-2 - severe acute respiratory syndrome associated coronavirus 2

OMS - Organização Mundial da Saúde

PPGEL - programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem

PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

CERN - Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear

JPG - Joint Photo graphics

PNG - Portable Network Graphic

MB – MEGABYTE

MP4 - Moving Picture 4

KB - Kilobyte

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

CTRL - Control

CNS – Conselho Nacional de Saúde

EUA - Estados Unidos da América

*Imagem profissional não é o modo como nos vemos.  
É o modo como os outros nos veem.*

Max Gehringer

# 1

## Introdução

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo. (...)

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida... (...)

Arre, estou farto de semideuses! (...)

Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa)  
em Poema em linha reta

O que torna uma poesia escrita entre os anos de 1914 e 1935 tão contemporânea? O “Poema em linha reta”, de Fernando Pessoa, mostra que, passado um século, continuamos querendo ser vistos como “campeões em tudo”. Nos termos de Goffman (1959 [2014]; 1967[2011]), antes como hoje, o ator social está sempre buscando impressionar o outro, procurando apresentar-se, nos encontros sociais, sob a luz que lhe é mais favorável.

Com o avanço tecnológico, as oportunidades de interação e, consequentemente, de exposição e promoção da imagem pública do *self* cresceram exponencialmente e, expressivamente no mundo do trabalho. Uma plataforma virtual que se tem mostrado locus privilegiado para a promoção do *self* de um profissional é o LinkedIn. Indivíduos, organizações, instituições usam essa rede como vitrine para exibição de seus troféus de superioridade moral.

Criado em 2003, chamado popularmente de “*facebook* de terno”, reúne uma comunidade cujos membros compartilham valores e crenças do que Dardot e Laval (2016) denominam uma racionalidade neoliberal que estrutura e organiza não só a ação dos governantes, mas também a conduta dos próprios governados.

De acordo com essa racionalidade, muda-se o modo de ver o trabalho, apagando-se as fronteiras entre vida pessoal e vida profissional. Supervaloriza-se também o papel do *marketing* como condição para o sucesso.

No caso específico dos profissionais, mudou também o que se considerava o perfil de profissional ideal. O processo de globalização trouxe em seu bojo a reciclagem dos papéis profissionais e a transitoriedade de competências e habilidades requeridas de um profissional (ECHEVESTE et. al.,1999). Impôs-se que o profissional se veja como uma empresa: a EU S.A (PETERS, 1997)<sup>1</sup>.

Como empresa, o profissional encontrou no LinkedIn um ambiente propício ao *marketing* pessoal, ao trabalho de dar visibilidade à sua marca. Grande parte dos usuários buscam apresentar-se como a mercadoria que melhor atende às demandas de um mercado de trabalho em constante mudança e altamente competitivo.

Uma ideologia associada a esse processo é a da meritocracia. Trata-se, segundo Barbosa (1999, p.22), de um sistema de regras profundamente capitalista, constituído por “um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um”.

A centralidade do mérito para o alcance do sucesso promoveu também uma outra verdade, imposta pela racionalidade neoliberal: a de que o indivíduo é o único responsável pelo seu destino socioeconômico. Diferentemente da crença de senso comum de que “o sol nasce para todos”, o sucesso, nessa cartilha, é visto como resultado de agência e liberdade individual.

O meu interesse pelo tema do mérito e da meritocracia veio, em primeiro lugar, de uma vivência passada como profissional de uma empresa da área de energia. As premiações eram feitas com base no mérito, com forte incentivo de concorrência entre os colegas. Em segundo lugar, veio da minha experiência como usuária do LinkedIn. Surpreendia-me a positividade tóxica de postagens marcadas pelo autoengrandecimento e, nessa linha, a recorrência de relatos de sucesso. Fatos como conseguir um emprego, uma promoção ou o gerenciamento bem-sucedido de um empreendimento eram enquadrados como *cases* de sucesso. Outro traço dessas postagens era que os usuários ressaltavam mais as suas qualidades do que suas habilidades. **Como explicar esses padrões?**

Outro ponto que me chamou atenção é que narrativas de sucesso nem sempre promoviam ações responsivas afiliativas. Um *post*, em especial, tornou-se o gatilho do meu interesse por esta pesquisa. Nessa postagem, uma empreendedora,

---

<sup>1</sup> EXAME. **Corra!** Tom Peters. Disponível em [https://www.pequenoguru.com.br/downloads/voce\\_e\\_uma\\_marca.pdf](https://www.pequenoguru.com.br/downloads/voce_e_uma_marca.pdf).

aqui chamada de Sonia, frente todas as adversidades enfrentadas, criticava o sistema meritocrático, por meio de uma narrativa de sucesso.

O *post* chamou atenção pela alta repercussão, quantidade de ações desafiliativas e pela linguagem nem sempre polida – e usada – naquela plataforma.

### **Como explicar esses fenômenos?**

#### **1.1**

##### **Objetivos da pesquisa**

O objetivo geral desta pesquisa é o de contribuir para um melhor entendimento do papel da tecnologia como instrumento de governamentalidade no contexto profissional.

Para alcançar essa meta, propomos dois objetivos específicos:

- (i) Identificar os princípios disciplinadores que modelam as subjetividades dos participantes naquele ambiente virtual.
- (ii) Verificar que posições definidas pelos usuários promovem embates de sentidos.

#### **1.2**

##### **Relevância da pesquisa**

Estudos sobre sucesso, mérito e meritocracia são temas explorados, especialmente, pelas Ciências Sociais e, em grande parte por meio de entrevistas ou *surveys*. O que propomos, nesta tese, é tratar esse tema com base em dados empíricos e sob a perspectiva dos estudos da fala-em-interação. Nesse sentido, pretendemos examinar como uma questão social de nível macro se manifesta no nível micro da interação.

A escolha de um ambiente virtual, como o LinkedIn, é outro aspecto que consideramos relevante. Considerando-se que o LinkedIn é a plataforma onde os profissionais buscam oportunidade de trabalho e crescimento profissional, o ambiente virtual se mostra mais propício para examinar que atributos constituem o perfil de profissional que melhor atende às demandas de um mercado de trabalho, marcado pela flexibilidade e competitividade.

A relevância deste estudo também ampara-se no fato de que ambientes virtuais favorecem comunicações mais espontâneas. Os textos nem sempre são tão planejados e editados quanto os textos escritos no mundo *off-line*. Logo, o risco que um usuário corre de se apresentar fora de face ou com a face errada (GOFFMAN, 1959) é grande, tanto para aquele que se apresentou como bem-sucedido, como para aquele que questiona esse sucesso. Nesse sentido, a análise sequencial da interação, realizada a partir de uma perspectiva êmica, se mostra mais adequada para examinar os repertórios de senso comum que orientam os (des)entendimentos sobre mérito, meritocracia e sucesso.

Finalmente, destacamos o potencial desta pesquisa para se pensar nos impactos da prática da ostentação, do marketing pessoal na construção de relações mais igualitárias e de uma sociedade mais democrática.

Para dar conta dos objetivos desta pesquisa, a tese está organizada da seguinte maneira. No capítulo 2, fazemos uma breve apresentação do conceito de neoliberalismo e no capítulo 3, contemplamos os de mérito e meritocracia. No capítulo 4, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam nossa análise. Na seção 4.1, exploramos o ferramental teórico dos estudos de narrativas e, na seção 4.2, a teoria goffmaniana de apresentação do *self* na interação. No capítulo 5, descreveremos o posicionamento metodológico e o contexto de pesquisa, bem como o corpus e os procedimentos de análise. Nos capítulos 6 e 7, apresentamos os resultados da análise. No capítulo 8, tecemos as considerações finais do trabalho, retomando as questões de pesquisa e articulando os entendimentos produzidos através da teoria e da análise dos dados, além de apresentar as limitações da pesquisa e sugerir encaminhamentos futuros.

## 2

## Do liberalismo clássico ao neoliberalismo

Na literatura o neoliberalismo é um fenômeno amplamente discutido, apesar disso, há pouco consenso sobre sua constituição (BARNETT, 2005; FLEW, 2014; VENUGOPAL, 2015), se venha ser uma continuidade ou o retorno do liberalismo. Nesta pesquisa assumimos a visão de Dardot e Laval (2016), do neoliberalismo como governamentalidade, visto que “para além da questão política, abordar o estudo do neoliberalismo pela governamentalidade não deixa de levar a certos desvios em relação às abordagens dominantes ou às linhas de clivagem estabelecidas” (ibid., p. 32).

O neoliberalismo antes de ser uma política econômica ou até mesmo uma ideologia, é antes de tudo, fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a direcionar tanto os governantes quanto os governados. Dessa forma, entendemos o neoliberalismo como “o conjunto de discurso, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (ibid., p. 17).

Para o desenvolvimento deste capítulo, na seção 2.1 trataremos da crise do liberalismo e nascimento do neoliberalismo; em 2.2 o neoliberalismo como racionalidade; e, por fim, em 2.3 a construção do sujeito neoliberal.

### 2.1

### Crise do liberalismo e nascimento do neoliberalismo

Segundo Dardot e Laval (2016) o “primeiro liberalismo”, no século XVIII, caracteriza-se pela elaboração da questão dos *limites* do governo, em que as leis foram orientadas a estimular e combinar os interesse privado, de comércio e mercado ao bem geral, de modo a visar o equilíbrio social. No século XIX surgem fraturas no “bem-estar colaborativo” entre os indivíduos, isso porque “em nenhuma parte, e em nenhum dos domínios, a ‘sociedade’ se deixa reduzir a uma soma de troca contratuais entre indivíduos” (ibid., p. 37). A “crise do liberalismo” vai dos



anos 1880 aos anos 1930, onde os reformistas sociais ganham espaço entre os países industrializados.

Segundo Foucault (2008), esta “crise do liberalismo” era muito mais complexa, ela visava uma fratura na governamentalidade, isto é, “uma crise que apresenta essencialmente o problema prático da intervenção política em matéria econômica e social e o da justificação doutrinal dessa intervenção” (ibid., p. 38). Os conflitos frente ao enfraquecimento das relações de poder da governamentalidade põe “em crise” o liberalismo dogmático.

No Colóquio Walter Lippmann, que ocorrera nos anos de 1930, discutiu-se, em suma, que o principal responsável pela crise de 1929 e a ascensão do socialismo e do modelo fordista era o liberalismo clássico, tal qual seu erro consistia numa cresça da absoluta primazia do sistema econômico sobre o político, além de não haver um entendimento claro sobre a “mística liberal”, ou seja, a distinção entre as regras de funcionamento de um sistema social e leis naturais intangíveis (ibid., p. 81). Já os liberais, em 1930, acreditavam que a livre concorrência seria o suficiente para o equilíbrio das questões políticas e legais, e as questões econômicas deveriam ser tratada separadamente, contudo, parte dos membros do Colóquio Walter Lippmann criticavam este fluxo da ordem natural. Dessa forma, propuseram uma reinvenção, na qual a lógica de mercado deveria ser vista como uma ordem construída, sem a intervenção do estado (DARDOT & LAVAL, 2016).

Enquanto os liberais discutiam sentenciosamente a extensão do *laissez-faire* (deixe estar) e a lista dos direitos naturais (ibid., p. 82), para Lippmann, perguntar-se onde se situa os limites do domínio do Estado, significava não ter nenhum senso de realidade (ibid., 83). Lippmann, ainda afirma que “apenas reconhecendo que os direitos legais são proclamados e aplicados pelo Estado é que se pode submeter a um exame racional do valor de um direito particular” (ibid., 83). Por essa sentença, podemos observar como a crítica de Lippmann resgata a ideia de governamentalidade. Ele avalia a evolução doutrinal como uma *degradação* que ocorreu entre o fim do século XVIII e o início do XIX.

Lippmann argumenta ainda que o liberalismo é mais que uma filosofia que antecede o neoliberalismo, ele a entende como “um caminho de ‘adaptação’ da sociedade e dos homens que a compõem à mutação industrial e comercial baseada na divisão do trabalho e na diferenciação dos interesses” (ibid., 89). O cerne da reflexão do pensamento de Lippmann está na palavra “adaptação”, pois a agenda

do neoliberalismo é guiada justamente pela necessidade de uma adaptação dos homens e instituições a uma ordem econômica, baseada numa concorrência generalizada (ibid., 90). Além disso, de igual forma, os métodos e estruturas de produção devem corresponder o modo de vida e mentalidades da população.

De acordo com Dardot & Laval (2016) com o neoliberalismo, constatou-se que o capitalismo inaugurou um período de revolução na ordem econômica, mas a adaptação do homem a este modelo econômico não foi fluida. Essa é a justificativa para uma política que visa à vida individual e social como um todo, que é o caso do neoliberalismo. Esta adaptação, segundo Lippmann consiste em “dar à humanidade um novo tipo de vida” (ibid. 90). Dessa forma, entende-se que o neoliberalismo está para contribuir na redefinição de um novo quadro social, moral e político que seja compatível com a nova estrutura econômica. Os autores, ainda complementam, afirmando que, esta política neoliberal “deve mudar o próprio homem” (ibid. 91). Em outras palavras, essa mudança consiste numa harmonia entre o modo de viver e pensar sob as condições econômicas às quais o homem deve se submeter. Ainda segundo os autores, essa política deve chegar ao ponto de mudar a própria maneira como o homem concebe sua vida e seu destino a fim de evitar os sofrimentos morais e os conflitos inter ou intraindividuais (ibid. 91).

Para a implementação dessa política, apostou-se na eugenia e educação da população. Assim sendo, a adaptação exige homens de qualidades superior das que dispunham os antigos. Segundo Lippmann:

“A economia necessita não apenas que a qualidade da espécie humana, que o equipamento dos homens diante da vida, seja mantida num grau mínimo de qualidade, mas também que essa qualidade seja progressivamente melhorada. Para viver com sucesso num mundo de interdependência crescente do trabalho especializado, é preciso um crescimento contínuo das faculdades de adaptação, da inteligência e da compreensão esclarecida dos direitos e dos deveres recíprocos, dos benefícios e das possibilidades desse tipo de vida” (ibid. 92).

De igual forma, uma grande política de educação da população como um todo foi implementada no sentido de “educar grandes massas, equipar os homens para uma vida em que devem especializar-se, mas ao mesmo tempo ainda ser capaz de mudar de especialidade” (ibid. 92). Assim, essa lógica adaptativa, busca a normalização de um novo modo de vida em que homens terão de mudar de cargo e

empresa, adaptar-se às novas técnicas, enfrentar a concorrência generalizada (ibid. 92).

Nesse contexto, o indivíduo é submetido a políticas de readaptação e modernização, modificando sua conduta de vida e sua percepção quanto a responsabilidade sobre seu próprio destino.

## **2.2**

### **O neoliberalismo como racionalidade**

Falar em racionalidade neoliberal significa vislumbrar a disseminação de seu modo de pensar e agir por todas as instâncias da vida cotidiana (GROHMANN, 2020). A partir da lógica da autossuficiência, vão-se construindo narrativas que não só justificam a racionalidade neoliberal, mas também a apresentam como a única possível, em um “realismo capitalista” (FISHER, 2011).

A propriedade mais cara da racionalidade neoliberal é a capacidade de gerar no indivíduo o senso de autorresponsabilidade, ou seja, consiste em “apelar à capacidade de cálculo dos sujeitos para fazer escolhas e alcançar resultados estabelecidos como condições de acesso a certo bem-estar” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 230). O que pressupõe que os sujeitos, para “ser responsáveis”, disponham de todas as ferramentas e condições necessárias para monetização de suas escolhas. Deste modo, deve-se:

“responsabilizar os doentes, os estudantes e suas famílias, os universitários, os que estão à procura de emprego, fazendo-os arcar com uma parte crescente do ‘custo’ que eles representam, exatamente do mesmo modo como se deve ‘responsabilizar’ os assalariados individualizando as recompensas e as punições ligadas a seus resultados” (ibid., p. 230).

Essa estratégia de responsabilização está ligada a um modo de “privatização” da conduta, visto que a vida é entendida como resultado de escolhas individuais. Deste modo, o fracasso e a exclusão são vistos como consequência de cálculos errados. As dificuldades de subsistência são associadas a fracasso de gestão, por falta de previsão. Daí o trabalho “pedagógico” para que cada indivíduo se considere detentor de um “capital humano” que possa lhe gerar renda de modo a garantir seu futuro. Este modelo busca disciplinar os indivíduos a cuidar de si mesmo, educar-se, gerar renda.

A estratégia neoliberal consistiu e ainda consiste em orientar sistematicamente a conduta dos indivíduos, incitando-os a “cuidar deles mesmo”, a não “contar com o próximo”, calcular e maximizar seus interesses individuais num contexto de concorrência mais hostil. A prática disciplinar advinda dessa racionalidade neoliberal, portanto, impôs-se como um dado de fato, uma realidade diante da qual não se pode fazer nada, a não ser adaptar-se.

Outro ponto a ser destacado nessa racionalidade neoliberal é a tendência em transformar o trabalhador em uma simples mercadoria. A corrosão dos direitos dos trabalhadores, a insegurança advinda de contrato de trabalho provisório e temporário, a facilidade na demissão, a precariedade do trabalho, o empobrecimento da população e diminuição do poder de compra são elementos que reforçam a dependência do trabalhador ao empregador. Este cenário naturaliza o risco no discurso neoliberal e expõe o assalariado às incertezas do mercado. Assim as empresas podem exigir disponibilidade e comprometimento muito maiores deles.

A racionalidade é eficaz na “reação em cadeia” em que ela promove, produzindo sujeito autogestionável que, por sua vez, reproduzirá, ampliará e reforçará as relações de competição entre os indivíduos, adaptando-se subjetivamente, pela lógica de autorrealização, a condições mais severas que ele mesmo produziu. Deste modo, invés do indivíduo sair da “jaula de aço” como se referia Weber, passa a construir, por conta própria, sua “jaula de aço” individual.

## 2.3

### A construção do sujeito neoliberal

A construção do sujeito neoliberal centra-se no “modo de governo de si”, no empreendedorismo (*entrepreneurship*) (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 145). Este conceito consiste na ideia de que cada um de nós é um empreendedor potencial.

Esse sistema de racionalidade configura excelência na fabricação de um novo sujeito. Sujeito este, ativo, engajado plenamente, entregue por completo a suas atividades profissionais. O sujeito neoliberal sob esta racionalidade é o sujeito do envolvimento total de si mesmo. O efeito objetivado é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo. Deste modo, elimina-se qualquer sentimento de alienação ou manipulação. O indivíduo entende que trabalha para sua própria eficácia, como se essa conduta viesse dele próprio.

Do sujeito ao Estado, passando pela empresa, um mesmo discurso voltado para a racionalidade neoliberal permite articular uma definição do homem pela maneira que ele quer ser bem-sucedido, assim como pelo modo como deve ser guiado para cumprir seus objetivos. Em outras palavras:

a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados expondo-se a risco e assumindo inteira responsabilidade por eventuais fracassos (DARDOT & LAVAL, p. 328).

Para além do empreendedorismo, Dardot e Laval (2016) afirmam que o sujeito neoliberal deve ser provido de audácia criteriosa e perseverança tenaz.

Segundo estudo realizado pela revista Exame (2016), multidisciplinaridade, senso crítico e flexibilidade são competências exigidas do profissional neoliberal, além de inovação e criatividade (CHEN; ZHANG, 2015; SORKO; IRSA, 2016).

Rojó e Percio (2019), em pesquisa feita numa instituição que visa conduzir pessoas marginalizadas à empregabilidade em Londres, observaram nas entrevistas de emprego que características como ser confiável, flexível e entusiasmado, muitas vezes são mais importantes do que ter uma boa educação ou experiência de trabalho. Afirmam que, recrutadores consideram a educação e a experiência profissional dos candidatos menos importantes do que sua integridade moral e paixão pelo trabalho.

Ainda, Echeveste et. al (1999), em pesquisa realizada em empresas de quatro estados diferentes do Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) identificou 48 atributos necessários para um profissional de excelência. Destes, os três considerados mais importantes foram: integridade, visão estratégica e liderança.

Além do fato de “o que não está mais apropriado precisa adequar-se para não ser marginalizado” (ANDRADE; MEIRA; VASCONCELOS, 2002), nesse cenário, o mercado define-se precisamente por seu caráter intrinsecamente concorrencial, onde o indivíduo tenta superar o outro na busca pelo sucesso e permanência nele, todos procuram imitar “os melhores”.

De acordo com King (2004), autogestão de carreira é o único caminho para sobreviver ao caos do mundo do trabalho, devido a sua imprevisibilidade e inconstância. É a era do EU S.A. O *self* como marca, o *self* neoliberal.

Segundo a Associação Americana de Marketing, marca é “um nome, termo, sinal, símbolo ou design, ou uma combinação deles e destina-se a identificar os vendedores e diferenciá-los dos concorrentes” (KOTLER, 1998, p. 393). A marca engloba um conjunto de atributos, tais como valores, personalidade e qualidades (CRESCITELLI; FIGUEIREDO, 2009). Para Kotler (2012, p. 258), marca pode estar relacionada não apenas ao desempenho, mas também ao seu significado.

É nesse cenário que surge o conceito de *branding*, que vai chamar atenção para a importância do diferencial de um produto/serviço de seus concorrentes. Sua essência está na diferenciação dos demais. Ele se propõe a ensinar ao outro sobre “quem” é, a “que” ele se presta e “por que” ele é a melhor opção (KOTLER; KELLER, 2006). Seu processo está na construção de estruturas mentais com foco em ajudar o possível interessado na escolha. O *branding* passa, assim, como forma de construção de uma marca partindo do pressuposto de diferença. O *branding* pode ser aplicado praticamente em qualquer campo no qual o consumidor tenha opções.

É possível colocar uma marca em um produto físico (sopas Campbell, xampu Pantene ou automóveis Ford Mustang), um serviço (Singapore Airlines, Bank of America ou supermercado Safeway), uma pessoa (o escritor Tom Clancy, a cantora Britney Spears ou o tenista Andre Agassi), um local (cidade de Sydney, estado do Texas ou país Espanha), uma organização (Unicef, ONU) ou uma ideia (legalização do aborto, livre comércio ou liberdade de expressão) (KOTLER, KELLER, 2006, p. 270).

*Branding*, portanto, não se restringe apenas a produtos e serviço, ele se estende a pessoas, mais precisamente, a profissionais atuantes ativamente no mercado de trabalho. Estes buscam manifestar atributos que sejam capazes de marcar, nas suas experiências, o consumidor/contratante.

Este processo de gestão da marca pessoal é chamado de *personal branding*. Este conceito surgiu em 1997 na revista “*fast Company*”, num artigo intitulado “*The brand called you*”, escrito por Tom Peters (1997, p. 83), que afirmava: “Somos CEOs da nossa própria empresa”. Ainda segundo o autor, a marca pessoal se refere a um “signo de distinção”. Este é individual, característico, próprio da pessoa.

Para Peters (1997), os indivíduos possuem suas próprias marcas e são responsáveis por elas, assim como as organizações. Num mercado altamente competitivo, gerir a carreira pessoal se torna o melhor caminho para se destacar dos demais. Dessa maneira, o profissional deve identificar suas características

distintivas, seus atributos e destacá-los. O indivíduo já não se define apenas por sua função, mas antes, pelos projetos e valores que desempenha no percurso de sua carreira.

Na verdade, embora a denominação de *personal branding* seja relativamente recente, já existem diversas definições na literatura. Para Rampersad (2008, p. 34), *personal branding* é “uma síntese de todas as expectativas, imagens e percepções, criadas nas mentes dos outros quando somos falados”. Para Karaduman (2013), é o processo pelo qual as pessoas são assinaladas como marca, com intenção de criar valor. Ainda sobre valor, Potgieter et al. (2017) afirmam que o *personal branding* é um conjunto de percepções significativas sobre os valores e qualidades de um indivíduo. Já Gorbato et al. (2018) definem *personal branding* como um processo estratégico de criar, posicionar e manter uma impressão positiva de si mesmo. Segundo essas definições, o que temos em comum é o fato de que a gestão desse processo pode influenciar na forma como as outras pessoas veem, entendem e pensam a respeito do indivíduo.

Visto isso, as redes sociais acabam também servindo como vitrines para a exposição do profissional (MORGAN, 2011). Algumas das estratégias para a autopromoção de si é a criação de perfil *online* nas redes sociais (LABRECQUE et al., 2011). Atualmente, redes como LinkedIn são cada vez mais utilizadas com esse intuito (MORGAN, 2011). Deste modo, podemos considerar que estamos perante a construção de um *self* neoliberal, através da autogestão a nível da racionalidade neoliberal (ROBERTS, 2005) na selva mercadológica digital.

### 3

## Mérito e Meritocracia

Neste capítulo, introduzimos os conceitos de mérito e de meritocracia, questões centrais para o desenvolvimento de nossa proposta de pesquisa. Na seção 3.1, apresentamos alguns dos sentidos de mérito e discutimos a complexidade de suas dimensões avaliativas. Na seção 3.2, introduzimos o poder do mérito, isto é, a meritocracia, examinando, numa perspectiva cultural e crítica, os modelos de hierarquização e premiação baseados no mérito adotados por organizações empresariais.

### 3.1

#### Os sentidos e as dimensões de avaliação do mérito

A noção de mérito, no senso comum, nos remete à de reconhecimento de traços, como competência, talento, dentre outros, que distinguem pessoas como mais capazes do que outras para o desempenho de determinadas tarefas.

Etimologicamente, a palavra mérito origina-se do Latim *meritus/meritum*, que designa “merecimento”. Ao longo da Idade Média, a noção de merecimento adquiriu sentidos específicos em determinados contextos. No discurso religioso, mérito remete a favor divino; no jurídico, à punição; no militar, à honraria.

No que se refere ao contexto organizacional, mérito está relacionado, primordialmente, à capacidade de determinados indivíduos de produzir resultados que sejam significativos, numa cultura de mercado altamente competitiva. Em um sistema meritocrático, numa cultura igualitária, os trabalhadores serão aferidos e hierarquizados de acordo com a qualidade do seu desempenho, em virtude de seus talentos, dedicação, capacidade de alcançar os objetivos e outros mecanismos que respaldam o reconhecimento do mérito. Entretanto, do ponto de vista socioeconômico, o mérito excede os limites dessa lógica.

Segundo Sandel (2021), a ideia de que a sociedade deveria alocar recompensas econômicas e cargos de responsabilidade conforme o mérito é, por um lado, atraente. Numa sociedade igualitária, o sentido de eficiência e justiça



estaria preservado. Assim como há mais lógica em contratar alguém pela eficiência, do que por incompetência, da mesma forma seria injusto discriminar o candidato mais qualificado por ser membro de um grupo que sofre preconceito social, como o de raça, religião ou gênero. Um sistema econômico que recompensa o talento afastaria qualquer distribuição de posição com base em favoritismo.

A ideia de uma sociedade que recompensa o mérito é também atraente porque promove a crença de que podemos deixar de ser vítimas das circunstâncias quando nossos talentos são reconhecidos. Isso nos tornaria livres para ascender até onde nossos esforços, talento e sonhos nos levarem.

Já em contextos sociais marcados por extrema desigualdade, a questão do mérito pode não ser tão atraente para alguns membros dessas sociedades. Por essa lógica, recebemos o que merecemos, independentemente, de onde partimos, isto é, das circunstâncias socioeconômicas a que estão submetidos os indivíduos. Nesse sentido, é possível mensurar o mérito se a régua parece estar descompensada?

Entretanto, do ponto de vista socioeconômico, o mérito excede os limites dessa lógica. A desigualdade na distribuição de renda coloca alguns indivíduos em condições mais vantajosas do que outros, seja em termos das oportunidades de ter acesso à educação ou de tornar visível seus méritos. Para os membros de classes sociais favorecidas, a pista para o sucesso é mais plana, menos tortuosa e, em algumas culturas, pode até ser encurtada devido aos apadrinhamentos. Já para os membros das classes desfavorecidas, a estrada é mais tortuosa, cheia de obstáculos até a reta da chegada e, o pior, cheia de bloqueios.

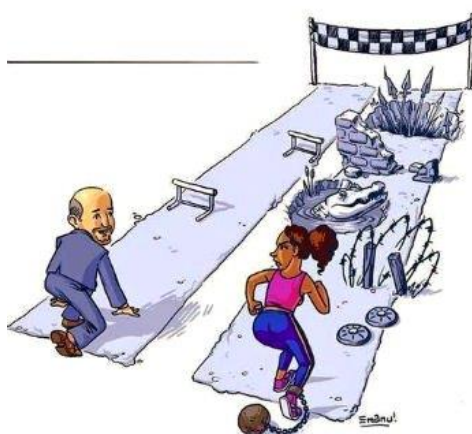


Figura 1 – pista para o sucesso<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.todamateria.com.br/meritocracia/>

Na figura 1, observamos um que, para muitas categorias sociais, há bloqueios. Mulheres, negros, pobres, enfrentam o bloqueio no mercado de trabalho de natureza discriminatória. No caso das mulheres, por exemplo, a maternidade e a exigência de uma dupla jornada numa sociedade machista, não só dificultam o acesso a esse mercado, como também inviabilizam que ela complete o circuito.

Apesar dessa realidade, a lógica de merecimento privilegia aqueles cujos talentos produzem desempenhos com resultados excepcionais. É por esses critérios e outros mecanismos que trabalhadores são aferidos e hierarquizados.

O reconhecimento do mérito coloca uma questão: como avaliar merecimento quando os indivíduos saem de diferentes pontos de partida?

Vejamos a ilustração abaixo.



Figura 2 – critério de avaliação de mérito<sup>3</sup>

Na figura 2, ilustra, de forma jocosa, o quanto os critérios de avaliação de mérito, num processo de seleção, podem ignorar alguns fatores individuais e sócio-históricos. Uma das possibilidades de tornar o sentido de mérito mais justo é a equidade social. Por esse princípio, seria dado a cada indivíduo aquilo de que necessita para que tenha as mesmas oportunidades. Assim como a igualdade, a equidade, portanto, seria uma outra tentativa de igualar a linha de partida, considerando as diferenças. Vejamos a ilustração que se segue.

<sup>3</sup> Fonte: <https://www.todamateria.com.br/meritocracia/>

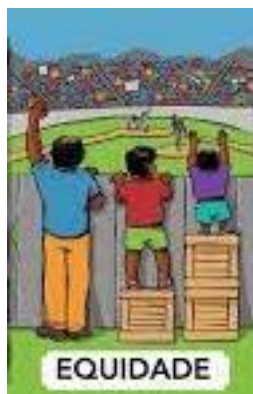


Figura 3 – Equidade <sup>4</sup>

Na figura 3, foram criados artifícios para que os três indivíduos pudessem estar em condição de igualdade de visão do campo. No cotidiano brasileiro, esses artifícios são representados pelos programas sociais (aluguel social, minha casa minha vida, bolsa família e etc.), que visam a dar subsídios às pessoas de baixa renda, na linha ou abaixo da pobreza. Espera-se que, a partir dessa perspectiva, a concorrência seja menos injusta.

O significado do poder do mérito – a meritocracia – também varia de cultura para cultura. Como acentua, Livia Barbosa (1999), há falhas nesse processo no contexto organizacional brasileiro. A métrica utilizada nas avaliações aponta para os apadrinhamentos, o coletivismo, os QI (quem indicou) ou até mesmo a falta de compreensão dos programas sociais. Há uma crença popular de que os benefícios oferecidos aos desfavorecidos viabilizam a preguiça do indivíduo, são um meio de sustentar “vagabundos”. Todos estes argumentos representam rachaduras que impedem qualquer tipo de avaliação justa sobre o mérito. Abaixo temos a ilustração da crítica a esse sistema.

---

<sup>4</sup> Fonte:

<https://m.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/1553699491353099/?type=3&p=30>



Figura 4 – Realidade<sup>5</sup>

A ilustração acima representa as desigualdades existentes na prática. O que observamos é a discrepância da diferença de posições, ponto de partida, entre os indivíduos. Como mostra a letra de uma música popular, Num país “onde o rico cada vez fica mais rico e o pobre cada vez fica mais pobre, e o motivo todo mundo já conhece: é que o de cima sobe e o de baixo desce”<sup>6</sup>, a desigualdade é um obstáculo ao reconhecimento de determinados méritos. Pessoas abaixo da linha da pobreza só conseguem ser reconhecidas por seus méritos em determinados campos, como o esporte e, assim mesmo, quantas não são descobertas por olheiros, e quantos continuam invisíveis.

Apesar desse contexto brasileiro deplorável de desigualdade, o mérito ainda é considerado um mecanismo, quiçá o único, relevante para a mobilidade social dos membros das classes desfavorecidas. Mas, ao mesmo tempo, o mérito imputa ao indivíduo a total responsabilidade pelo sucesso ou fracasso. Isto compõe o lado mais tirano do ideal meritocrático, a vencer pelo próprio esforço (SANDEL, 2021).

Responsabilizar as pessoas pelas coisas que elas fazem é bom, até certo ponto. Mas uma coisa é responsabilizá-las por agirem de acordo com a moral; outra coisa é pressupor que somos totalmente responsáveis por nossa sina. É interessante observar que, linguisticamente, “sina” sugere um resultado determinado por

<sup>5</sup> Fonte:

<https://m.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.177940715595657/1553699491353099/?type=3&p=30>

<sup>6</sup> Música Xibom Bombom de autoria de Rogério Gaspar e Wesley Rangel, que se tornou conhecida pela banda de axé As Meninas, lançada em 1999 pela Universal Music.

destino, sorte ou providência divina, não por nosso esforço. Indica, para além de mérito e escolha, o âmbito da sorte e do acaso ou, em alguns casos, da graça. Talvez, isto justifique porque os primeiros debates mais significativos sobre mérito não eram sobre renda nem emprego, mas sobre graça divina (SANDEL, 2021). Visto esse complexo contexto, devemos considerar o mérito como algo que conquistamos ou que recebemos como dádiva?

### 3.1.1

#### A dádiva moral do mérito

A noção de que nosso destino reflete nosso mérito está arraigada nas instituições da cultura ocidental. Na teologia bíblica, colheitas abundantes estão associadas a recompensas divinas por bom comportamento, enquanto secas e pragas estão relacionadas a punições por pecado. Esta perspectiva pode parecer ingênua, mas ela é a origem do pensamento meritocrático (SANDEL, 2021). Em outras palavras, na visão contemporânea, isto significa relacionar: talento e trabalho árduo; pobreza e apatia.

Na perspectiva bíblica, dois traços sugerem o sentido de mérito: a ênfase na agência humana e o rigor direcionado às pessoas que sofrem de má sorte (SANDEL, 2021). Apesar de Deus ser quem concede recompensas e castigos, ele não o faz de forma aleatória, mas sim segundo o mérito individual. Assim, entende-se que os indivíduos conquistam a graça divina e, portanto, merecem seu destino. Da mesma forma, está a lógica das pessoas que sofrem de má sorte. Quanto maior for o sofrimento, maior será a suspeita de que a vítima atraiu isso para ela.

A questão do mérito reaparece em debates cristãos sobre salvação. O cerne dos debates consiste na ideia de onipotência de Deus. Indaga-se quem confere a salvação, se ela é conquistada ou dada. Em outras palavras, a salvação é conquistada por boas ações ou Deus está totalmente livre para decidir a quem dar independente de seus atos? A primeira opção parece mais justa, mas levanta um problema sobre o poder de Deus, já que Ele será obrigado a conceder a salvação pelo mérito. A segunda opção confere a Deus o poder total, mas implica a responsabilidade por tudo no mundo, até mesmo a maldade e injustiça existente. Uma forma de solucionar esse problema foi atribuir a salvação ao livre-arbítrio. Isso transfere a responsabilidade do bem/mal de Deus para os indivíduos.

A reforma protestante nasceu de um argumento contra o mérito. Martinho Lutero, seguindo Santo Agostinho, associa a salvação à graça divina, uma dádiva imerecida. Não são considerados os esforços para conquistar a benevolência de Deus. Aliás, agir como se pudesse convencer Deus de nosso mérito seria tão presunçoso que chegaria a ser considerado blasfêmia.

Assim como Lutero, João Calvino, cuja teologia inspirou os puritanos, defendia que a salvação era uma questão de graça divina e não mérito, contudo a salvação passa a ser predestinada. O suspense de não se saber quem está entre os escolhidos (vencedores) ou os condenados (perdedores) levanta uma versão da ética do trabalho: uma vez que o indivíduo é chamado por Deus para trabalhar em uma vocação, trabalhar com dedicação nesse chamado é sinal de salvação. É difícil, contudo, evitar o pensamento de que Deus não irá recompensar o trabalho. Dessa forma, o que seria o sinal de salvação, passa a ser entendido como fonte de salvação.

O conceito calvinista de obra por vocação evoluiu para a ética puritana do trabalho. Ficou difícil evitar a implicação meritocrática de que a salvação é conquistada, e que o trabalho é a fonte de salvação, o caminho para o sucesso.

A doutrina calvinista de predestinação traz a concepção de que sucesso é uma boa indicação de quem está destinado à salvação. Esta comprovação, pelo estado de graça, ocasiona o retorno do mérito.

Em suma, é possível notar o quanto a ética protestante do trabalho corroborou para a construção do modo meritocrático de pensar. Ela revelou também o lado negativo da responsabilidade do indivíduo de vencer pelo próprio esforço, além de contribuir para uma postura arrogante resultante da crença no próprio mérito. Muito do que vamos observar nos dados aqui examinados, como veremos, carrega marcas da contestação da visão teológica sobre mérito.

O que se observa, atualmente, é que à medida que a fé em Deus diminui, a confiança na agência humana se fortalece. Quanto mais o indivíduo se entende como autossuficiente, capaz de conquistar pelo próprio esforço, menos há motivos para se sentir em dívida pelo sucesso.

Essa dissociação da fé providencial, contudo, não é completa. A questão do livre arbítrio responsabiliza o indivíduo pela sua própria ascensão social, um ponto central na meritocracia. Mantém-se também a certeza de que as pessoas bem-sucedidas merecem seu sucesso, um combustível perfeito para a arrogância de vencedores e para a humilhação dos perdedores.

Segundo Sandel (2021, p. 61) Max Weber observou:

Os afortunados raramente se contentam com o fato de serem afortunados. Além disso, necessitam saber que têm o direito à sua boa sorte. Desejam ser convencidos de que a “merecem” e, acima de tudo, que a merecem em comparação a outros. Desejam acreditar que os menos afortunados também estão recebendo o que merecem.

Como se pode observar, essa crença reflete um resíduo de fé providencial que persiste no vocabulário moral sobre o mérito. Ela moraliza o sucesso, ou seja, apesar de o sucesso não ser considerado de responsabilidade divina, os indivíduos ascendem graças ao esforço e ao trabalho árduo, logo o sucesso reflete a virtude superior do indivíduo. Nesse sentido, o sucesso – inclusive o econômico – atesta a virtude do indivíduo: pessoas ricas são ricas porque merecem. Num contexto de desigualdade social, santificam-se os vencedores e difamam-se os perdedores.

### **3.1.2 O mérito no evangelho da prosperidade**

Em décadas mais recentes, o cristianismo produziu uma versão mais entusiástica da fé providencial. O chamado “evangelho da prosperidade” insere e busca satisfazer os anseios dos indivíduos, afirmando que Deus recompensa a fé com abundância e saúde. De acordo com Pieratt (1993) essa doutrina

“tem resposta para algumas das esperanças mais profundas que as pessoas têm na vida, ou seja, o desejo de ter saúde e prosperidade financeira. Além disso, encaixa-se bem nas pressuposições culturais da sociedade ocidental, no sentido de que as boas coisas da vida não devem ser evitadas, mas buscadas e aproveitadas (...)” (idem, p.12).

Ao relacionar a obtenção da benção nas coisas que devem ser buscadas e aproveitadas, esse evangelho, segundo Pieratti enfatiza a agência e arbítrio dos indivíduos. A consciência de ser abençoado pode ser ilustrada na fala do evangelista W. Kenyon que, no início do século XX, incentivava os cristãos a proclamarem: “O dom de Deus é meu. A força de Deus é minha. O sucesso dele é meu. Eu sou um vencedor. Eu sou um conquistador” (SANDEL, 2021 p.65). Pela lógica desse evangelho, o indivíduo é bem-sucedido, rico e saudável porque é abençoado.

Esclarece ainda Sandel (p. 66) que o abençoado pode ser um termo que expressa gratidão: “obrigado, Deus, eu não conseguiria isso por mim mesmo”. Mas pode também sugerir autorreconhecimento de mérito: “Obrigado, eu, por ser o tipo de pessoa. que entende as coisas”. Este último é a modelagem perfeita para aqueles que acreditam na ascensão social baseado em trabalho duro.

Já no século XXI, tornou-se difícil diferenciar o evangelho da prosperidade, com seu apelo ao trabalho árduo, à mobilidade e ascensão social, incorporada na ideia do sonho americano, como aponta Livia Barbosa (1999). Reforça-se ali a crença de que a prosperidade é um sinal de virtude e de que ela resulta do reconhecimento de que o indivíduo é responsável por seu destino. Em resumo, na teologia, a salvação é uma realização, é algo que conquistamos. Com esforço e fé suficiente, todos conseguirão conquistar saúde e abundância.

É à luz dessa discussão sobre mérito, que propomos examinar que sentidos de mérito emergem nas postagens que propomos analisar nesta pesquisa.

### 3.2

#### **Meritocracia: hierarquizando pessoas**

O termo meritocracia foi criado pelo sociólogo britânico Michael Young na década de 50. Em seu livro intitulado *The Rise of Meritocracy, 1870-2033: an Essay on Education and Equality*, publicado pela primeira vez em 1958, o autor questionou sobre o que aconteceria se, um dia, as barreiras de classe fossem superadas de tal forma que todo mundo tivesse uma oportunidade verdadeiramente igual de ascender com base somente no próprio mérito, cujo critério de avaliação seria o teste de QI (Quociente de Inteligência).

Em resposta, Young, de modo satírico, formula uma ficção futurista sobre um sociólogo que, em 2034, busca fazer um levantamento dos últimos 160 anos do sistema educacional da Grã-Bretanha, marcados pela ascensão e queda de um sistema de ensino pautado nesses testes, que definiam, em plena infância, quem iria trilhar os caminhos acadêmicos, técnicos ou braçais.

A distopia do autor traz a “inteligência acadêmica” como mérito para a estratificação social. Quando um determinado grupo alcança o poder pelo mérito, ele possui a prerrogativa de ditar as ordens, subjugando “os de baixo”, “os



perdedores”. A meritocracia é, para o autor, uma das mais importantes ideologias e o principal critério de hierarquização social da modernidade.

Uma das formas de hierarquização denunciadas por Sandel (2021), em seu livro “A tirana do mérito”, é o poder da riqueza. Logo na introdução de sua obra, o autor relata um caso de um esquema de fraude em exames de seleção de universidades americanas, vistas como a principal porta de entrada para prosperidade e prestígio. Para passar por essa porta, pais contratavam o serviço ilícito de um consultor educacional, chamado William Singer, que pagava inspetores dos exames para aumentar a nota dos estudantes e subornava treinadores para que indicassem candidatos como atletas recrutados, ainda que os estudantes não praticassem o esporte em questão.

A descoberta desse esquema foi um escândalo tão emblemático que levantou questões maiores sobre quem sai na frente e por quê. O escândalo foi visto como um evidente instante de uma injustiça ainda maior: o papel da riqueza e do privilégio no ingresso em uma universidade.

Holofotes foram direcionados também à atenção especial que universidades estadunidenses concedem aos ex-alunos doadores. Singer reconheceu que uma doação grande pode colocar candidatos de qualificação medíocres para dentro, “pela porta dos fundos”.

Outro ponto levantado pelo autor foi o reconhecimento de que quanto mais rica for a família do candidato, mais alta provavelmente será a nota, vista a capacidade de investimento na preparação do aluno. Críticos indicam essa desigualdade como prova de que a educação superior não é meritocrática como se afirma ser.

Buscando explicação para a fraude, o autor comenta também porque pais se propuseram a cometer fraude para colocar os filhos em universidades renomadas. A resposta é simples: à medida em que a desigualdade e a distância entre rendas aumentavam entre pessoas com e sem formação universitária, a universidade passou a ter mais importância, o diploma passou a ser visto como o principal veículo da mobilidade ascendente ou de permanência confortável de classe.

Em uma sociedade desigual, aqueles que alcançam o topo querem acreditar que seu sucesso tem uma justificativa moral. Em uma sociedade meritocrática, isso significa que os vencedores devem acreditar que conquistaram o sucesso através do próprio talento e empenho. Os pais corruptos estavam à procura dessa dádiva para

os filhos, o sinal distintivo meritocrático que o ingresso às faculdades de elite confere.

Sandel lembra, no entanto, que, mesmo uma entrada legítima na universidade, não é resultado apenas da dedicação e empenho individual. Há outros fatores que contribuíram para tal conquista. Pais, professores, circunstâncias, investimentos e outros fatores cooperam para o sucesso. Uma conquista justa e obtida com grande esforço induz a impressão de que chegamos lá por conta própria. Com isso, o sucesso é visto como resultado das próprias ações, e o fracasso, como culpa de si mesmo.

Em entrevista à revista IstoÉ<sup>7</sup>, o psiquiatra Roberto Shinyashiki, afirma que, “na maioria das vezes, são promovidos aqueles que fazem o jogo do poder”, ou seja, aquele que “embora a autoestima esteja baixa, faz pose de que está tudo bem”. Segundo o psiquiatra, esse sistema, em sua percepção, “cria pessoas arrogantes” incapazes de demonstrar humildade diante de algo desconhecido ou dificultoso em ser alcançado.

### 3.2.1

#### A meritocracia numa perspectiva cultural

Uma obra brasileira de referência sobre meritocracia, do ponto de vista cultural, é a de Livia Barbosa (1999). Em seu livro, “Igualdade e Meritocracia: A ética do desenvolvimento nas sociedades modernas”, a autora nos apresenta duas faces da ideologia meritocrática, uma negativa e outra positiva. A primeira, negativa, se dá pelo consenso: os sujeitos concordam que todo mérito deve ser conquistado, não atribuindo importância a variáveis econômicas e sociais dos indivíduos. A segunda, positiva, aponta para as múltiplas interpretações acerca de como avaliar o desempenho (talento, esforço e habilidade), considerando-se as origens da desigualdade social. A partir desse quadro, a autora compara o sentido de meritocracia em três sociedades: a norte-americana, a brasileira e a japonesa.

No que se refere à sociedade norte-americana, a ideologia meritocrática se constituiu em contraste com as sociedades europeias. O desempenho e o esforço

---

<sup>7</sup> Conferir: [https://istoe.com.br/12528 CUIDADO+COM+OS+BURROS+MOTIVADOS+.](https://istoe.com.br/12528-CUIDADO+COM+OS+BURROS+MOTIVADOS+/) Acesso em 08/09/2022.

próprio são considerados ferramentas para a mobilidade social, afastando qualquer relação de ascensão por meio de privilégios hereditários.

Essa visão norte-americana é sustentada pelo princípio da igualdade de oportunidade oferecida a todos os cidadãos. A partir desse princípio, o sucesso é visto como de responsabilidade única do próprio indivíduo. Numa analogia com a saga do herói norte-americano, cabe ao indivíduo sair sozinho em busca do sucesso, por meio de suas aptidões e proatividade. Nesse sentido, como esclarece a autora, o igualitarismo norte-americano não significa que todos são iguais, mas sim que todos possuem as mesmas chances de utilizarem seus talentos individuais em benefício próprio. O que vai diferenciar os indivíduos é o talento pessoal e o esforço investidos para alcançar os seus objetivos. As diferenças, portanto, são entendidas como desigualdades naturais, uma vez que são vistas como parte das características humanas. Interpretar as desigualdades naturais como marca de distinção perante a lei seria qualificado como uma desigualdade moral. Desta forma, o desempenho é a métrica que diferencia e atribui valor social aos indivíduos, cuja dignidade está baseada na valorização positiva do trabalho.

Essa ideologia de desempenho norte-americano é o que permite a sociedade categorizar os indivíduos em *winners* e *losers* (vencedores e perdedores) e ainda destacar aqueles reconhecidos como os melhores (*star system*).

No que diz respeito à sociedade brasileira, segundo a autora (1999, p. 49), os fundamentos de uma sociedade igualitária e de uma ideologia meritocrática já eram contemplados na primeira Constituição brasileira, de 25 de março de 1824. De acordo com o art. 179, item XIV, “todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos ou militares, sem outra diferença que não seja por seus talentos e virtudes”.

No entanto, já à época, o que estava no discurso – o mérito como critério de admissão ao serviço público – não se verificava na prática. Como relata a autora, Rui Barbosa, no período em que esteve à frente do Ministério da Fazenda (1889-1891), escreveu cartas em que solicitava emprego, promoção, transferência e remoção em prol de seus parentes e amigos.

A relação tênue e tensa entre os critérios meritocráticos e as relações pessoais na história da meritocracia na cultura brasileira permaneceu ao longo do tempo, como descreve Barbosa, na década de 70, foi promulgado o Decreto Lei nº 80.602 de 1977 que propunha um novo sistema de avaliação, no intuito de extinguir

os apadrinhamentos. Apesar disso, o que se observou foi que os mais bem avaliados eram os apadrinhados. Em consequência, os chefes, temendo insatisfações entre os funcionários, avaliavam todos positivamente. Em 1980, esse sistema foi substituído por outro, que, por sua vez, gerou promoções tendo como critério a antiguidade.

Barbosa (1999) entende que o Brasil possui sistemas meritocráticos, mas rejeita a ideologia meritocrática. Diferente da sociedade norte-americana, aqui as desigualdades não são naturais, elas provêm de diferenças de condições sociais. Há aqui um assujeitamento diferente do norte-americano, que está para ação e mudança pelo esforço próprio. No cenário brasileiro, o assujeitamento está apenas para a sobrevivência, face às condições históricas e às barreiras impostas a quem não nasceu num “berço de ouro”. Aquele que supera todas as limitações do seu contexto social de origem e alcança o sucesso pode ser considerado um herói.

Outro ponto de diferença identificado é o significado do trabalho. Para os norte-americanos, o trabalho é visto como algo que dignifica o homem; já para os brasileiros, o trabalho está relacionado à escravidão, exploração. A dignidade do homem no Brasil está relacionada à ociosidade. Portanto, nesse contexto, a competição se torna algo negativo, dada a desigualdade de recurso. Então, avaliar nessas condições se torna impraticável e ocasiona o sentimento de injustiça daqueles que se dedicaram, mas não tiveram suas produções consideradas na avaliação. Para amenizar essa situação, segundo Barbosa (1999, p. 70), a melhor forma é dizer: “no Brasil, desempenho não se avalia, se justifica”.

Outro ponto de diferença relevante é o fato de que, no Brasil, querer reconhecimento público por desempenho individual é visto de forma negativa. Para ilustrar sua tese, a autora traz a história do jogador de futebol Romário. Romário foi cedido ao Flamengo pelo Barcelona por US\$4,5 milhões, no primeiro semestre de 1995. O jogador foi recebido com todas as glórias e honras possíveis pelos brasileiros, contudo o comportamento mais “livre” em sua vida pessoal gerou alguns conflitos, como a interpretação de falta de profissionalismo por parte do jogador. Cobrado por isso, Romário respondeu que queria ser cobrado pelo seu desempenho em campo, e não pelo que fazia fora dele. Essa declaração gerou repulsa por parte da torcida e profissionais do esporte. Ele foi taxado como arrogante. Por mais que o brasileiro saiba da competência do outro, seja no meio esportivo ou numa organização, por exemplo, o reconhecimento é neutralizado por

argumentos de ordem moral, ou seja, a dimensão profissional das relações é anulada pelo vínculo social numa avaliação.

No que se refere à sociedade japonesa, a autora destaca a sua natureza coletivista. A individualidade ocorre de forma mais restrita a lugares, como centros religiosos, por exemplo, em que as diferenças são reconhecidas e consideradas “positivas” e investidas em interesse do grupo. Diferentemente dos EUA, o controle dessa individualidade aplicada em prol do benefício grupal é o que garante a bem quista e desejada harmonia social.

Um exemplo citado pela autora é o sistema escolar japonês. Desde o jardim-de-infância, as crianças são orientadas a cooperar nas atividades grupais; aquelas que se recusam são rechaçadas pelos demais. Dessa forma, as crianças aprendem desde cedo a importância da cooperação coletiva para não serem rejeitadas socialmente.

No Japão, o desempenho individual não é consequência de mecanismos internos, como na sociedade norte-americana, nem de variáveis históricas como no Brasil. Lá, o desempenho é medido pela combinação do indivíduo com o grupo a que ele pertence, ou seja, as habilidades específicas, somadas à dedicação e ao talento, fazem com que o esforço individual seja reconhecido, porém não enaltecido.

O estudo de Barbosa revela, portanto, o peso da variação cultural no grau de adesão à ideologia meritocrática e aos sistemas meritocráticos postos em funcionamento.

### **3.2.2**

#### **A meritocracia numa perspectiva crítica**

Apesar dos seus aspectos positivos, a meritocracia tem alimentado crenças que nem sempre se sustentam. Uma delas é o “crie suas oportunidades”. Em sociedades em que a renda está concentrada nas mãos de uma minoria, as oportunidades não são igualmente distribuídas. Não basta querer a mobilidade social para conseguir. Só o esforço não é suficiente. É preciso muito preparo para atravessar a linha de chegada, porque nem tudo depende da agência humana.

Numa sociedade como a brasileira, mesmo entre aqueles que tiveram mais oportunidades, há os que são beneficiados pelas chamadas oportunidades

hereditárias. A expressão “filho de peixe, peixinho é”, muitas vezes não se refere apenas a uma herança de talento, mas de um sobrenome que abre portas, isto é, “cria oportunidades”.

Além da influência do sobrenome, as oportunidades aqui também são criadas em função das relações pessoais. Critério de mérito como o quociente de inteligência (QI) é substituído por outro QI: o conhecido, o chamado “quem indica” – o que não está atrelado, necessariamente a competência. No lugar do sistema meritocrático, o que predomina é o nepotismo, fisiologismo e privilégios corporativos. Logo, o dito motivacional “o meu sim chegou, vá atrás do seu” só faz sentido entre aqueles que têm acesso às mesmas oportunidades.

Um olhar mais crítico e menos local é apresentado por Richard Sennett (2019), em seu livro “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo”. Um dos seus alvos é o mérito hoje dado a pessoas vistas como flexíveis.

Como lembra o autor, o sentido de flexibilidade originou-se da observação do movimento das árvores que, diante de ventania forte, se dobram, mas não quebram. Em analogia, é esperado do trabalhador do capitalismo flexível que ele seja resiliente e se ajuste às mudanças contínuas. Mas o que vemos, muitas vezes, é que o ajuste implica o quebrar-se.

A partir de uma pesquisa sobre como trabalhadores de diferentes gerações entendem as relações e concepções de trabalho, no capitalismo clássico e no capitalismo flexível, Sennett, nos traz dois perfis de trabalhadores.

Os representantes dos dois modelos são Enrico, um trabalhador fordista, caracterizado como aquele que vive as amarras da burocracia, segundo a metáfora Weberiana, aprisionado à jaula de ferro de “uma estrutura burocrática que racionalizava o uso do tempo” (SENNETT, 2019, p. 14). Sua vida laboral era linear, rotineira, cumulativa, de longo prazo e com escassez de tempo para as atividades e desenvolvimento pessoal.

Já Rico, o filho de Enrico, representa o trabalhador do capitalismo flexível, do trabalho de curto prazo, sem estabilidade, com mudança frequente de moradia e laços familiares frágeis. Essa nova rotina burocrática e a busca de flexibilidade que promoveu uma falsa sensação de liberdade, trouxeram, na verdade, novas estruturas de poder e controle e o que caracteriza como um novo tipo de caráter: “o homem motivado, decidido a provar seu valor moral pelo trabalho” (SENNETT, 2019, p.

125); um indivíduo que, responsável por seu tempo, é o único responsável por seu sucesso ou fracasso. Contudo, quando o fracasso chega, “diante da destruição da esperança e do desejo, a preservação de nossa voz ativa é a única maneira de torná-lo suportável” (SENNETT, 2019, p. 161).

Se pensarmos que o mérito está associado a determinados atributos do perfil profissional e que a ênfase na agência humana é uma estratégia de transferir para o indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, entende-se por que ditos motivacionais como os citados operam para retroalimentar o sistema meritocrático.

Nesse sentido, pode-se dizer que a meritocracia traz em seu bojo a competição, o individualismo, a falta de empatia.

Byung-Chul Han (2019) denuncia esse comportamento, apontando para a falta de sensibilidade de si mesmo, dos próprios sentidos, do excesso de positividade e, conseqüentemente, de seus efeitos na mente dos indivíduos. Ele destaca que, na chamada sociedade de desempenho, todos precisam performar ao máximo. Essa exigência é a principal causa para o frequente aparecimento de doenças neuronais como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (*Borderline*) e síndrome de *Burnout* (SB). “São estados patológicos devidos a um exagero de positividade” (HAN, 2019, p. 14). Essas doenças psíquicas são expressões da crise da liberdade, pois elas se transformam muitas vezes em coerção: “o sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo” (HAN, 2020, p. 10). “É agressor e vítima ao mesmo tempo” (HAN, 2019, p. 28).

Na extenuante cultura da “positividade”, da “meritocracia” ou do “faça você mesmo”, o pensamento de que não é possível tocar o inalcançável só se torna possível em uma sociedade que acredita que nada é impossível. O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador em um empreendedor, que explora a si mesmo para sua própria empresa. Logo “o explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos” (HAN, 2019, p. 30).

Quem fracassa na sociedade neoliberal do desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso, ou seja, o sistema não permite que emergja qualquer resistência

ao próprio sistema (HAN, 2020). Nesse sentido, o neoliberalismo é um sistema muito eficiente.

Em conclusão, a meritocracia e seu sistema têm, atualmente, funcionado como ferramenta garantidora da perpetuação dos privilégios, mantenedora de classes, e, ao mesmo tempo, causadora de grandes frustrações e doenças mentais. Devido à força desse discurso, qualquer discurso diferente dessa lógica meritocrática pode causar um violento estranhamento daqueles que acreditam fielmente no sistema.



## 4

### Pressupostos teóricos

Neste capítulo, apresentamos os pilares teóricos que balizaram a abordagem analítica dos dados aqui examinados. Considerando que o LinkedIn é um ambiente propício à produção de histórias de vida e de sucesso, apresentamos, na seção 4.1, uma breve revisão dos estudos da narrativa a partir de Labov e Waletzky (1967); Bamberg e Georgakopoulou (2008); Linde (1993). Considerando-se também que os usuários dessa plataforma estão orientados, em suas postagens, para a construção de uma imagem pública delineada em termos de atributos sociais aprovados pelo mercado de trabalho, retomamos aqui os estudos pioneiros de Goffman (1959 [2014]; 1967[2011]), sobre apresentação do *self* e gerenciamento de impressões.

#### 4.1

##### Narrativa e história de vida

Por diversos momentos no cotidiano estamos ouvindo histórias e narrando acontecimentos. Segundo Riessman (2008, p. 8) as pessoas utilizam a narrativa “para lembrar, argumentar, se justificar, persuadir, entreter, e até mesmo para enganar um público específico”.

Os estudos do sociolinguista Erving Goffman ([1959] 2014) e as pesquisas do antropólogo e linguista John Gumperz ([1982] 2013) foram pioneiras para o desenvolvimento dos estudos da narrativa. Goffman forneceu uma descrição de como a linguagem é situada em circunstâncias particulares da vida social (SCHIFFRIN, 1994). Gumperz, para além das questões gramaticais, trouxe luz ao conhecimento de natureza cultural e interacional. Ele afirma que o significado, a estrutura e o uso da linguagem são social e culturalmente relativos, de modo que os falantes captam pistas externas e as traduzem em estratégias de comportamento adequadas, que, por sua vez, manifestam-se como símbolos verbais adequados (SCHIFFRIN, 1994).

Partindo do entendimento de que esses símbolos verbais são co-construídos e situados e que as narrativas podem ser compreendidas como “uma forma de

organização básica da experiência humana” (BASTOS, 2005, p. 119), os estudos de narrativa numa perspectiva interacional vêm se manifestando como um lugar privilegiado para se estudar a vida em sociedade (BASTOS, 2004; BASTOS; BIAR, 2015).

É com essa perspectiva de estudos que este trabalho se afilia, buscando inscrever o estudo das narrativas como uma prática social, analisando-as sob a ótica sociointeracional do discurso, que leva em conta o sentido co-construído e mediado ‘na’ e ‘pela’ linguagem. Nesse sentido, o estudo das narrativas aqui tem sido, cada vez mais, relacionado aos significados e entendimentos de “por que” contamos uma história e “o que” estamos fazendo quando a estamos contando no contexto interacional em que ela está inserida. Dessa forma, para as análises que desenvolveremos nesta pesquisa, entenderemos narrativa como

uma forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual se pode estudar a vida social em geral (...) [e para a qual se considera] que contar histórias é uma prática social, uma atividade histórica e culturalmente situada (...) (BASTOS, 2004, p. 119).

Como sugere Bruner ([1990], 1997) é assim que tornamos compreensível o que acontece em nossas vidas cotidianas. Essa prática de narrar acontecimentos nos permite situar os outros e a nós mesmos nesse vasto mundo a que pertencemos e, a partir daí, construímos valores daquilo que somos e de quem está ao nosso redor.

Os estudos de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) inauguram pesquisas sobre narrativas orais e, ainda hoje, são referências. A partir de suas pesquisas, desenvolveram-se critérios para designar uma narrativa. Dessa forma, Labov, segundo Bastos (2005, p. 75), define a narrativa como:

(...) um método de recapitular experiências passadas, combinando uma sequência verbal de orações com uma sequência de eventos que (infere-se) ocorreram de fato. (...) o que faz a recapitulação de experiências ser uma narrativa – e não um relato, por exemplo – é o fato de ela remeter a um acontecimento específico – e não a hábitos passados ou ações recorrentes – ser estruturada numa sequência temporal, ter um ponto a ser contável.

Labov (1972) define alguns conceitos básicos que compreende uma narrativa, ele denomina **ponto** o motivo da narrativa ser contada, ou seja, qual é tópico da conversa. Além disso, a narrativa precisa ser **contável**, o fato que

aconteceu de extraordinário para que aquela narrativa mereça atenção, destaque, ser narrada para outra pessoa. Um fato simples, sem um acontecimento fora do comum, inesperável, não será considerado algo contável. Com isso, ele nos traz também a ideia de **credibilidade**. Quem narra tende a dar créditos de veracidade ao contar sua história, visto que, quanto mais o fato for contável, mais ele terá o acontecimento extraordinário. E, quanto mais ele envolver um acontecimento extraordinário, maior será a dubiedade do ouvinte.

A narrativa é identificada a partir de propriedades bem delimitadas, que associam sequências verbais a sequências de eventos, que consiste basicamente em se organizar discursivamente orações no passado de modo que a história reconstrua um certo ordenamento temporal de ações.

Além disso, as narrativas se articulam por elementos de estruturação. São eles: (i) resumo; (ii) orientação; (iii) ação complicadora; (iv) avaliação; (v) resultado ou resolução; (vi) coda. Vejamos abaixo a discriminação de cada um.

- (i) resumo: caracteriza-se por ter como elemento o resumo da história a ser contada. Geralmente ela é o que faz o ouvinte despertar o interesse pela história.
- (ii) orientação: são os elementos marcadores necessários para situar o ouvinte quanto a história, esses marcadores podem ser o contexto, lugar, pessoas etc.
- (iii) ação complicadora: elemento obrigatório para Labov, nele encontraremos o ápice do acontecimento da história. As ações são sempre narradas em sequência no passado.
- (iv) avaliação: neste tópico, encontraremos a carga emocional do narrador ao contar a história, geralmente é essa carga que valida a importância de a história ser contada. A avaliação é dividida em externa e encaixada. A externa é quando o narrador interrompe a narrativa para dizer a carga emocional que sentiu no momento. Já a encaixada, não há interrupção da história. O narrador, durante a narrativa, dá sinais lexicais, faciais, físicos etc., para realçar tal emoção vivida no momento.
- (v) resultado ou resolução: é o desfecho da situação que foi gerada na ação complicadora.

- (vi) coda: responsável por sinalizar o fim da narrativa, geralmente representada, por exemplo, pela expressão ‘então, foi isso’.

Hoje, se reconhece essa estrutura como a que se caracteriza uma narrativa canônica. Segundo Labov (1972), para cada elemento anteriormente citado, podemos fazer uma pergunta específica para encontrarmos o seu ponto na narrativa, assim temos: resumo (sobre o que é a história?); orientação (quem, quando, onde, como?); ação complicadora (mas o que aconteceu?); avaliação (e aí, e daí?); resolução/resultado (o que de fato aconteceu?) e; coda (é a retomada da ideia de conclusão e aproximação do narrador com o ouvinte).

Ainda, embora, seja referência para estudos da narrativa, é sabido que o modelo laboviano descreve apenas a estrutura de narrativas canônicas, isto é, as que seguem um modelo tradicional de narrar. Nem todas as narrativas que contamos no cotidiano seguem esse *script* ou apresentam o mesmo rigor canônico.

A partir desse entendimento, Bamberg e Georgakopoulou (2008, p. 381) nos apresentam uma perspectiva de narrativa chamada de “pequenas histórias” ou “micronarrativas”, entendidas como um termo guarda-chuva que abrange

uma gama de atividades narrativas sub-representadas, como histórias sobre eventos em andamento, eventos futuros ou hipotéticos e eventos compartilhados, mas também alusões a histórias passadas, histórias diferidas, e recusas em falar. Essas histórias são tipicamente pequenas quando comparadas às páginas e páginas de transcrição de narrativas de entrevistas.

Uma das diferenças entre as narrativas canônicas e as identificadas pelos autores é o fato de que estas podem ser compostas por verbos no pretérito, presente ou futuro, enquanto aquelas descritas por Labov (1972) são compostas apenas por verbos no pretérito. Outro ponto contrastivo é que as micronarrativas não são necessariamente compostas por todos os elementos labovianos. Georgakopoulou (2007) afirma que, por vezes, o falante suprime algumas informações, a avaliação, por exemplo, para apresentar-se melhor socialmente. Sem esse rigor tradicional, a narrativa deixa de ser vista “como um gênero bem definido e delimitado com uma estrutura identificável em direção à exploração da multiplicidade, fragmentação e situacionalidade irreduzível de suas formas e funções num amplo escopo de arenas sociais” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, p. 275). Essa mudança ficou

conhecida como “um movimento da narrativa como texto (...) para narrativa como prática dentro da interação social” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, p. 275).

Outro estudo desenvolvido em narrativa que traz uma importante contribuição para a pesquisa aqui proposta está relacionado a narrativas de história de vida. Segundo Linde (1993), quando tratamos de narrativas de vida, estamos falando sobre a criação de identidades pessoais, porque, quando contamos histórias, estamos dizendo como nos tornamos e transmitimos o que outros precisam saber sobre nós. Quando falamos sobre nossos feitos profissionais, por exemplo, estamos buscando demonstrar que traços do nosso perfil justificam o nosso sucesso.

Ainda, de acordo com Linde (1993) as narrativas de história de vida possuem aspectos particulares, são eles: causalidade, sequencialidade e sistema de coerência. A causalidade diz respeito à necessidade de o fato narrado ser reportável e interessante, seguindo uma relação de causa e consequência em uma cadeia sequencial; já a sequencialidade, relaciona-se ao dever de possuímos uma história de vida aceitável socialmente de forma a seguir uma ordem temporal lógica.

Ao quebrarmos a regra da causalidade/sequencialidade, seremos ratificados ou questionados, portanto, a incapacidade de construirmos uma história de vida coerente se caracteriza, assim, como uma inabilidade discursiva e um desconcerto social (LINDE, 1993). Nosso repertório de histórias de vida precisa ser socialmente aceitável para justificar as histórias que recorrentemente contamos (SANTOS; BIAR, 2018). Em termos de vida profissional, o reportável é chegar a um topo, que tanto pode representar o posto mais alto na hierarquia de uma empresa, ou à conquista de um patrimônio ou de uma receita para a empresa que gerenciamos (OLIVEIRA, 2008).

O terceiro conceito, sistema de coerência, representa um conjunto de crenças e relações entre crenças, que forneceria um ambiente em que uma declaração pode (ou não) ser considerada como uma causa de outra declaração; uma espécie de modelo de conduta para a realização de uma ação, seja ela “a maneira correta de comer”, “a maneira correta de se vestir para determinados ambientes” (LEPSCH, 2018), e, como veremos neste estudo, o modo de se autoapresentar, de gerenciar sua carreira, de construir sua história de sucesso e de reivindicar um grau de mérito maior em função das barreiras enfrentadas.

As narrativas de vida, principalmente em contexto de sucesso profissional, podem variar significativamente em sua estrutura, visto que as “experiências

comuns na cultura tipicamente oferecerão ao indivíduo uma exposição a uma grande variedade de formas narrativas, desde mais rudimentares até mais complexas” (GERGEN; GERGEN, 1988, p. 33). Assim, compreendemos a existência de um sistema de condicionalidade que está associada ao meio social e aos tipos estruturais de contar história que o falante está inserido.

Outro fato importante em narrativas de história de vida é a carga dramática envolvida. Engajamento dramático é “a capacidade de criar sentimentos de drama e emoção” (GERGEN; GERGEN, 1986, p. 28). Ressaltar os obstáculos enfrentados na busca do sucesso, por exemplo, pode garantir o impacto dramático, uma vez que não são puramente os acontecimentos, mas sim a relação entre os acontecimentos que produzem efeito dramático.

Acreditamos que as narrativas de sucesso profissional são narrativas de reivindicação de mérito pessoal e, por estarem situadas no universo do trabalho, são também fortes candidatas a uma discussão sobre meritocracia no contexto organizacional. Nesse sentido, entendemos que essas narrativas ilustram o tipo de narrativa descrito por Klienman (1997), como narrativas que evidenciam questões de ordem social e moral, tendo em vista que os casos relatados envolvem a escassez de insumos básicos para a subsistência humana.

A narrativa, em suma, ocupa um lugar de destaque nas mais diversas instâncias de nossas vidas. É através dela que transmitimos aos outros o sentido de quem somos, nossos valores e convicções, além de estabelecer relações com os outros participantes da interação (BASTOS, 2005). Quando tratamos de narrativas de histórias de sucesso profissional, como os dados que veremos posteriormente, devemos ter em mente estes conceitos para melhor compreensão do evento interacional. Desta forma, conforme aponta Moita Lopes (2001) em Bastos e Biar (2015, p. 109), é preciso ter em mente que as narrativas são parte de “embates para legitimar sentidos”, e, sendo assim, há que se considerar “quem conta histórias para quem” e “em que espaços institucionais”.

É nesta perspectiva que propomos, neste trabalho, articular as contribuições desses autores para a análise das narrativas.

## 4.2

### **A apresentação do *self* na interação**

De acordo com Rüdiger (2002, p.116), a possibilidade de viver “vários eus”, de manipular a impressão do outro sobre si, não se distingue muito do modo como esse processo se desenvolve no cotidiano. A interatividade hoje faz parte do próprio conceito de interação. Nessa perspectiva, o LinkedIn torna-se um território simbólico para o estabelecimento de vínculos sociais e de trocas interacionais orientadas especialmente para a promoção do *self* profissional em sua postagem.

Como sociólogo da interação (GALINDO, 2015, p 15), Goffman inaugurou um modo de investigar a vida social humana a partir de uma abordagem microsociológica. Apesar de os *insights* de Goffman sobre a interação como lócus de observação da vida social terem sido alicerçados, principalmente, em traços da situação de copresença, suas contribuições teóricas são, de modo geral, ajustáveis aos encontros virtuais.

Dentre as metáforas estabelecidas pelo autor para descrever a vida social, duas são especialmente relevantes para o nosso contexto de análise aqui. A primeira é a do drama. Para Goffman, A vida social é um espetáculo encenado por um ator que busca impressionar os outros e a si mesmo por meio da escolha de sua linha de conduta, ou seja, pelo “padrão de atos verbais e não verbais através dos quais cada indivíduo expressa sua visão da situação e, através dessa, sua avaliação do outro e, especialmente, de si.” (GOFFMAN, 1967 [2011], p. 1).

Ao escolher uma linha, o ator social projeta uma face, ou seja, uma imagem pública do *self* “delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967 [2011], p. 5), de modo a causar no seu interlocutor uma impressão favorável de si mesmo.

A outra metáfora é a do jogo, a que tem como foco as condutas de um *self* manipulador. Para conseguir os objetivos desejados, o ator social planeja estrategicamente sua performance, controla e manipula as informações voluntárias que podem ser transmitidas ao outro. De acordo com Goffman, o ator social é um “atormentado fabricante de impressões envolvidas na tarefa demasiado humana de encenar uma performance” (GOFFMAN, 1967 [2011], p. 230).

Um conceito central, portanto, do legado goffmaniano é o de face, definida pelo autor como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si através daquilo que os outros presumem ser a linha de conduta por ela adotada durante um contato específico” (GOFFMAN, 1967 [2011], p. 13 e 14).

Ressalta ainda o autor que a face do seu interlocutor são construtos sociais da mesma ordem. Aqueles com quem o ator interage são obrigados a demonstrar algum nível de apreciação em relação outro. Assim, a performance do ator é construída na relação do “eu” com o outro, e a interação torna-se um espetáculo encenado pelos participantes da interação, sendo o *self* um produto da interação.

Outro ponto de destaque sobre a face é que embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, trata-se apenas de um empréstimo da sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-lo (GOFFMAN, 1959 [2014]).

Ao destacar que a face é um empréstimo, Goffman aponta para os riscos a que os participantes de uma interação estão expostos quando alguma inconsistência é observada entre a face reivindicada e a conduta exibida. Nesses momentos, o ator social é desfigurado, isto é, perde a face reivindicada. Outro risco é o de o participante se apresentar na face errada ou fora da face, num dado contexto interacional.

Quando os participantes utilizam práticas de defesa da sua face e práticas de proteção à face do outro, é mantido o equilíbrio ritual da interação. Por práticas de defesa da face, entenda-se aquelas que buscam salvar a própria face de modo a tornar a conduta do ator condizente com a imagem reivindicada. Por práticas protetoras da face, entenda-se aquelas que buscam salvar a face do outro, evitar questionamentos que o façam perder a face.

Essas práticas apontam para a terceira metáfora proposta por Goffman para explicar a vida social: a metáfora ritual. A partir de uma ótica da moralidade, o autor revela que os indivíduos, em suas interações, são guiados por obrigações e expectativas cerimoniais. Em termos de obrigações, refere-se o autor às restrições morais de conduta, isto é, de como se apresentar, de exibir autorrespeito e consideração pela face do outro. Em termos de expectativas, ele se refere às restrições morais de deferência, isto é, de como tratar o outro com a mesma consideração de que foi tratado.

Esse tipo de trabalho de face está relacionado à preocupação de um ator social de “tornar qualquer coisa que ele faça coerente com a sua face. O trabalho de face serve para evitar “incidentes” – isto é, eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face (GOFFMAN, 1967, p.12).



Com base no atendimento a essa regra moral, Goffman afirma que o princípio da preservação da face é, de um modo geral, condição da interação. A suspensão desse princípio é explicada num contexto de urgência, de situação de conflito aberto. A preservação da face não é, portanto, um objetivo da interação. O objetivo de um participante, num dado contexto, é que pode ser o de destruir a face do outro, como é comum ocorrer em debates políticos e em ambientes virtuais marcados pela polarização ideológica, como na pesquisa de Oliveira, Valente e Ron-Rén (2020). A interação é, portanto, um espaço para diferentes trabalhos de face: preservar, ameaçar e até negociar faces.

Considerando-se que o LinkedIn é um ambiente virtual marcado, de um modo geral, pela promoção do *self*, é com base no arcabouço teórico aqui apresentado que propomos examinar que faces são projetadas pelos usuários dessa plataforma e como trabalhos de face apontam para a validação ou rejeição das faces reivindicadas pelos usuários.

## 5

### Metodologia

Este capítulo se inicia com a apresentação de nossas escolhas metodológicas, a história da pesquisa e caracterização do universo aqui investigado. Em seguida, relatamos como a questão de pesquisa emergiu dos dados, como o corpus foi gerado e que procedimentos analíticos foram adotados. Encerramos o capítulo, tratando das questões de ética na pesquisa.

#### 5.1

##### Natureza da pesquisa

O que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracteriza serem construídos pelo homem, que interpreta e reinterpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim com que não haja uma realidade única, mas várias realidades.

Moita Lopes (1994, p. 331).

Partindo da epígrafe acima, damos pistas de contextualização de como se versará esta pesquisa. Seguimos o princípio de que cada indivíduo possui seu senso sobre a realidade, sua verdade, que muitas vezes são moldadas por suas experiências sociais. Entendemos que suas interações podem influenciar na construção do saber sobre o mundo. Temos como objetivo sermos profundamente enraizados, mas ainda flexíveis como um bambu na tempestade que se curva sem quebrar e que mantém as suas raízes, em outros termos, respeitaremos as múltiplas realidades e verdades existentes. É fundamental esclarecer, contudo, que, ao lançar mão desse modo de fazer pesquisa, não estamos proclamando “a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa” (VELHO, 1981, p. 43).

O primeiro marco histórico para a construção do campo de conhecimento em pesquisa qualitativa se passa na fase etnográfica, em que surgem os trabalhos

de campo. Busca-se, então, um modelo de pesquisa que nasce “de uma preocupação de entender o outro (...)” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 15). No final do século XIX, os pesquisadores qualitativos passam a questionar a importância da formalização de métodos científicos e surge a necessidade de mais rigidez no desenvolvimento dos estudos qualitativos, originando assim a “era dourada” da pesquisa qualitativa. O que antes se respaldava na interpretação dos resultados encontrados em campo, hoje, já se torna uma tarefa árdua, a de explicar a complexidade dos fenômenos achados no campo.

Atualmente, emerge a importância do contexto; da experiência vivida e criada coletivamente; questionam-se os critérios tradicionais de avaliação e interpretação; os métodos usados; a validade dos estudos; a confiabilidade dos resultados e a capacidade de generalização da pesquisa qualitativa (CHUEKE; LIMA, 2012). Entende-se que a teorização não pode dar conta do mundo como um todo, visto que a pesquisa qualitativa “implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados (...)” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23), e seus pesquisadores devem buscar soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado.

Esse cenário reforça a necessidade de aproximação entre ciências sociais e humanidades para conversas críticas de diversos temas (DENZIN; LINCOLN, 2006). Isto posto, a pesquisa qualitativa define-se, em si mesma, como um campo de investigação, vista sua abordagem empírica, que atravessa disciplinas, temas e campos. Esse campo pode ser considerado um grande “guarda-chuva” que abriga vários instrumentos de investigação para descrever, compreender e interpretar experiências, comportamentos, interações e contextos sociais (FLICK, 2009; GIBBS, 2009).

Este caráter diverso na pesquisa é associado, na literatura, à bricolagem, cujo trabalho do pesquisador se assemelha ao de um *bricoleur*, um artista que reúne variadas figuras para transformá-las em montagens. Dessa maneira, o pesquisador utiliza diversas estratégias e materiais ao seu alcance a fim de realizar sua análise (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16). Em suma, a competência da pesquisa qualitativa está no mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual, ação e cultura entrelaçam-se. Como afirma Moita Lopes (2004, p. 166), a “complexidade do mundo social só pode ser focalizada se hibridizarmos nossas

teorias e metodologias, constantemente em contato com outras áreas do conhecimento”.

A proposta de estudar os múltiplos entendimentos da noção de meritocracia que emergem nas trocas comunicativas entre usuários da rede social LinkedIn e os perfis profissionais de quem utiliza essa plataforma implica o entrelaçamento de diversas áreas de conhecimento. Por perpassar questões de ordem social e cultural, a pesquisa de natureza interpretativista se mostra adequada, pois oferece a possibilidade de exame de diferentes representações e pontos de vista sobre o mundo.

Desse modo, na observação qualitativa interpretativista, daremos vozes ao seu objeto pesquisado, para então, construir uma teia de significados. Em termos gerais, o processo de construção de conhecimento se dá da forma em que a ideia de generalização se desfaz, ao passo que novas possibilidades narrativas emergem, de modo a amplificar às múltiplas vozes (GERGEN; GERGEN, 2006), situando e (re)contextualizando o objeto pesquisado no âmbito das experiências compartilhadas (GODOY, 2005).

## 5.2

### A história da pesquisa

O Reino de Deus é como um homem que lança a semente à terra. Dorme, levanta-se, de noite e de dia, e a semente brota e cresce, sem ele o perceber. Pois a terra por si mesma produz, primeiro a planta, depois a espiga e, por último, o grão abundante na espiga. Quando o fruto amadurece, ele mete-lhe a foice, porque é chegada a colheita.

Bíblia, Marcos 4:26-29

Aqui, faço uso da licença poética para relacionar este “reino dentro de nós” ao “processo acadêmico” no contexto de formação dessa pesquisa. A primeira semente a ser trabalhada na terra foi relacionada aos discursos em acidentes de trabalho, pois inicialmente, o tema de pesquisa era sobre as variabilidades humanas em atividades de alto risco, desdobramento da pesquisa de mestrado sobre a atribuição de responsabilidade nas explicações para a ocorrência de acidentes de trabalho. Foram gerados dados através de entrevistas com potenciais participantes da pesquisa. Neste ponto, permita-nos destacar o quanto esse processo foi

desgastante, visto as barreiras impostas entre profissionais/organizações e pesquisa acadêmica. É visível, infelizmente, a falta de incentivos relacionada a integração da ciência ao mercado de trabalho.

Neste processo, foi cenário comum observar profissionais declinando da proposta de pesquisa por medo de perder o emprego ou organizações exigindo documentações exacerbadas de modo a cansar a pesquisadora até o processo de pesquisa ser perdido com o tempo. Durante este período, com muita persistência, conseguimos adentrar em três instituições, uma do setor de petróleo e gás, a segunda instituição de ensino e a terceira do seguimento de transporte rodoviário. A visita a campo neste último, geograficamente de difícil acesso e em uma região de alta criminalidade, nos fizeram refletir como o pesquisador e a pesquisa são mal amparadas em nosso país. De como é árduo e desvalorizado esse processo.

No início do ano de 2020, contudo, o mundo foi assolado pela covid-19, uma doença infectocontagiosa causada por *corona vírus* da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), do inglês *severe acute respiratory syndrome associated coronavirus 2*. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, em Wuhan, na China, foram descritos os primeiros casos de pneumonia causada por um agente desconhecido e reportados às autoridades de saúde. No Brasil, o registro do primeiro caso ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, no estado de São Paulo.

Uma das medidas orientadas para conter o avanço da doença foi o isolamento social, tal determinação exigiu de algumas empresas a flexibilização de se manter o trabalho em *home office*. Essa modalidade, impossibilitou ainda mais continuar a geração de dados. A ocorrência da proibição de visitas a empresas, já antes precário, e o envolvimento de profissionais com o intenso teletrabalho, tornaram inviável a proposta de pesquisa que havia sido definida anteriormente.

Retomando a parábola, ela ensina sobre o crescimento e o tempo de colher. Quando uma semente é plantada, ela germina, cresce, amadurece, produz frutos e, se não for colhida no tempo certo, acaba morrendo. E foi o que ocorreu com a pesquisa anterior.

Foi, contudo, o caos da pandemia, o crescente número de desempregados e da população a margem da miséria, que nos fizeram refletir sobre o quanto o nosso Brasil é desigual economicamente. Este cenário instigou-nos a revisitar a literatura que tivemos a oportunidade de ter acesso a respeito do discurso meritocrático

durante disciplina oferecida no curso do programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), no segundo semestre de 2019.

Como pesquisadora inclinada aos estudos em ambientes profissionais e assídua no uso da plataforma profissional LinkedIn, encontramos ali, um campo fértil para pesquisa. Na plataforma, como pesquisadora observadora, avistamos um conjunto de práticas que nos proporcionariam maior visibilidade de um recorte do cenário profissional, sem haver o bloqueio burocrático das instituições. Diante daquele novo campo, o solo se tornou fértil, a pesquisa foi revivificada e a semente germinada.

Por fim, a parábola fala sobre perseverança e paciência, que, sendo pontos essenciais na atividade de lavoura, também os são na construção de um estudo acadêmico. Diante das dificuldades, não podemos desanimar, devemos transformar toda sujeira em adubo e cultivar insistentemente a terra, assim como a semente amadurece no tempo certo, também o fruto do trabalho de pesquisa dar-se-á.

### 5.3

#### O universo da pesquisa

##### (i) O ambiente virtual

O físico Tim Berners-Lee, em 1990, na Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN) - Suíça, criou a *World Wide Web*. Desde então, a web é um fenômeno que está em constante desenvolvimento. Ela vem se modificando conforme o comportamento e demanda da sociedade em escala global. Em entrevista ao jornal *on-line* Conexões expandidas (2019), Cayo Woebcken explica que podemos separar a *web* em fases. Apesar de ser difícil apontar uma marcação exata de quando uma fase começa e a outra termina, podemos diferenciá-la de acordo com as condições tecnológicas da sociedade e pelo comportamento de seus usuários.

De acordo com Woebcken, a *web* 1.0 foi revolucionária, pois foi a primeira apresentada ao público. Era possível acessar alguns conteúdos por meio dessa internet, contudo a navegação era bastante restrita. Eram mínimas as possibilidades de interação entre o usuário e a página acessada. A criação de conteúdo era

majoritariamente dos portais como “IG”, “AOL”, “UOL” e “Terra”. E a busca por informações era através dos diretórios “Yahoo” e “Cadê”. Em suma, era uma *web* voltada mais para o consumo passivo, onde uma pequena parcela tinha a possibilidade de criação.

A produção de conteúdo surgiu com a *web 2.0*. Ela marca a transição do consumo passivo para a criação ativa de conteúdo *on-line*. Uma das ferramentas mais utilizadas nessa época foi a criação massiva de *blogs*. Além de plataformas como *YouTube*, *Wikipédia* e redes sociais que aceitavam a colaboração de conteúdo criado pelos usuários. Nessa modalidade, os antigos diretórios foram suprimidos, pois não resistiram ao intenso volume de dados gerados, surgindo buscadores mais robustos como o *Google*.

A *web 3.0* reúne todas as características mencionadas na fase anterior, contudo, com um diferencial inovador, o uso da inteligência artificial. As máquinas passaram a interagir no mesmo ambiente que os usuários, na criação de conteúdo e na otimização da navegação. A partir do desenvolvimento nos estudos e aplicação de *machine learning*, a *web* não apenas gerava informações, mas também as interpretava. Esta é a era da interatividade entre homem e máquina.

Quanto a *web 4.0*, os especialistas divergem sobre sua entrada, visto sua semelhança com a *web 3.0*, já que muitas características entre as duas fases se confundem. Há quem diga que a entrada da *web 3.0* ainda está em andamento, outros afirmam que ela representa o momento atual e que a *web 4.0* estaria prestes a começar. O professor Rafael Kunst, da Unisinos, em entrevista à revista *on-line* Correio do Povo, aponta que “o conceito de *web 4.0* já existe e está muito atrelado à inteligência artificial. Ela, na verdade, é como uma parte do que esperamos para a *web 3.0*”. Dessa forma, podemos compreender a *web 4.0* como complemento e não como uma nova fase.

A *web 4.0* é definida como “*web* simbiótica”, a interação entre homem e máquina é mais intensificada. Ela é popularmente chamada de “internet das coisas”, pelo número de “coisas” conectadas à internet comparado a pessoas. Neste cenário, podemos observar diversos aparelhos residenciais conectados à internet, como tv, geladeira, assistente virtual “Alexa”, por exemplo. Além disso, a *web 4.0* reflete as necessidades do mercado consumidor atual, visto o surgimento de intensas estratégias de *marketing* digital. É a era das redes sociais *on-line* como ferramenta de *marketing* institucional e pessoal.

Na literatura, é possível encontrar várias definições de rede social *on-line*. Segundo Van Dijck (2013, p. 5), com o advento da *web* “os serviços *online* transformaram a oferta de canais em comunicação em rede com interatividade, um veículo de duas mãos para a sociabilidade”. Para o autor, as redes sociais são entendidas como facilitadoras das relações humanas, visto seu caráter colaborativo. Boyd e Ellison (2007) definem as redes sociais como serviços baseados na rede que permitem que o utilizador possa construir um perfil público ou semipúblico e navegar nas listas de conexões. Já para Soares et al. (2012, p. 5), “as redes sociais são um tipo específico de comunidade *online*, que tem por base uma plataforma individual, em que os utilizadores são movidos por uma motivação emocional de conexões sociais”. Laudon e Traver (2013) qualificam as redes sociais como uma área *on-line* onde as pessoas partilham interesses comuns e interagem umas com as outras, que podem ou não se conhecer pessoalmente.

Recuero (2009, p. 24) parte da definição de que uma rede representa uma estrutura social que “é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”, e seus elementos precisam sempre ser entendidos por suas inter-relações, que se constituem em *nós* e *laços*. O primeiro, os *nós*, são representação de atores sociais que, de acordo com a autora, “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”. O segundo elemento, os laços, representa as conexões sociais, ou seja, as interações entre os atores sociais. Para a Recuero (2009, p. 31), então, “um laço é composto por relações sociais, que por sua vez, são constituídas por interações sociais”.

O objetivo, contudo, de uma rede social, na literatura, é semelhante entre si. Em suma, diz respeito a juntar um grupo de indivíduos com algo em comum, em que seus membros podem criar um senso de identidade coletiva dentro da sua comunidade e partilhar experiências uns com os outros na sua rede de contatos (HARWOOD et al., 2008).

Atualmente, as redes sociais são utilizadas não só como uma ferramenta de interação social pessoal, mas também como uma ferramenta utilizada para o meio profissional. Dentre as diversas redes sociais profissionais existentes, destaco o LinkedIn, campo de pesquisa para elaboração desse estudo.

## **(ii) A plataforma LinkedIn**



O LinkedIn foi fundado em 2003 por Reid Hoffman e é, objetivamente, utilizada por profissionais, recrutadores e organizações. O *CEO & Founder* Pedro Caramenz, no artigo *online* LinkedIn (2013), afirma que é fundamental que todo profissional tenha uma conta nesta rede, “não estar presente no LinkedIn significa não estar ativo profissionalmente”. O jornalista Dubey, em seu artigo publicado na revista *online Entrepreneur Índia* (2018), aponta dicas de como usar o LinkedIn para *personal branding*, ele afirma que esta rede “começou inicialmente por ser uma versão digital do *curriculum vitae* e tornou-se na melhor ferramenta para a gestão de marca pessoal”. Russell (2014, p. 89) define o LinkedIn como “um evento privado com um código de vestuário semiformal onde um apresenta o seu melhor comportamento e tenta transmitir o valor específico e a experiência que pode agregar ao mercado profissional”. Moura (2014) alerta que todos tenham atenção às informações que são expostas, pois é uma rede profissional e não pessoal. Logo, seus perfis são também “pistas” de como cada ator poderá ser percebido por outros (RECUERO, 2009). No Termo de Acordo do Usuário, o próprio LinkedIn define sua missão:

Nossa missão é conectar os profissionais de todo o mundo para permitir que eles sejam mais produtivos e bem-sucedidos. Nossos serviços são projetados para promover oportunidades econômicas para nossos membros, permitindo que você e milhões de outros profissionais se encontrem, troquem ideias, aprendam e encontrem oportunidades ou funcionários, trabalhem e tomem decisões em uma rede de relacionamentos confiáveis (Tradução livre, LinkedIn, 2021).

Assim, o ponto chave desta rede social é promover conexões e oportunidades profissionais. Dessa maneira, é importante se atentar ao modo como o usuário é apresentado para as outras pessoas, quero dizer, a maneira como o perfil está estruturado, a organização do currículo profissional, o tipo de informação e o modo que é compartilhado no *feed*, o número de conexões entre pessoas e empresas, as interações com outros usuários/empresas, dentre diversos fatores que são considerados relevantes para o meio profissional, para o alcance de possíveis oportunidades futuras.

Para criar um usuário no LinkedIn, basta inserir nome, sobrenome, endereço de e-mail e criar uma senha. A partir daí, o site orienta a elaboração do currículo

profissional. Se o profissional estiver empregado, é preciso indicar a empresa, caso contrário é solicitado que insira o cargo mais recente. Esta informação será visualizada junto ao nome, como uma espécie de subcabeçalho, quando o currículo estiver finalizado. Um movimento observado, contudo, é que no caso dos desempregados, é comum, ao invés de ser inserida a informação de último cargo, rotineiramente é encontrada a frase “em busca de recolocação profissional”. Este é um preenchimento não orientado pela plataforma, mas criado e adaptado pelos próprios usuários.

Outro ponto a destacar é que, na página de elaboração do perfil, não há espaço para informações de cunho pessoal, o enfoque é na formação acadêmica e profissional. O espaço restringe-se a organizar o histórico profissional do usuário, solicitando o preenchimento apenas dos seguintes campos: foto de perfil e capa, sobre (espécie de resumo da vida profissional), histórico profissional (experiência de trabalho, formação acadêmica, licenças e certificados e trabalhos voluntários), competências e recomendações, conquistas, informações adicionais, neste último é possível inserir a data de aniversário e *status* de relacionamento, mas sem citar nominalmente o(a) companheiro(a). É possível também adicionar o perfil em outro idioma. O preenchimento completo de todos os campos coloca o usuário na categoria de “perfil campeão” tendo mais chances de aparecer nas buscas feitas pelos recrutadores, essa informação é visível apenas ao pertencente do perfil.

Skeel e Grudin (2009) apontam para a importância de, além da criação de currículo, ainda ser possível estabelecer conexões, não apenas em primeiro grau, mas também as de segundo e terceiro grau, aumentando a relevância e alcance da rede de contatos. Primeiro grau é o contato que faz parte da minha rede de conexão; segundo grau é o “amigo” do meu contato; e terceiro grau é o “amigo” do “amigo” do meu contato. Esta identificação de grau aparece ao lado do nome do usuário. Esse modelo de rede por graus viabiliza um maior alastramento de possíveis conexões, visto que quando o usuário se conecta a alguém, estará também se conectando à rede de contatos da pessoa conectada, contudo nas escalas de segundo e terceiro grau. É possível, ainda, enviar mensagem privada para essas conexões.

Os usuários também podem visualizar o número de pessoas que visitaram o seu perfil nos últimos 90 dias. Se dispor de uma conta paga *Premium*, é possível obter uma lista de todos esses visitantes, caso contrário, será permitida a visualização de até 5 visitantes. A modalidade paga também dá direito a serviços

como: cursos do *LinkedIn Learning*, para capacitação; mensagens de *InMail*, para entrar em contato com qualquer pessoa, mesmo que não esteja conectado a ela; lista das vagas mais adequadas para seu perfil; e informações comparativas que avaliam seu perfil em relação ao de outros candidatos às mesmas vagas (LINKEDIN, 2021).

O LinkedIn também oferece uma ferramenta de busca, que permite procurar, além de perfil de pessoas, empresas e anúncios de empregos, mas também publicações e artigos de conteúdo, cursos e grupos através da utilização de palavras-chave.

A criação de conteúdo é outra ferramenta que a plataforma oferece para que o usuário se torne mais visível na rede e aumente o número de seguidores. Alguns exemplos de conteúdo são: apresentar equipes de trabalho, oferecer literaturas gratuitas para melhoria profissional, compartilhar conquistas acadêmicas ou desafios nas empresas, destacar trabalho realizado ou premiação, recolocação profissional e etc.

Quanto a publicação, o formato podem ser através de textos escritos, imagens/fotos e/ou vídeos. Para texto escrito é possível utilizar até 3.000 caracteres. Arquivo de imagem no formato JPG ou PNG precisam ter o tamanho máximo de 2MB e vídeo no formato MP4, de tamanho entre 75 KB e 200 MB e duração de 3 segundos a 30 minutos.

Para estas publicações, é possível configurar três modalidades para comentários: a primeira é “todos”, onde qualquer pessoa pode comentar a postagem; a segunda é “apenas conexão”, na qual somente aqueles que são pertencentes a sua rede podem comentar; e “ninguém”, como o próprio nome já sugere, ninguém pode inserir comentário a postagem. Apesar dessa flexibilidade de configuração, não é possível desabilitar a ferramenta de compartilhamento, envio do *post* por mensagem privada e reação ao *post*. Este último, o LinkedIn disponibiliza seis tipos de reações. Vejamos:



Figura 5 – Tipo de reações ao conteúdo publicado no LinkedIn<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Fonte: LinkedIn (2021)

Pela ordem da Figura 5, da esquerda para a direita, temos “gostei”, “parabéns”, “apoio”, “amei”, “genial” e “interessante”. Comparada a outra plataforma como o *Facebook*, não há opção de reação de desagrado, não sendo permitido reagir de forma a desaprovar o *post*, para tal se faz necessário escrever um comentário afirmando sua discordância quanto a publicação postada.

Quanto ao comportamento do usuário no uso da plataforma, o LinkedIn disponibiliza, na seção de “Políticas da comunidade profissional do LinkedIn”, um termo de conduta.

Nós atualizamos periodicamente nossas Políticas da Comunidade Profissional para garantir que os milhões de conversas que ocorrem todos os dias em nossos serviços ajudem nossos membros a serem mais produtivos, bem-sucedidos e livres de conteúdo ou comportamento impróprio e indesejado (tradução livre, LinkedIn, 2021).

O termo de conduta, conforme Figura 6 abaixo, é composto por três tópicos:

(i) Fique seguro; (ii) Seja confiável; (iii) Seja profissional.

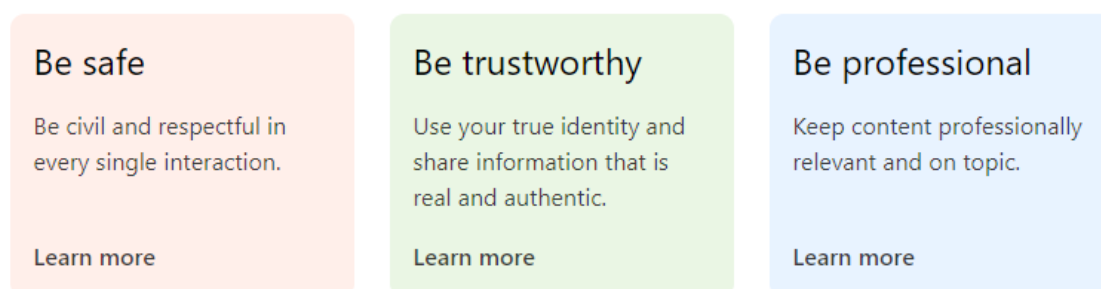


Figura 6 – Políticas da comunidade profissional do LinkedIn<sup>9</sup>

Assim, o (i) solicita que os usuários sejam civilizados e respeitosos em cada interação. A plataforma proíbe o uso de suas ferramentas para o fim de conexões românticas; qualquer tipo de assédio ou intimidação; promoção de violência e terrorismo; compartilhamento de material nocivo ou sádico; e discurso de ódio. Este último, a plataforma é clara na orientação:

Não permitimos conteúdo que ataque, difame, intimide, desumanize, incite ou ameace o ódio, a violência, a ação preconceituosa ou discriminatória

<sup>9</sup> Fonte: LinkedIn (2021)

contra indivíduos ou grupos devido à sua raça, etnia, nacionalidade, casta, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, afiliação religiosa ou status de deficiência. Grupos de ódio não são permitidos no LinkedIn. Não use calúnias raciais, religiosas ou outras calúnias que incitem ou promovam o ódio, ou qualquer outro conteúdo com a intenção de criar divisão. (tradução livre, LinkedIn, 2021)

O (ii) diz respeito ao uso de identidade verdadeira e compartilhamento de informações reais e autênticas. A orientação é para que não seja compartilhado conteúdo falso ou enganoso, *fake news*; não criação de perfil falso ou falsificação de informações sobre si próprio; e o uso de spam ou golpes para direcionar usuários para *links* falsos.

O (iii) trata de orientar os usuários a manter o conteúdo profissionalmente relevante e no tópico. Exigindo que

o conteúdo seja profissionalmente relevante e pertinente ao tópico, como compartilhamento e obtenção de experiência; contratar e ser contratado; ensino e aquisição de novas habilidades; e engajar-se em ações que permitem que você e outras pessoas sejam mais produtivos e bem-sucedidos (tradução livre, LinkedIn, 2021).

Além disso, exige o não compartilhamento de conteúdo com material ou linguagem sexualmente explícita; a não interação de forma desrespeitosa ou inflamatória; e não compartilhamento de lixo eletrônico. Visto isso, segundo informado nas “Diretrizes de plataforma de publicação”, o LinkedIn se reserva no direito de restringir, suspender ou encerrar a conta do usuário e/ou desabilitar os artigos impróprios por qualquer violação do “Acordo do Usuário”.

## 5.4

### A questão de pesquisa e os procedimentos analíticos

Nosso modelo de pesquisa é *data driven*. Não partimos de hipóteses, mas dos dados para eleger a questão de pesquisa e os critérios para a constituição do *corpus*: as trocas comunicativas expostas no *feed* do LinkedIn.

Como informado na introdução, a minha experiência como usuária do LinkedIn despertou meu interesse em estudar a conduta ali exibida nos *posts* pelos membros daquela comunidade. Isso me levou, numa primeira etapa, a fazer uma pesquisa exploratória utilizando a própria ferramenta de busca da plataforma (lupa).

Orientou essa busca o fato de haver tantas postagens com história de sucesso. Inseri, então, na “barra de busca”, palavras recorrentes nessas postagens, como superação, conquista, motivação, gratidão, sucesso, mérito, dentre outras.

Diante da quantidade de *posts* encontrados, parti para uma segunda etapa, orientando a busca pelo conteúdo, selecionando aqueles que tratavam de conquistas na esfera profissional. Numa terceira etapa, dada a quantidade de dados, selecionei os *posts* que promoveram maior engajamento entre os usuários, constituindo, assim, o corpus desta pesquisa.

Os participantes cujos *posts* são analisados são pessoas de perfil diversificado, seja com relação a gênero, idade ou categoria. As postagens foram produzidas por profissionais empregados, desempregados, empresários, autônomos e empreendedores.

As primeiras leituras do corpus selecionado apontaram para a necessidade de buscar nas ciências sociais, aporte teórico relativo entendermos a questão da governamentalidade, da racionalidade neoliberal, o *self* neoliberal e sobre mérito e meritocracia.

Nossa análise teve por base o ferramental teórico oferecido por essa literatura, na área das ciências sociais, e, na área da linguagem, os seguintes pressupostos:

- É pela narrativa que damos sentido a nós mesmos e ao mundo ao redor
- É na fala-em-interação que os participantes exibem seus entendimentos intersubjetivos a respeito de seus estados de conhecimento, suas relações, e seus posicionamentos, que são constantemente criados, mantidos e negociados na interação.
- A face do *self* e do outro são construtos sociais da mesma ordem

Com base nesses pressupostos, definimos os seguintes procedimentos analíticos:

- i) Examinar a estrutura das narrativas de sucesso postadas na plataforma
- ii) Mapear os atributos reivindicados pelos participantes em seus *posts*

- iii) Selecionar as postagens que ilustram os embates entre os usuários, identificando as posições que geraram questionamentos sobre a legitimidade do sentido ali defendido.

## 5.5

### A Ética na pesquisa

Apesar de esta pesquisa trabalhar com dados que são de acesso público, decidimos encaminhar o projeto da tese ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEPq) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (34-2022 – Protocolo 61-2022<sup>10</sup>), que o aprovou como estando de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade, uma vez que o contexto e condutas adotadas pela pesquisadora asseguram a confidencialidade e sigilo da privacidade dos usuários.

Considerando a própria dinâmica do ambiente virtual em questão, embora seja necessária uma conta no LinkedIn para ter acesso às postagens, a criação da conta é fácil, gratuita e aberta a todo público. Em função dessas condições, optamos por não fazer uma postagem explicando a presença da pesquisadora. Não haveria nenhuma garantia de que a mensagem fosse lida por todos os envolvidos na interação dos *posts* selecionados.

Apesar do caráter público dos dados, no sentido de que qualquer pessoa pode ter acesso aos dados analisados, serão adotadas medidas de proteção que assegurem o anonimato e a confidencialidade. Uma delas diz respeito à identificação dos usuários. Nos perfis dos participantes, encontram-se as seguintes informações: nomes, cargos, instituições a que pertencem e fotos. Diante disso e, em alinhamento com o que defendem Rutter e Smith (2005), todas essas informações e qualquer outra que possa levar à identificação dos participantes serão substituídas por nomes fictícios. Com o mesmo propósito, serão apagadas as fotos do perfil, cargos e instituições a que pertencem.

Na mesma linha, não será utilizado o recurso de *Print Screen*. Para manter o sigilo, será utilizado o recurso “cópia e cola” (*ctrl + c - ctrl + v*) para transcrever o que foi registrado nos comentários dos usuários.

---

<sup>10</sup> O parecer com a aprovação da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 34-2022 – Protocolo 61-2022 encontra-se anexado ao final dessa pesquisa.

Por fim, a guarda das informações obtidas ficará sob responsabilidade da pesquisadora pelo prazo de 5 (cinco) anos, respeitando o sigilo e a confidencialidade de todas as informações. Após esse período, os dados serão descartados, conforme o que estabelece a Resolução CNS nº. 466 de 12 de dezembro de 2012.



## 6

## A racionalidade neoliberal na constituição das subjetividades

Como já apresentado, o LinkedIn é uma rede dirigida à comunidade profissional. Como tal, as postagens são orientadas por valores neoliberais e para a construção do *personal branding*.

Neste capítulo, propomos examinar que princípios disciplinadores modelam as subjetividades dos participantes em suas postagens. Na seção 6.1, analisamos a história de sucesso de Sonia, uma mulher negra, de 27 anos e bem-sucedida como empreendedora. Na seção 6.2, analisamos os comentários de aprovação do post de Sonia, buscando identificar os atributos do *self* projetados por ela e legitimados por outros usuários.

## 6.1

### A história de sucesso de Sonia

**Excerto 1:** possível improvável

#### Sonia, empreendedora

01	possível improvável - nasci em um dos bairros com menor índice de
02	desenvolvimento humano do Recife. sou filha de uma ex-cobradora de ônibus que
03	engravidou aos 18 anos e só não segurou a onda sozinha, porque minha avó, mãe
04	já de 4 filhos, decidiu me criar. sem emprego, quando eu tinha 02 anos, minha
05	mãe foi tentar a vida em SP. fiquei com minha avó no Recife e ela me educou, me
06	ensinou a ler e escrever em casa. meu privilégio: educação. smp tive quem, que
07	com quase nada, me ensinou mto. eu tive que entender desde mto cedo que
08	mobilidade social só seria possível se eu estudasse. sabe tds esses programas
09	sociais que vocês, classe média, já xingaram? eu sobrevivi por conta deles.
10	trabalho desde os 12 anos e não acho isso NADA louvável. meu pai só se tornou
11	"meu pai", juridicamente falando, qndo eu tinha 11. 7 anos depois, eu passei a ser
12	a 1a pessoa da família dele a entrar numa universidade pública. a 1a a ter
13	publicação científica, a 1a a empreender sem 1 real no bolso, a 1a a viajar ao redor
14	do mundo por ter trabalho reconhecido. a 1a de GERAÇÕES. percebem o quanto
15	isso é injusto?! vocês querem falar sobre meritocracia? se mudem para uma
16	comunidade, numa família com 3 filhos e aprendam a viver com 1 salário mínimo,
17	quem fizer o primeiro milhão, eu cedo meu espaço na #ForbesUnder30

Gostei 30.645 | 1.691 comentários | 955 compartilhamentos

Como podemos observar, o que torna a narrativa reportável é o fato de que a o nome da narradora se encontra na lista que a revista *Forbes* apresenta, anualmente, destacando aqueles que, com menos de 30 anos, se revelam como novos grandes talentos e agentes de mudança em diferentes setores profissionais.

O que torna esse fato ainda mais extraordinário é a história de vida de Sonia. Apesar da precariedade enfrentada, por ser membro de uma classe social desfavorecida, Sonia foi capaz de superar obstáculos impostos pela desigualdade social extrema que caracteriza o nosso país.

Em termos de estrutura narrativa, a história de Sonia segue o padrão laboviano. O título dado ao *post* (possível improvável) já desperta o interesse do leitor, na medida em que cria a expectativa de uma história incomum e, por isso mesmo, uma história que motiva a leitura, especialmente, daqueles que precisam alimentar a esperança de que é possível ter sucesso, apesar da origem social.

O relato começa por uma série de orientações narrativas que vão localizando o leitor na realidade dura de uma população invisível para grande parte da sociedade. Os fatos são ordenados de modo a mostrar que a vida de privação já se anunciava no relato da gravidez da mãe, uma mulher jovem, de emprego precário e que foi a única a assumir a responsabilidade pela sobrevivência da filha:

- nasci em um dos bairros com menor índice de desenvolvimento humano do Recife (linhas 01-02)
- quando eu tinha 02 anos (linha 04)
- trabalho desde os 12 anos (linha 10)
- qndo eu tinha 11 (linha 11)
- 7 anos depois (linha 11)

O modo como a história vai-se desenrolando se enquadra no que Bastos (2008) caracteriza como uma narrativa de sofrimento. A carga dramática vem dos fatos, do elenco de dificuldades e infortúnios pelos quais passou da infância à maturidade (linhas 02-10). Tais fatos podem ser compreendidos como ações complicadoras numa história de sucesso. Essas ações são ordenadas de modo a escalonar as perdas sofridas: da mãe, do pai, da educação, vazios que são

preenchidos apenas pela presença de uma avó atuante, acolhedora e influente no seu crescimento:

- sou filha de uma ex-cobradora de ônibus que **engravidou** aos 18 anos (linhas 02-03)
- minha avó, mãe já de 4 filhos, **decidiu** me criar (linhas 03-04)
- sem emprego, minha mãe **foi** tentar a vida em SP (linhas 04-05)
- **fiquei** com minha avó no Recife e ela me **educou**, me **ensinou** a ler e escrever em casa (linhas 05-06)
- eu **tive** que entender desde mto cedo que mobilidade social só seria possível se eu **estudasse** (linhas 06-08)
- eu **sobrevivi** por conta deles [projetos sociais] (linha 09)

Ao se categorizar como uma sobrevivente, Sonia deixa claro que seu destino era repetir a história de vida de todos aqueles que não nascem em berço de ouro. Após o relato objetivo de sua via *crucis*, ela passa, abruptamente, a enumerar fatos que indexam o seu sucesso, para fechar a narrativa com uma pergunta: “*percebem o quanto isso é injusto?!?*” (linhas 14-15).

O destinatário não é determinado, mas fica implícito que ela se dirige a todos aqueles que não passaram pelas mesmas dificuldades. A interrogativa de polaridade invertida afirma a injustiça a que estão submetidos todos aqueles que sofrem com a distribuição desigual de oportunidades.

É a partir desse gancho que outra interrogativa é introduzida: “você quer falar sobre meritocracia?” (linha 15). Fica claro aqui que o ponto da narrativa não é só contar uma história de sucesso, mas fazer uma crítica ao modelo meritocrático.

Os verbos no presente deslocam o leitor do passado e anunciam o fecho da história. Em vez do modelo laboviano de encerramento (ex.: “e foi assim que venci na vida”), Sonia sai da narrativa para se dirigir a um leitor específico – a classe média. O desafio proposto (“tiro o meu chapéu”) exhibe uma postura de autoengrandecimento e, ao mesmo tempo, de negação do reconhecimento de mérito daqueles que não precisam fazer tanto esforço para ter sucesso, porque dispuseram de mais oportunidade para vencer.

Esse posicionamento acaba por comprometer o sistema de coerência que orienta a narrativa. Se por um lado, como veremos na seção seguinte, a narrativa é orientada por crenças neoliberais, por outro lado Sonia questiona a crença de que o reconhecimento do mérito tem por base o ponto de chegada. Para ela, o ponto de partida é o mais importante.

## 6.2

### A projeção do *self* neoliberal

A internalização de crenças da racionalidade neoliberal fica evidente no modo como Sonia projeta na narrativa o que se caracteriza como um *self* neoliberal. Um dos traços do seu perfil é a resiliência. A enumeração dos obstáculos enfrentados em sua história de vida mostra que Sonia foi capaz de enfrentar as barreiras materiais e simbólicas colocadas pela distribuição desigual de renda e oportunidades. Entre as barreiras simbólicas, estão a separação da mãe (linhas 04-05); o reconhecimento tardio da paternidade (linha 10); as fontes precárias de educação (linhas 05-06) que, além de limitar a mobilidade social (linha 07-08), alimentam um sentimento de baixa autoestima. A própria percepção de pertencimento a uma classe social invisível é outra barreira simbólica que – nos parece – ela continua enfrentando.

Outro traço, que é estimulado numa cultura neoliberal, é o empreendedorismo. Sonia não se conforma com o lugar social que lhe foi reservado, não se conforma com a precariedade da vida que lhe foi destinada. De modo proativo, sai em busca de oportunidades, seja no que se refere à educação, seja no que se refere aos meios para empreender, revelando-se uma profissional de visão.

Na visão de Von Mises<sup>11</sup>

“o empreendedor é sempre um especulador. Ele prevê agir em função de situações futuras e incertas. Seu sucesso ou seu fracasso dependem da exatidão com que prevê acontecimentos incertos. [...] A única fonte de onde saem os lucros do empreendedor é sua aptidão para prever melhor do que os outros qual será a demanda dos consumidores” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 146).

<sup>11</sup> Ludwig von Mises, *L'action humaine*, cit., p. 307.

Em sua narrativa, ela assume o papel de porta-voz da crença neoliberal de que o indivíduo é totalmente responsável por seu sucesso ou fracasso. Como tal, ela age para mudar sua sorte. Para tanto, ela exibe atributos desejados num empreendedor.

Ela é resiliente, sabe enfrentar os obstáculos que a vida pessoal e profissional lhe colocara. É focada em resultados, como mostra a lista dos sucessos alcançados, nas linhas 11-14 (eu passei a ser a 1a pessoa da família dele a entrar numa universidade pública. a 1a a ter publicação científica, a 1a a empreender sem 1 real no bolso, a 1a a viajar ao redor do mundo por ter trabalho reconhecido. a 1a de GERAÇÕES). E no que diz respeito aos resultados financeiros, pode-se concluir que ela soube calcular os riscos envolvidos num empreendimento.

Numa cultura de mercado, Sonia procura se projetar como um caso único. Em poucas linhas, ela se constrói como uma mercadoria diferenciada e desejada pelo mercado. Constrói-se, portanto, como empresa e empresária de si mesma. É desse lugar que ela fala, que ela desafia aqueles que não vivenciaram a realidade de uma vida precária, de uma família sustentada por mulheres e o pertencimento a uma classe social invisível.

Numa cultura competitiva e numa plataforma altamente promocional, Sonia se projeta também como o que Goffman caracteriza como uma pessoa desalmada, isto é, que não mostra consideração pela face do outro. De acordo com o autor ([1967] 2011, p.205), há regras sociais que devem ser respeitadas:

Assim como esperamos que um membro de qualquer grupo tenha respeito próprio, também esperamos que ele mantenha um padrão de consideração, esperamos que ele realize certos esforços para resguardar os sentimentos e a face dos outros presentes, e esperamos que ele faça isso voluntaria e espontaneamente, por causa de uma identificação emocional com os outros e com os sentimentos dele. Como consequência, ele não está inclinado a testemunhar a desfiguração dos outros.

Evidentemente, a afirmação de Goffman não tem um caráter preditivo nem descontextualizado. O que ele descreve é o modo como os indivíduos, na interação, são guiados por obrigações de ordem moral que restringem sua conduta, assim como por expectativas de ordem moral sobre como devem ser tratados. Se na vida social, há um esforço para se manter o equilíbrio ritual, numa cultura de mercado o

jogo pode ser outro: a de inflar o próprio ego e esvaziar o ego dos outros competidores.

Sonia é uma empresária e não uma profissional em busca de emprego ou promoção. Sonia não se apresenta como líder de um grupo. Se fosse, como mostra a pesquisa de Echevest et al. (1999) sobre o perfil do líder ideal, ela deveria exibir habilidade interpessoal e capacidade de administrar conflitos.

Some-se a isso o fato de que, em determinadas culturas empresariais, o perfil da desalmada pode ser bem-visto. Em culturas organizacionais mais voltadas para a competição, do que para a colaboração, é comum, em processos de seleção, privilegiar mais o *marketing* pessoal do que a modéstia; mais a expressão de autoestima do candidato do que suas habilidades. Como defendia Tom Peters, em seu texto “Corra!<sup>12</sup>”, para ser o executivo-chefe da Eu S.A., “você precisa agir de modo egoísta para se promover, fazer com que o mercado o recompense e garantir seu próprio crescimento”. São as regras do grupo que definem quanto sentimento devemos ter pela face do outro, como esses sentimentos devem ser distribuídos pelas faces envolvidas.

A falta de consideração de Sonia pela face de outros usuários pode estar também relacionada à eficácia da sua comunicação. Sonia quer deixar claro o preço que lhe custou a desigualdade social, afinal o ponto da sua narrativa é o de avaliar como injusto um sistema meritocrático que ignora que a desigualdade social faz com que alguns profissionais paguem um preço mais alto pelo sucesso. Apresentar-se como uma pessoa combativa e crítica desse sistema pode render-lhe pontos.

Nos excertos seguintes, examinamos como outros usuários ratificam a projeção do *self* neoliberal de Sonia.

**Excerto 2:** Parabéns por sua determinação!!

### Carla, pedagoga

01	Parabéns por sua determinação!!
02	Em especial parabenizo sua avó, que teve a visão de não multiplicar as
03	dificuldades vividas por ela.
04	Grande lição de amor, uma por ensinar e a outra por ter sede de aprender e
05	

<sup>12</sup> EXAME. **Corra!** Tom Peters. Disponível em [https://www.pequenoguru.com.br/downloads/voce\\_e\\_uma\\_marca.pdf](https://www.pequenoguru.com.br/downloads/voce_e_uma_marca.pdf).

06	valorizar cada ensinamento. Orgulhosa dessas pernambucanas, mais que Demais!!!
----	---

A determinação é um dos atributos centrais na construção de um *self* neoliberal, como mostra o *post* de Carla. Ela ratifica que a persistência é crucial para o atingimento de um objetivo (Parabéns por sua determinação!!). Ratifica também um modelo de avó que vai inspirar a conduta de Sonia de “fazer muito com pouco” (linha 02-03, Em especial parabenizo sua avó, que teve a visão de não multiplicar as dificuldades vividas por ela.).

Outro traço comportamental exibido é a valorização do autodesenvolvimento. Sonia tem “sede de aprender”, o que remete a outro pilar da racionalidade neoliberal: o autoaprimoramento constante do profissional e a “valorização do ensino”: “sede de aprender e valorizar cada ensinamento” (linha 04-05).

Como mostram os excertos que se seguem, os usuários internalizaram a crença de que a determinação é condição para o sucesso.

**Excerto 3:** Parabéns por sua garra e determinação!!!

**Bruno, administrador**

01	Incrível História!!!! Muito inspiradora, Parabéns por sua garra e
02	determinação!!!

**Excerto 4:** você é uma mulher forte e determinada!

**João, marketing**

01	Sua história é linda, porque você é uma mulher forte e determinada!
02	Parabéns...

Ambos os excertos destacam a relevância de atitudes de luta para atingir um objetivo. Relacionados à determinação, são invocados termos como “garra” no excerto 3, e “força” no excerto 04. Valorizam-se, assim, atitudes que não são conquistadas por diploma. Rojo e Percio (2019) afirmam que, na racionalidade neoliberal, estes atributos são mais desejáveis do que o conhecimento técnico para a realização de uma determinada atividade. Entende-se que é mais fácil o

profissional aprender a atividade no trabalho do que desenvolver atributos comportamentais com excelência.

Tal entendimento aponta para a relevância desses atributos internos, isto é, algo que vem de dentro para fora, como mostra o excerto seguinte.

**Excerto 5:** força interior!

**Antônia, contadora**

01	Exemplo de realização, força interior! Inspiração !!!
----	---

O fato de os atributos invocados para o sucesso serem produtos do mundo interno e não do externo ratifica a crença de que o indivíduo é o único responsável pelo seu destino de vencedor ou perdedor.

**Excerto 6:** força de vontade e persistência!!

**Vivian, dentista**

01	Parabéns!!
02	O sucesso é para quem ter força de vontade e persistência!!

De acordo com o excerto 6, o indivíduo, no imaginário neoliberal, é livre para escolher a sua ação no mundo. Como salientam Dardot e Laval (2016), essa crença sustenta o jargão popular do: “você consegue se tentar”. Este entendimento escamoteia o papel de outros fatores responsáveis pela sorte dos indivíduos. Por essa lógica neoliberal, a mobilidade social, por exemplo, dependeria apenas da determinação, da força interior, da garra, da vontade própria do indivíduo.

Os usuários mostram, portanto, que internalizaram a crença equivocada de que basta querer para acontecer, como mostra o próximo excerto:

**Excerto 7:** coragem e força

**Patrícia, administradora**

01	Tipo de exemplo, coragem e força que gosto de levar para vida.
02	Parabéns, Sônia! Você não tem ideia do quanto sua publicação ajuda milhares
03	



04	de jovens, que atualmente se encontram na mesma posição que um dia você esteve. Um abraço bem forte!
----	--

O que é visto como inspiração é, na verdade, um mito. Atributos comportamentais não são suficientes para alcançar o sucesso. Esse tipo de crença ao invés de ajudar aqueles que vivenciam a desigualdade social pode promover, além da frustração, o sentimento de que merecem o fracasso, porque não devem ter-se esforçado tanto quanto Sonia.

Como veremos no excerto a seguir, a narrativa de Sonia cria a ilusão de que o sucesso está ao alcance dos membros de qualquer minoria, isto é, de grupos com baixa representação social:

**Excerto 8:** Parabéns pela persistência, resistência

### Leonardo, geólogo

01	História incrível! Parabéns pela persistência, resistência e por acreditar que
02	apesar das desigualdades, alcançaria seu posto! Você é inspiração pros
03	nordestinos e pros brasileiros todos!

Segundo dados da PNAD<sup>13</sup> (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), divulgados pela Folha de S. Paulo, 47,3 milhões de brasileiros terminaram o ano de 2021 na pobreza, o equivalente a 22,3% da população total. Apesar dos números, Leonardo acredita que atributos como “persistência”, “resistência”, “autoestima” (acreditar que é possível) (linha 01), são suficientes para se superar a desigualdade na distribuição de recursos e de acesso a oportunidades. Ignora-se que, na lógica competitiva, alguns indivíduos estão em desvantagem. Por mais que estejam motivados para se autorrealizarem, o máximo que conseguem é sobreviver numa realidade extremamente desigual.

Nesta seção, vimos como os profissionais, em suas postagens, se mostram submetidos às crenças de uma racionalidade neoliberal. A narrativa de Sonia, por exemplo, incorpora e naturaliza o entendimento de que o indivíduo é o único responsável pelo seu destino. Orientada por uma lógica da competitividade, Sonia

<sup>13</sup> Conferir estudo completo em [https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/pobreza-fome-e-desigualdade-social-impactos-na-educacao-do-brasil#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNAD%20\(Pesquisa,%2C3%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20total.](https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/pobreza-fome-e-desigualdade-social-impactos-na-educacao-do-brasil#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNAD%20(Pesquisa,%2C3%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20total.)

cria para si a marca de uma profissional resiliente, proativa, visionária, obstinada por resultados e que se autocategoriza como vencedora.

A aprovação do *post* de Sonia por parte de alguns usuários atesta o modo como a racionalidade neoliberal molda as subjetividades, exibidas pelos membros daquela comunidade. Embora a noção de marca implique a posse de um diferencial, o que se vê nas postagens é uma uniformização dos atributos reivindicados pelos usuários. Como observou Goffman ([1959] 2014), atributos aprovados e sua relação com a face fazem de cada homem seu próprio carcereiro: trata-se de uma coerção social fundamental, mesmo que todo homem goste de sua cela.

No contexto em exame, exibir um *self* neoliberal é uma imposição, mesmo que todo profissional goste de se trancar nessa cela.

## 7

### Embates de sentido

De acordo com Amossy (2014), as mídias digitais privilegiam a polêmica que, por sua vez, parece suscitar grande interesse dos usuários. No caso do LinkedIn, no entanto, temos que considerar que criar polêmica pode colocar em risco a face dos usuários, considerando os valores e crenças daquela comunidade. Diferentemente de outras redes sociais, como a examinada no estudo de Oliveira, Valente e Ron-Rén (2020), o LinkedIn tem especificidades. A identificação dos usuários não é fictícia e todos querem se apresentar sob à luz mais favorável de acordo com a cartilha seguida pela comunidade.

Considerando-se que a sequência de postagens aqui analisada teve como pronto de partida a narrativa de sucesso de Sonia e que narrativas são parte de “embates para legitimar sentidos” (MOITA LOPES, 2001), analisamos neste capítulo as questões mais destacadas nos comentários como gatilhos para embates de sentido.

Na seção 7.1, tratamos das posições sobre mérito e meritocracia; na 7.2, sobre sucesso; na 7.3, sobre a postura diante do sucesso, e na 7.4 sobre a receita de sucesso.

#### 7.1

##### Sobre mérito e meritocracia

Segundo Labov (1972), narrativas de experiências pessoais são intensamente mais avaliativas, conseqüentemente, envolvem posições muitas vezes carregadas de emoções, positivas ou negativas. E, Sonia traz em sua narrativa uma avaliação negativa do sistema meritocrático e daqueles que entendem mérito apenas como um ponto de chegada.

Como aponta Barbosa (1999) meritocracia é um sistema regido pelo mérito, e cujo entendimento varia. De acordo com uma vertente ideológica entende que todo mérito deve ser conquistado, sem atribuir importância a variáveis

socioeconômicas dos indivíduos. A outra vertente considera a questão do contexto, das origens, do ponto de partida do competidor para alcançar o ponto de chegada.

Sonia em sua narrativa, apoiada em sua experiência de vida, em que se considera o contexto do ponto de partida, manifesta uma posição crítica sobre o mérito. Para isso, ela se projeta como merecedora e vítima ao mesmo tempo. Essa manifestação dupla (vítima e merecedora) Frank (2017, p. 87) explica que vem da disponibilidade heurística.

Segundo o autor quando construímos narrativas sobre experiência de vida, nós nos apoiamos a informações mais acessíveis em nossa memória. Isso pode gerar relatos mais tendenciosos, uma vez que alguns tipos de informações são mais marcantes que outros. Experiência sobre coisas que vivenciamos repentinamente, por exemplo, são bem mais sobressalentes que a informação sobre coisas que lemos ou ouvimos esporadicamente. Isso explica por que pessoas inteligentes e esforçadas ao “vencerem na vida”, naturalmente atribuem seu sucesso ao talento e esforço próprio. Elas passaram dia pós dias trabalhando duro, tendo constantemente na memória o quanto se esforçaram para chegar lá.

Além disso, ele explica que eventos desvantajosos são sistematicamente mais fáceis de lembrar do que aqueles que nos afetam positivamente. Para descrever essa assimetria, o autor recorre a metáfora usada por Thomas Gilovich<sup>14</sup>, em seus estudos, envolvendo ventos contra e a favor. Diz assim:

Se qualquer um de vocês correr ou andar de bicicleta, vocês vão saber quando estiverem correndo ou pedalando ao vento, vocês estarão cientes dele. Você mal pode esperar para mudar de direção e ter o vento a suas costas. Quando isso acontece, você se sente ótimo. Mas quando você esquece sobre isso rapidamente – você não está ciente do vento a suas costas. E essa é apenas uma característica fundamental de como nossas mentes funcionam. Nós simplesmente estaremos mais cientes das barreiras do que das coisas que nos impulsionam (FRANK, 2017, p. 88 e 89).

Uma rápida pesquisa no Google sobre “vento contra” fornece inúmeras imagens de pessoas/ciclistas andando com dificuldade, “empurrando” o vento. Mas, uma busca por imagens de “vento a favor” fornece resultados muito diferentes. Como Gilovich<sup>15</sup> explica,

---

<sup>14</sup> Gilovich, Thomas. Two enemies of gratitude presentation at the greater good gratitude summit. Disponível em: <https://youtu.be/eLnAbkdXgCo>

<sup>15</sup> Idem.

Você tem que representar [o conceito] esquematicamente, você não consegue capturar ele em uma imagem. E o que é real fotograficamente é também real psicologicamente. O que é dizer, já que somos organismos perseguidores de objetivos, solucionadores de problemas, naturalmente seremos orientados em direção às barreiras que devemos superar... nós rapidamente visualizamos as vantagens que outros aproveitam (e nós não) e as dificuldades que enfrentamos (e os outros não), enquanto felizmente cegos para nossas próprias vantagens e os problemas dos outros. E, sendo as máquinas de tirar conclusões que somos, estamos inclinados a manipular as evidências para formar uma narrativa “**eu vítima**” / “**eu merecedor**” (grifo da pesquisadora, FRANK, 2017, p. 89).

Dessa forma, para criticar o mérito, Sonia assume o papel duplo de vítima e merecedora. Segue a lógica de quem tem mais sofrimento, tem mais merecimento, logo, tem mais mérito. Portanto, a meritocracia é vista como injusta, por não diferenciar isso.

Nas sequências, a seguir, podemos verificar como essa dualidade de entendimentos vai dividir a comunidade.

**Excerto 9:** Eu sou quem eu sou hoje graças a todas dificuldades que enfrentei e isso me tem feito ultrapassar meus limites

#### **Douglas, área de tecnologia da informação**

01	Seguindo a iniciativa: Possível improvável - nasci em um dos bairros mais
02	violentos de Salvador. Sou filho de um desempregado com ensino médio
03	incompleto e de uma desempregada que decidiu cuidar e educar o
04	filho. Sempre foi tudo muito escasso, o pai sustentava a casa vendendo doces
05	no ônibus. Também foi me dito que eu só iria progredir se estudasse, mas só não
06	me disseram que eu não aprenderia muita coisa útil na escola. E que eu teria
07	que recomeçar do zero após concluir o ensino médio pois a doutrinação política
08	me ensinou muita mentira e o que eu precisava saber não foi ensinado. Depois
09	de me tornar autodidata, ralar muito e subir até a classe média fui taxado de
10	burguês porque não utilizei nenhum programa social. Comecei a trabalhar desde
11	os 10 anos, e queria que todas as crianças aprendessem suas profissões ou até
12	mais de uma logo cedo. Apesar do meu pai não autorizar eu trabalhar aos 11
13	anos eu fui. Desde então subo lentamente cada degrau. Me tornei o segundo
14	pilar de sustento da família até eu ter a minha própria. Percebem o quanto isso
15	é injusto?! Mesmo eu desobedecendo meu pai e arrumando um trabalho
16	escondido, não querem que fale sobre meritocracia? Ainda querem que eu seja
17	o mesmo garoto pobre coitado a vida toda reclamando que outras pessoas
18	“possuem privilégios”. Eu sou quem eu sou hoje graças a todas dificuldades que
19	enfrentei e isso me tem feito ultrapassar meus limites.

Douglas abre o seu post, aparentemente, afiliando-se à posição de Sonia, utilizando a estratégia do espelhamento no padrão narrativo. Ele começa por dar o mesmo título à sua postagem (“Possível improvável”). Também de modo espelhado, o curso narrativo segue o padrão laboviano. Os elementos de orientação são introduzidos nas linhas 01-04 (nasci em um dos bairros mais violentos de Salvador. Sou filho de um desempregado com ensino médio incompleto e de uma desempregada que decidiu cuidar e educar o filho. Sempre foi tudo muito escasso, o pais sustentava a casa vendendo doces no ônibus.) e marcam a precariedade do mesmo tipo de história de vida apresentada por Sonia.

O espelhamento, no entanto, traz uma imagem invertida daquela projetada por Sonia. Diferentemente dela, João não se apresenta como um injustiçado por não ter nascido em “berço de outro”. Ele assume a responsabilidade pelo curso da sua vida. Não a transfere para o Estado, nem recorre à ajuda de terceiros. Sua narrativa mostra como ele internalizou e se apresenta como porta-voz de uma racionalidade neoliberal que inculca no indivíduo que cabe a ele fazer o seu caminho. Projetando-se como autodidata, ele supera sozinho a falta de oportunidades educacionais. Nessa linha de autoengrandecimento, Douglas maquia a desigualdade social, o desemprego, chamando para si a iniciativa de buscar emprego, de aprender uma profissão e de contribuir para o sustento financeiro da família. Em alinhamento a uma ideologia de direita, Douglas justifica – e incentiva – o trabalho infantil, atribuindo ao próprio pobre a falta de vontade de alcançar a mobilidade social, de se tornar “burguês”.

Ao repetir as interrogativas de Sonia sobre injustiça e meritocracia nas linhas 14-16 (Percebem o quanto isso é injusto?! (...) não querem que fale sobre meritocracia?), Douglas anuncia, nas linhas 16-18, o ponto da sua narrativa: “não importa de onde eu parti, mas sim se eu soube transpor barreiras e alcançar o sucesso”. Douglas rejeita o lugar de coitado, injustiçado em que Sonia se coloca. O passado passou e ajudou – o ser um vencedor. Ele projeta uma Sonia presa ao passado, à experiência da invisibilidade vivida: “Ainda querem que eu seja o mesmo garoto pobre coitado a vida toda reclamando que outras pessoas “possuem privilégios””. Ele recusa o papel de vítima da sorte.

Sua narrativa é sustentada por um sistema de coerência meritocrático, isto é, um sistema interpretativo, derivado de expectativas socioculturais, segundo o

qual as dificuldades são traços constituintes e formadores do sucesso profissional. Douglas exige o reconhecimento de seu mérito pelas dificuldades enfrentadas, mas não reivindica um mérito maior, porque seu foco é o presente: o lugar aonde ele chegou.

A discussão sobre mérito emerge também em interações entre os próprios usuários, como veremos a seguir.

### **Excerto 10: Rodrigo e Sophia**

#### **Rodrigo, engenheiro agrônomo**

01	Resumindo o que entendi da postagem e de alguns comentários... Você só pode
02	ser reconhecido se for preto, pobre, favela e ter saído em capa de revista. Se
03	you nasceu em família de classe média ou superior, você não tem mérito em
04	nenhuma conquista...pois aparentemente tudo brota para você sem esforço
05	nenhum, e na visão deles, você ainda tira oportunidades de outra pessoa. Ou
06	seja, um belo mimimi generalista.

Rodrigo é outro que rechaça a tese defendida por Sonia. Utilizando a estratégia de formulação de entendimento, ele critica, implicitamente, a tese de Sonia, mostrando como essa posição parece estar orientada por um sistema de cotas (linhas 01-02, Você só pode ser reconhecido se for preto, pobre, favela) e se o seu mérito se tornar público (linha 02, e ter saído em capa de revista).

Ainda como quem apenas está formulando entendimento, ele torna explícito a natureza excludente dessa tese: “Se você nasceu em família de classe média ou superior, você não tem mérito em nenhuma conquista.” – linha 02-04.

No fecho, ele contra-argumenta entendimentos equivocados de senso comum, como o de que há sucesso sem esforço e de que os privilegiados usurpam as oportunidades dos desfavorecidos concorrer na corrida para o sucesso (“pois aparentemente tudo brota para você sem esforço nenhum, e na visão deles, você ainda tira oportunidades de outra pessoa” – linha 04-05. De modo explícito, Douglas desqualifica a posição de Sonia, enquadrando o post como ação de choramingar, sustentada por uma argumentação falaciosa e generalista (“Ou seja, um belo mimimi generalista” – linha 05-06).

Em resposta a Rodrigo, Sonia posta o seguinte comentário.

### Sophia, empreendedora

01	Rodrigo resumindo eu entendi que você não entende nada sobre falta de oportunidades. Isso é apenas uma história que inspira a todos nós a continuarmos na luta em um país que não possui igualdade. O acesso a educação não é para todos você já deve saber disso e não tem nada de mi mi mi não e apenas uma realidade.
02	
03	
04	
05	

No mesmo estilo irônico de formulação de entendimento, Sophia categoriza Rodrigo como uma pessoa alienada da realidade brasileira. Afiliando-se à posição de Sonia, ela formula o entendimento de que o enquadre da narrativa é o de buscar inspiração para o combate à desigualdade social.

### Rodrigo, engenheiro eletrônico

01	Sophia sei muito bem o que é não ter oportunidades, eu vivi e senti isso na pele. E sobre o texto, pra mim foi muito agressivo, generalista e desrespeitoso... até parecendo uma tentativa de inflar o ego.
02	
03	

Em sua ação responsiva, Rodrigo inicia reparando à avaliação de Sophia, ao afirmar que ele já sentiu na pele o problema da falta de oportunidade. Em seguida, ele faz um autorreparo, esclarecendo que sua avaliação negativa era de natureza técnica: a argumentação é falaciosa; o tom do texto é desrespeitoso com quem tem outra história de vida e a postura da narradora é de autoengrandecimento, o que inferioriza os usuários que pertencem a outros grupos sociais.

### Sophia, empreendedora

01	Rodrigo respeito a sua opinião mesmo assim eu fiquei feliz pela história e quero que outras pessoas vejam e se inspirem a nunca desistir
02	

Sophia reconhece que Rodrigo não a desqualificou pela crítica equivocada e, no mesmo esforço de levantar uma bandeira de paz, reconhece o direito de Rodrigo a ter sua opinião. Mas, não deixa de reiterar sua posição, projetando-se como uma pessoa sensível à questão da justiça social,

### Rodrigo, engenheiro agrônomo

01	Sophia eu também fiquei feliz, como sempre fico com um história de superação. Mas o texto deveria ter mais foco em ser inspirador, de mostrar como superar os obstáculos, como chegar onde ela chegou, abrangendo todo mundo
02	
03	
04	



A disputa entre sentidos sobre mérito acaba por se tornar uma oportunidade de construção de um diálogo respeitoso às diferenças de opinião. Em sua ação responsiva, Rodrigo inicia fazendo uma concordância parcial (Sophia eu também fiquei feliz, como sempre fico com um história de superação – linha 01) mas, logo em seguida, por introduz novamente um *account* para sua posição. Projetando-se como uma pessoa que se coloca no lugar do outro, Rodrigo entende que o texto promoveu mais exclusão do que inspiração para os desfavorecidos.

01	Rodrigo isso mesmo até por que ninguém tem culpa de ter mais oportunidades
02	isso deve ser igual para todos educação mas infelizmente não é bem assim mas
03	entendo o que fala as pessoas não tem nada haver.

No excerto a seguir, temos mais uma polêmica provocada por conflitos de entendimento sobre os critérios que definem o mérito.

**Maurício, profissional da área de Tecnologia da informação**

Maurício inicia o seu post definindo o enquadre da narrativa de Sonia como um caso de “mimimi”. A expressão se refere à fala de um personagem de desenho animado para imitar, depreciativamente, a queixa de alguém. Com o tempo, a expressão ganhou a internet e virou meme para satirizar o “choro”, a reclamação de

alguém. Com base nesse enquadre, Maurício deprecia a postagem de Sonia como uma “conversinha” (linha 2), ou seja, em outra gíria, um “papo furado”.

Na sequência, ele, por meio de uma interrogativa de polaridade invertida questiona a tese de que o mérito por um sucesso é maior quando o vencedor passa por grandes dificuldades para alcançá-lo, ou seja, aqueles que compartilham a história de vida de Sonia. A partir do questionamento da tese defendida por ela, Maurício imputa à Sonia a imagem de uma pessoa soberba, rancorosa e incompetente (Isso não faz nem fazer vai vc melhor que ninguém! E pelo rancor que vc parece carregar, não é tão boa assim não – linhas 04-05). A estratégia utilizada por Maurício é o ataque pessoal, negando a pretensa virtude de uma pessoa boa.

### Edson, administrador

01	Maurício, amigo vc perdeu uma grande oportunidade de reconhecer a Sonia.
02	Precisamos ver os pontos positivos apresentados. Independente de classe social
03	ela venceu e não menosprezou que cresceu, mas falou que quem chegar onde
04	ela chegou ela cede o lugar na forbes. Vc tem exemplos inspiradores assim? Se
05	não, infelizmente vc não vê a vitória. Sonia parabéns pela história, vitórias e
06	resiliência. Sucesso pra vc e que Deus continue te abençoando.

Em uma ação responsiva à Maurício, Edson assume o papel de mediador amigável (amigo vc perdeu uma grande oportunidade de reconhecer a Sonia – linha 01), na medida em que, ao invés de censurar a fala de Maurício, ele aponta o que não foi reconhecido na postagem de Sonia: sua resiliência, competência e sucesso (Sonia parabéns pela história, vitórias e resiliência – linhas 05-06).

### Maurício, profissional da área de Tecnologia da informação

01	Edson para com isso, ela esculachou geral, leia o que ela fala, se vc quiser falar
02	sobre meritocracia, tem que passar pelo que ela passou como se ela fosse
03	melhor que alguém, desmerecendo todas as outras pessoas no mundo que
04	passam por muitas dificuldades, nunca vi tamanha arrogância e rancor em uma
05	única pessoa. Além disso quem disse que precisa juntar 1 milhão para ser bem
06	sucedido, e avisa a Forbes que esqueceu de falar da soberba dela, quero
07	distância desse tipo de pessoa.

Maurício, por sua vez, apresenta um *account* para a sua posição: a postura de superioridade de Sonia, que se vê como exemplo de mérito e que nega o mérito de quem não passou pelas mesmas dificuldades. Ao formular o entendimento de que Sonia “esculachou geral” (linha 01), Maurício denuncia uma postura de

desrespeito dela aos outros usuários. Além do tom da mensagem, Maurício chama atenção para a tese defendida por ela: num sistema meritocrático teria mais mérito aquele que passa por sofrimento e escassez. Ou seja, enquanto Sonia critica o sistema meritocrático que não reconhece a exclusão dos desfavorecidos, Maurício critica na posição de Sonia a exclusão de todos os que não pertencem a essa categoria.

Na sequência, ele critica também o entendimento de que sucesso é medido por um valor financeiro conquistado, uma posição questionada por outros usuários, como veremos na próxima seção. Fecha a postagem utilizando a estratégia do ataque pessoal, ao destacar atributos moralmente negativos à imagem de Sonia (nunca vi tamanha arrogância e rancor em uma única pessoa – linhas 04-05), atributos que não foram considerados na escolha do Sonia na lista da Forbes (avisa a Forbes que esqueceu de falar da soberba dela – linha 06).

### Edson, administrador

01	Maurício, estamos falando do mundo capitalista e a forbes somente fez a
02	entrevista com Sonia por ela te conquistado o 1 milhão dela com 30 anos. O que
03	ela apresentou foram fatos da vida dela e o quanto ela lutou. Não vi no texto
04	arrogância e sim com buscar vencer independente de classe social. Abs meu
05	amigo

Edson, em vez de censurar a posição de Maurício, formula um *account* para justificar a postura de Sonia, deslocando para o contexto capitalista o papel da *Forbes* e o entendimento de que tem mérito quem “faz dinheiro”. Com isso, enquadra a postagem de Sonia apenas como um relato de história de vida (O que ela apresentou foram fatos da vida dela e o quanto ela lutou – linhas 02-03).

A tentativa de Edson, contudo, não logrou êxito, como mostra a resposta de Mauricio.

### Maurício, profissional da área de Tecnologia da informação

01	Edson ué mas ... quem não juntou 1 milhão antes dos 30? esse era o critério para
02	aparecer na Forbes, se eu soubesse disso quando fiz 30 anos tinha avisado a
03	Forbes pra fazer uma capa pra mim!
04	nooosssa que oportunidade perdida ... nao vou dormir ...

Em tom altamente irônico, Maurício desqualifica a base do argumento que leva uma pessoa ao reconhecimento público da *Forbes* (o dinheiro) e reivindica a imagem de quem não tem o mesmo entendimento sobre mérito e sucesso. Numa interrogativa de polaridade invertida, questiona esse critério de mérito numa realidade como a do Brasil (quem não juntou 1 milhão antes dos 30? – linha 01) e, por fim, ironiza o “troféu perdido” retomando a primeira postagem de Edson de que ele perdeu a oportunidade de reconhecer o mérito de Sonia: (nooosssa que oportunidade perdida ... nao vou dormir ... – linha 04).

## 7.2

### Sobre sucesso

A narrativa de Sonia aponta para o entendimento de que mérito é tornar “possível o improvável”, ou seja, alcançar o sucesso quando se está fadado ao fracasso. Nessa linha, ela inicia sua narrativa destacando a precariedade que marcou sua história de vida. O sucesso para aqueles que compartilham a sua origem social é alcançar o que não seria um destaque na história de vida de membros de outras classes: “a 1a pessoa da família dele a entrar numa universidade pública. a 1a a ter publicação científica, a 1a a empreender sem 1 real no bolso, a 1a a viajar ao redor do mundo por ter trabalho reconhecido. a 1a de GERAÇÕES” (ver excerto 1, linha 12-14).

Após relacionar sucesso ao alcance da mobilidade social, Sonia introduz o sucesso profissional, representado, em primeiro lugar, pelo reconhecimento público (seu nome foi incluído na lista de talentos das *Forbes*), pelo resultado financeiro do seu empreendimento (fazer o primeiro milhão antes dos 30).

A visão de sucesso, inicialmente atrelada à questão da mobilidade social, é retomada no fecho da narrativa apenas como argumento para a sua posição sobre reconhecimento do mérito (“você quer falar sobre meritocracia? se mudem para uma comunidade, numa família com 3 filhos e aprendam a viver com 1 salário mínimo – ver excerto 1, linha 15-16). O foco do desafio é o sucesso financeiro (quem fizer o primeiro milhão, eu cedo meu espaço na #ForbesUnder30 – ver excerto 1, linha 17). Esses dois sentidos de sucesso são criticados por alguns usuários, como veremos a seguir.

(i) **Sucesso e justiça social**

Nos excertos abaixo, 12 e 13, Marta e André criticam uma visão de sucesso restrita ao reconhecimento público e para benefício apenas do vitorioso.

**Excerto 12:** Bem, não acho que a sua realidade seja mutuamente excludente

**Marta, área da tecnologia da informação**

01	Viver em uma comunidade (por muito tempo, um dos bairros mais perigosos de
02	Osasco) - Feito
03	Família com três filhos (dois irmãos + eu) - Feito
04	Viver com um salário mínimo (às vezes nem isso, papai era pedreiro e vivia de
05	bico) - Feito
06	Crescer sem um família estruturada, onde muitas vezes eu assumia a
07	responsabilidade de mãe por ser a mais velha - Feito
08	Ser a primeira da família a fazer muitas coisas - Feito
09	Fazer o primeiro milhão - Correndo atrás
10	Bem, não acho que a sua realidade seja mutuamente excludente. Seja no PE ou
11	SP, ou qq lugar do Brasil, temos pessoas humildes ascendendo socialmente e, nem
12	por isso, todas são RECONHECIDAS.
13	O que estou fazendo para mudar isso? Compartilhando conhecimento sobre a
14	área que atuo Brasil afora, com QUEM queira me ouvir, não somente mulher.
15	Ainda tenho 27, ou seja, UNDER 30. Ainda chego lá.
16	Um bom dia. :)

Marta usa a estratégia do espelhamento da narrativa de Sonia para criticar a visão de sucesso. Assumindo o gênero *checklist*, Marta checa cada item com um *done* (feito), rejeitando a ideia de que ela seja um caso único de mobilidade social.

A estrutura narrativa se assemelha às micronarrativas (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008), que possuem uma gama de atividades narrativas sub-representadas sobre eventos que ocorreram, mas que não necessariamente apresentam verbos flexionados no pretérito.

- Viver em uma comunidade (por muito tempo, um dos bairros mais perigosos de Osasco) - Feito (linhas 01-02)
- Família com três filhos (dois irmãos + eu) - Feito (linha 03)
- Viver com um salário mínimo (às vezes nem isso, papai era pedreiro e vivia de bico) - Feito (linhas 04-05)

- Crescer sem um família estruturada, onde muitas vezes eu assumia a responsabilidade de mãe por ser a mais velha - Feito (linhas 06-07)

A lista mostra que Marta teve a mesma origem e enfrentou os mesmos desafios. Nesse *replay* de sua experiência, Marta constrói a imagem de um jogo empatado, nas linha 01-02: Viver em uma comunidade (por muito tempo, um dos bairros mais perigosos de Osasco) – Feito; como membro de família com poucas condições de subsistência, nas linhas 03-07: Família com três filhos (dois irmãos + eu) – Feito / Viver com um salário mínimo (às vezes nem isso, papai era pedreiro e vivia de bico) - Feito / Crescer sem um família estruturada, onde muitas vezes eu assumia a responsabilidade de mãe por ser a mais velha - Feito; como a que venceu obstáculos, na linha 08: Ser a primeira da família a fazer muitas coisas - Feito.

Feita a checagem, Marta se projeta como alguém que ainda está no jogo (logo ainda pode ganhar o desafio), porque ainda não chegou aos 30 anos: Fazer o primeiro milhão - Correndo atrás (linha 09).

Logo em seguida, Marta discorda do sentido de sucesso como reconhecimento público e dinheiro: O que estou fazendo para mudar isso? Compartilhando conhecimento sobre a área que atuo Brasil afora, com QUEM queira me ouvir, não somente mulher (linhas 13-14).

Um aspecto que diferencia também a postagem de Sonia e Marta, é a postura. Sonia se apresenta como a injustiçada. Marta, como a batalhadora, sem se vangloriar disso. O ponto da narrativa, portanto, é criticar a postura de Sonia. Outros que não estão na lista da *Forbes* também enfrentaram os mesmos desafios e, por isso, estão, de igual forma, na lista dos sobreviventes.

**Excerto 13:** Achei o texto prepotente demais

### André, empreendedor

01	Achei o texto prepotente demais.
02	Eu morei na rua.
03	Nasci e cresci em favela
04	Quando tinha 17 anos de idade minha mãe foi embora com outro homem meu
05	padrasto tentou me matar dormindo a mãe dele me colocou na rua.

06	Fui pra rua pra não ir pro crime uma vez que morava no bairro mais perigoso da
07	minha cidade.
08	Morei na rua varias x.
09	Não uso drogas não tenho vícios.
10	A 9 anos atrás eu morava na rua.
11	Vendi minha primeira franquia sem ter nenhuma após ter quebrado 7 x.
12	Fiz meu primeiro milhão em 3 meses.
13	Hoje ajudo mais de 500 moradores de rua. ( sozinho. )
14	A nove anos atrás morava na rua não tinha teto não tinha nada. Muito menos um
15	salário Mínimo e ninguém pra me apoiar. Feito.
16	Desafio aceito e vencido. 🙏🙏

André, como Sonia, é um empreendedor. Diferentemente dela, no entanto, sua história evidencia um deslocamento social: sai da categoria morador em situação de rua para a categoria empresário. A narrativa é produzida sem muita dramaticidade quanto ao esforço envolvido para alcançar o lugar de empresário.

Como Marta, André reage à postura de Sonia de caso único: Achei o texto prepotente demais (linha 01). Novamente, a questão do reconhecimento público como fator de sucesso é criticada.

Em termos de estrutura narrativa, o texto começa apresentando elementos de orientação sobre contexto, lugar e tempo. Vejamos:

- Eu morei na rua (linha 02)
- Nasci e cresci em favela (linha 03)
- Quando tinha 17 (linha 04)
- A 9 anos atrás (linha 10)

A ação complicadora é o elemento fundamental para a caracterização de um discurso narrativo. Labov afirma que, se pelo menos duas orações no passado estiverem sequencializadas, remetendo a um passado temporal, se está diante de uma narrativa mínima (BASTOS; BIAR, 2015). Destacamos as sequências que acreditamos representar uma narrativa mínima, linhas 04-05:

- Quando **tinha** 17 anos de idade minha mãe **foi** embora com outro homem meu padrasto **tentou** me **matar dormindo** a mãe dele me **colocou** na rua.

Ainda contrariando o entendimento de que o sucesso está relacionado ao reconhecimento público, ele enfatiza as condições de precariedade de onde partiu; de alguém a quem foi tirado quase tudo que está associado à dignidade humana: (Eu morei na rua - linha 02), sem casa, família, sozinho; como morador de favela; logo pobre, sem apoio do Estado etc. (Nasci e cresci em favela – linha 03). A palavra “favela” remete a estigmas como lugar de criminalidade, diferentemente do termo comunidade usado por Marta.

André, ainda, coloca-se como membro de uma família desestruturada nas linhas 04-05 (Quando tinha 17 anos de idade minha mãe foi embora com outro homem meu padrasto tentou me matar dormindo a mãe dele me colocou na rua); constrói-se como alguém que sabe o que é certo, não procurou o mais fácil (Fui pra rua pra não ir pro crime uma vez que morava no bairro mais perigoso da minha cidade – linhas 06-07); quando morador de rua, não se associa ao significado do “senso comum”: drogas, crime etc. (Morei na rua varias x. / Não uso drogas não tenho vícios. / A 9 anos atrás eu morava na rua – linhas 08-10). Além de se apresentar como responsável social, preocupa-se com o grupo de que fez parte (Hoje ajudo mais de 500 moradores de rua. (sozinho.) – linha 13).

A partir da linha 11, que observamos o “ponto de virada” (MISHLER, 2002) para a história de sucesso. Num movimento disruptivo, ele relata o seu primeiro sucesso. Diferentemente de Sonia, no entanto, relata o sucesso financeiro num estilo econômico, como quem evita se vangloriar da meta alcançada: Vendi minha primeira franquia sem ter nenhuma após ter quebrado 7 x. (...) Fiz meu primeiro milhão em 3 meses. – linhas 11-12).

Como a narrativa de Marta, André dissocia a ideia de sucesso não só a reconhecimento público, mas também a dinheiro: Hoje ajudo mais de 500 moradores de rua. (sozinho.) – linha 13. Marta fez perguntas sobre o compromisso de um vencedor com a justiça social. André relata o seu trabalho social junto a moradores em situação de rua. Os dois narradores, portanto, mostram que o sucesso não pode ser só pessoal. O vencedor é aquele que ganha e compartilha.

As duas narrativas ilustram também o padrão de histórias do tipo “do lixo ao luxo”, muito reproduzido em livros de *bestseller* como, por exemplo, “50 Cent. Do Lixo ao Luxo. A Autobiografia do Grande Astro do Hip-Hop” de Abner Dmitruk (2007). São histórias que, sem apresentar evidências reais, disseminam a



crença numa mudança de vida, ainda que extremamente improvável. Histórias com maior número de eventos impossíveis de serem ultrapassados fazem mais sucesso. Outro fator que justifica a repercussão do *post* de Sonia.

Alinhados ao pensamento de Bastos (2005), não consideramos as narrativas como representações diretas e transparentes de eventos passados, mas sim como recontagem seletiva e contextualizada, que passaram por um filtro crítico e efetivo através do qual criamos as histórias que contamos, que estão, necessariamente, vinculados a nossos valores e crenças, a nossa cultura, a nossa história de vida.

Para Bauman (1986), quando relatamos histórias como essas, estamos não apenas expressando e refletindo crenças e valores, mas também formando e criando padrões sociais. Nesses exemplos, ilustramos como os padrões sociais relativos aos sentidos de mérito e sucesso orientam a produção de narrativas. Como elas devem ser contadas para serem socialmente aceitas.

## ii) Sucesso e subjetividade

O excerto abaixo apresenta uma interação conflituosa, entre Sonia e outro usuário – João – sobre o sentido de sucesso. Para facilitar a leitura, estamos dividindo a conversa em 3 sequências, aqui nomeadas como 1º, 2º e 3º *round*.

### Excerto 14: João e Sonia

#### • Primeiro Round

#### João, *coach*

01	1.500 comentários, sinceramente, o povo gosta de criaturas arrogantes. Sucesso
02	está muito além de cargos, inteligência, capacidade, fazer ou não o primeiro
03	milhão...sucesso pode ser conquistado sem nada disso! Sonia vc só precisa de
04	mais uns 30 anos pra virar um ser humano MELHOR!

João inicia a postagem ironizando a explicação para o sucesso do post de Sonia: “o povo gosta de criaturas arrogantes” (linha 01). Após desqualificar a narradora e a relevância da narrativa, João, assumindo uma postura epistêmica de + K, isto é, de mais conhecimento, esclarece que sucesso tem significados mais amplos do que aqueles de reconhecidos pelo senso comum: “Sucesso está muito

além de cargos, inteligência, capacidade, fazer ou não o primeiro milhão” (linha 01-03). Nesse sentido, critica a visão de sucesso de Sonia, que privilegia sua capacidade e os resultados financeiros expressivos. Em seguida, apresenta sua posição sobre sucesso, ainda que formulada de modo vago: “sucesso pode ser conquistado sem nada disso” (linha 03). No fecho da postagem, ele volta a desqualificar a narradora relacionando a sua postura e a falta de conhecimento sobre os sentidos de sucesso à sua qualidade inferior como ser humano.

No mesmo tom irônico, Sonia inicia sua ação responsiva pedindo desculpas pela inveja provocada pelo sucesso dela:

01	Desculpa, João, se te incomoda minha melhor versão aos 27.
----	--

Ainda de modo irônico, em referência à crítica feita de que ela não é um ser humano, ela categoriza a sua identidade como uma versão computacional (melhor versão aos 27), o que implica que versões melhoradas estão por vir.

- **Segundo Round**

**João, coach**

01	Sonia, não incomoda. Só que aos 27 com esse maravilhoso resultado, vc não precisa dizer nada! Os resultados falam por si! Imagina se vc controlar seu ego, com todo o seu talento, será reconhecida a Mulher do Ano em 2021! Na verdade vc não fez nada de errado! É só a forma da gente se comunicar que muitas vezes não é a mais eficaz! Eu falo sobre isso nos últimos 3 vídeos do meu Instagram! Dá uma olhada, veja se te diz algo
02	
03	
04	
05	
06	

De forma indireta, João categoriza Sonia como uma pessoa narcísica. Alcançou resultados expressivos, mas tem uma necessidade de se exhibir que a impede de ter empatia. João, ainda, assume a postura epistêmica de mais conhecimento, sugerindo que ela veja os vídeos dele sobre como produzir uma comunicação não empática e que não promove conflito.

**Sonia, empreendedora**

01	João, quando a gnt vive 27 anos numa guerra e tem uma vitória a gente vai gritar, mas eu vou gritar muito. Porque não quero ser a mulher do ano, quero que essa saga deixe de existir. Quero deixar de ser a exceção e passar a ser a regra. Eu ter que escrever um txt desse a cada conquista só quer dizer que a injustiça social
02	
03	
04	

05	persiste. Meu sucesso será o fim dela. E o sentimento é de muito orgulho, jamais
06	soberba. Isso é um chamado para os meus.

A mudança de tom de Joao, leva Sonia também a uma atitude mais humilde, prestando contas sobre sua atitude. A injustiçada se apresenta agora como justiceira. Esse é o *account* apresentado para o mal-entendido. A postura dela não é de arrogância, mas de orgulho.

### • Terceiro Round

#### João, *coach*

01	Sonia, Só que vc não está sabendo se comunicar! Teu texto só mostra arrogância,
02	soberba e provoca tudo menos o que vc quer passar!

Novamente, João exibe *status* epistêmico de especialista em comunicação. É desse lugar que ele se vê no direito de avaliar a competência comunicativa de Sonia e a sua personalidade: uma pessoa arrogante e soberba.

#### Sonia, *empreendedora*

01	Pra vc, pra mim não. Não escrevi pra agradar ngm, João. Tbm como os
02	sentimentos que ele despertou em vc diz muito mais sobre você do que sobre
03	mim.

Sonia não dá um passo atrás. Mantém a postura de autoconfiança e reivindica também o conhecimento psicanalítico que o que vemos é também produto do que somos. Com isso, ela responsabiliza João pelo sentido equivocado construído sobre sua postura.

#### João, *coach*

01	Sonia, Pois, vc tem muito o que aprender! É muito nova! Pode ser boa em
02	inovação mas educação e comunicação é ZERO.

Neste *post*, vemos uma série de estratégias de inferiorização de Sonia. Ele categoriza Sonia como aluna, na linha 01: tem muito o que aprender; uma pessoa que ainda não chegou à maturidade (imatura): É muito nova – linha 01. E, no fecho do texto, apela para ataques pessoais produzidos de forma direta. O primeiro deles

aponta para a falta do “berço” (educação (...) é ZERO – na linha 02), o lugar social em que aprendemos o que pode ser dito e de que maneira deve ser dito. O segundo, a competência comunicativa, na linha 2 (comunicação é ZERO), ou seja, ela não sabe avaliar o impacto de suas palavras, ela não consegue antecipar as interpretações que poderiam ser mal recebidas por um determinado público.

### 7.3

#### Sobre a postura do vencedor

Como vimos nas seções anteriores, um ponto crítico destacado pelos usuários com relação ao *post* de Sonia é a sua postura.

Apresentar-se como um caso de sucesso é um desafio. Quando a história é contada por uma terceira pessoa, o desafio é menor. No estudo de Oliveira (2008), por exemplo, sobre histórias de sucesso, publicadas nas revistas Exame e Você S.A., o julgamento dos leitores sobre o critério de reportabilidade que orientou a escolha da narrativa ou a postura do narrador ao contar a história são da responsabilidade do redator e do editor.

Já no LinkedIn, são os próprios usuários que se autosselecionam para narrar sua história de sucesso. Como autores, são eles também que decidem como querem se apresentar, como querem ser vistos. Logo, eles são também o alvo do julgamento de outros usuários. Some-se a isso os diferentes entendimentos em cada cultura sobre a aceitação da postura de um vencedor ao falar do sucesso. No caso da cultura brasileira, o próprio sucesso pode incomodar, como reconheceu, certa vez, Tom Jobim diante das críticas ao seu sucesso nos EUA: “No Brasil, sucesso é ofensa pessoal”<sup>16</sup>.

A exibição de uma postura diante do sucesso é um tipo de ação delicada, que pode ter consequências interacionais não desejadas. Uma evidência disso é revelada numa das postagens de Maurício, em suas trocas comunicativas com Edson, na seção anterior. Abaixo vejamos mais um comentário do Maurício sobre a postura de Sonia.

**Excerto 15:** É a arrogância, a altivez, a autoconfiança exagerada.

---

<sup>16</sup> Matéria completa em: <https://www.gazetadigital.com.br/colunas-e-opinioao/seu-bolso/sucesso-no-brasil-e-ofensa-pessoal/328559>

### Maurício, profissional da área de Tecnologia da informação

01	Soberba é uma manifestação de orgulho, de pretensão, de superioridade sobre
02	as outras pessoas. É a arrogância, a altivez, a autoconfiança exagerada.

Projetando-se como especialista em vocabulário, Maurício critica Sonia por sua soberba, o que é entendido por ele como relacionado a orgulho. O entendimento equivocado de Maurício é explicado por Schopenhauer, em sua obra “Dores do Mundo”.

A diferença entre a vaidade e o orgulho consiste em que este é uma convicção bem firme de nossa superioridade em todas as coisas; a vaidade, pelo contrário, é o desejo que temos de despertar nos outros esta persuasão, com a esperança secreta de chegar por fim a convencer a nós mesmos. O orgulho tem, pois, origem numa convicção interior e, portanto, direta; a vaidade é a tendência de adquirir a auto-estima do exterior e, portanto, indiretamente. A vaidade é faladora, o orgulho silencioso. Mas o homem vaidoso deveria saber que a alta opinião dos outros, alvo de seus esforços, se obtém mais facilmente por um silêncio contínuo do que pela palavra, mesmo quando há para dizer as coisas mais lindas. Não é orgulhoso quem quer; pode-se, no máximo, simular o orgulho, mas, como todo papel de convenção, não logrará ser sustentado até o fim. Porque é apenas a convicção profunda, firme, inabalável que se tem de possuir méritos superiores e valor excepcional que dá o verdadeiro orgulho. Esta convicção pode até ser errônea, ou fundada apenas em vantagens exteriores e de convenção, mas, se é real e sincera, em nada prejudica o orgulho. Pois o orgulho tem raízes na nossa convicção e não depende, assim como sucede com qualquer outro conhecimento, do nosso bel-prazer. O seu pior inimigo, quero dizer o seu maior obstáculo, é a vaidade, que apenas leva o indivíduo a solicitar os aplausos alheios para, em seguida, formar uma opinião elevada de si mesmo; ao passo que o orgulho supõe uma opinião já firmemente arraigada em nós. Há quem censure e critique o orgulho; esses sem dúvida nada possuem de que se orgulhar.

Considerando a distinção proposta pelo filósofo, a soberba, a arrogância de que Sonia é acusada, poderia estar mais relacionada à vaidade do que ao orgulho, como vemos em um *post* seu:

**Excerto 16:** E o sentimento é de muito orgulho, jamais soberba

**Sonia, empreendedora**

01	João, quando a gnt vive 27 anos numa guerra e tem uma vitória a gente vai gritar,
02	mas eu vou gritar muito. Porque não quero ser a mulher do ano, quero que essa
03	saga deixe de existir. Quero deixar de ser a exceção e passar a ser a regra. Eu ter
04	que escrever um txt desse a cada conquista só quer dizer que a injustiça social
05	persiste. Meu sucesso será o fim dela. E o sentimento é de muito orgulho, jamais
06	soberba. Isso é um chamado para os meus.

Nesse sentido, ela reivindica o direito de expressar “a convicção profunda, firme, inabalável de ser possuidora de méritos superiores e valor excepcional”, em função dos obstáculos vencidos e da meta alcançada. No entanto, como aponta Schopenhauer, “o orgulho é silencioso”. Para justificar o direito de “gritar muito”, Sonia enquadra sua postura como um meio de combate à desigualdade, uma forma de dar esperança de não ser mais um caso único. O problema é que, como lembra Schopenhauer, o pior inimigo do orgulho é a vaidade: “quero dizer o seu maior obstáculo, é a vaidade, que apenas leva o indivíduo a solicitar os aplausos alheios para, em seguida, formar uma opinião elevada de si mesmo; ao passo que o orgulho supõe uma opinião já firmemente arraigada em nós”.

Como veremos nos excertos abaixo, “o falar sobre os seus méritos” leva alguns usuários a desaprovar a postura de Sonia como vencedora.

**Excerto 17:** Atacar a meritocracia é dizer que conquistou tudo por sorte

### Felipe, profissional da área de *Marketing*

01	Agressão gratuita à classe média, de qualquer forma, parabéns.
02	A adversidade cria a necessidade que cria a força de vontade e que desperta a
03	mudança.
04	Atacar a meritocracia é dizer que conquistou tudo por sorte, ou seja,
05	desqualifica toda sua própria conquista.
06	Se ela não existisse, você não teria saído do lugar.
07	Complementando, você não cede seu espaço na FORBES porque ele não é seu, é
08	de quem for julgado merecedor.

Felipe abre o seu texto criticando a postura agressiva de Sonia em relação à classe média. Ainda assim, reconhece o seu mérito. Mas, logo em seguida, avalia que o seu sucesso é um produto das dificuldades enfrentadas (A adversidade cria a necessidade que cria a força de vontade e que desperta a mudança – linha 02-03). De acordo com as avaliações de Felipe, Sonia exibe uma postura de superioridade. Ao atacar a meritocracia, ela se projeta como uma pessoa de sorte e, como sorte não

é para todos, ela já é vista como um ser privilegiado. Felipe critica essa postura de Sonia no encerramento do seu *post*: você não cede seu espaço na FORBES porque ele não é seu, é de quem for julgado merecedor – linha 07-08. Para Felipe, o desafio proposto por Sonia ao final da sua narrativa revela mais uma vez a postura prepotente de Sonia que se julga mais merecedora do que os outros.

No excerto a seguir, temos mais uma evidência de como a postura de Sonia é condenada pelos usuários.

### **Excerto 18:** A soberba precede a ruína

#### **Danilo, administrador**

01	Se essa superação toda não for meritocracia, então não sei mais o significado da
02	mesma. A história do meu pai é um pouco pior, pois ele passou a Segunda Guerra
03	em cheio, e chegou ao Brasil com uma mão na frente e outra atrás e um
04	cemitério de família e amigos como resultado da guerra estúpida... E terminou
05	sua carreira como Diretor da maior Multinacional do mundo do setor que
06	atuava. O segredo talvez do sucesso de 82 anos da vida dele foi que ele manteve
07	a humildade. "A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a
08	queda". Pv 16.18-19

De acordo com a racionalidade neoliberal, ser capaz de superar desafios é uma das condições para o alcance do sucesso, daí a relevância da resiliência no perfil de profissional desejado numa cultura competitiva e global. Ao contar a história do pai, Danilo, indiretamente, critica a postura de Sonia de se vender como um caso único de luta e vitória (A história do meu pai é um pouco pior – linha 02). O entendimento de que vencedores não devem ser soberbos fica explícito quando Danilo relaciona o sucesso do pai à postura de humildade que falta à Sonia (O segredo talvez do sucesso de 82 anos da vida dele foi que ele manteve a humildade – linha 06-07). É com base nesse entendimento, que ele invoca o discurso religioso, para advertir ou profetizar: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda” – linha 07-08.

No próximo excerto, apresentamos um outro exemplo que torna relevante a questão da postura de Sonia diante do sucesso:

### **Excerto 19:** Américo e Sonia

### Américo, economista

01	Uma história de sucesso contada de forma arrogante. No lugar de inspiração,
02	causa repulsa. Lamentável que uma pessoa vítima de rótulos boa parte da vida,
03	recorra ao mesmo erro para endossar seu preconceito. Seu mérito é maior do
04	que daqueles com mais oportunidades? Não! Com mais oportunidades ou não,
05	cada pessoa responsável pelo seu desenvolvimento. Tento imaginar se irá tratar
06	com tamanho desdém as gerações da sua família que vierem após você, se seus
07	filhos, por exemplo, serão rotulados por você dessa forma, se irá negar a eles os
08	privilégios de nascer numa família com dinheiro. Arrogância e hipocrisia são a
09	marca do seu depoimento, uma pena!

Apesar de abrir o texto reconhecendo que o post de Sonia registra uma história de sucesso, Américo desqualifica a postura da narradora: Uma história de sucesso contada de forma arrogante. Além disso, Américo categoriza Sonia como uma pessoa preconceituosa (linha 03) e hipócrita (linha 08), logo rejeita o enquadre de uma história que inspira (No lugar de inspiração, causa repulsa.).

A construção de uma imagem de pessoa preconceituosa baliza-se numa espécie de paráfrase da lógica sobre a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1968, p. 33): a de que “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”: (Lamentável que uma pessoa vítima de rótulos boa parte da vida, recorra ao mesmo erro para endossar seu preconceito – linhas 02-03).

Para Américo, a tese defendida por Sonia sobre mérito reflete também essa postura arrogante. Por meio de uma interrogativa respondida por ele mesmo, (Seu mérito é maior do que daqueles com mais oportunidades? Não! – linhas 03-04), Américo rejeita a tese defendida por Sonia, justificando por um argumento oferecido pelo discurso neoliberal (Com mais oportunidades ou não, cada pessoa responsável pelo seu desenvolvimento – linhas 04-05).

O ataque ao caráter de Sonia emerge também por meio da formulação de uma situação hipotética futura (Tento imaginar se irá tratar com tamanho desdém as gerações da sua família que vierem após você, se seus filhos, por exemplo, serão rotulados por você dessa forma, se irá negar a eles os privilégios de nascer numa família com dinheiro – linhas 05-08). Sonia é projetada, portanto, como uma pessoa de “dois pesos, duas medidas”.

Em sua ação responsiva, Sonia se limita a ironizar Américo.

### Sonia, empreendedora



01	Souu como arrogante te lançar o desafio? Por que não aceita?
----	--

Sonia ignora o ataque pessoal e contra-ataca insinuando, de modo irônico, que Américo não tem capacidade para “tirar o chapéu dela: Por que não aceita?.

Na sequência, outro pugilista entra no ringue para se alinhar à ação realizada por Américo e um novo embate é iniciado.

## **Excerto 20: Eduardo e Sonia**

### **Eduardo, engenheiro civil**

01	Se o seu sucesso for do tamanho da sua arrogância com certeza vc vai sair muitas
02	vezes na capa da Forbes! Lamentável mesmo!!

De forma irônica, Eduardo escalona o grau de arrogância de Sonia relacionando-o à inclusão do seu nome em outras listas da *Forbes*. E fecha o post exibindo uma postura afetiva negativa: Lamentável mesmo!! (linha 02).

### **Sonia, empreendedora**

01	A classe média reacionária citada no texto sempre acha que é arrogância.
02	Engraçado que a classe média progressista não acha o mesmo. Por que será?
03	Se preocupe não que na Forbes Under 30 a gente só pode sair 1 vez. Mas
04	aconselho que se prepare para ver pessoas de origem humilde orgulhosas de
05	si mesmo.

Sonia contra-ataca categorizando Eduardo como membro da classe média reacionária. E, depois de identificar dois tipos de classe média – a reacionária e progressista – Sonia introduz de forma irônica uma interrogativa (Por que será? – linha 02) cuja resposta ela parece saber. Na sequência, Sonia enquadra o escalonamento de sua arrogância ao seu nome na *Forbes*, como um caso de falta de conhecimento de Eduardo. Reivindicando a postura de quem tem mais *status* acadêmico, Sonia de modo irônico “ensina” como funciona a lista da Forbes: Se preocupe não que na Forbes Under 30 a gente só pode sair 1 vez (linha 03). Ao fechar o texto, Sonia recomenda que Eduardo se prepare para aceitar mais naturalmente o que define como uma postura de orgulho diante do milagre da mobilidade social e sucesso dos mais humildes.

Nos excertos seguintes, observamos que a postura de Sonia leva os usuários a fazer um outro tipo de ataque pessoal: categorizar a mulher como alguém com saúde mental comprometida

### **Eduardo, engenheiro civil**

01	Sonia, Vc é pobre de espírito e cheia de complexos familiares. A suas frustrações
02	tem mais ênfase que o seu sucesso. Lamentável!!!
03	Sugiro um psicólogo pra você urgente!!!

Eduardo responde a Sonia categorizando-a como “pobre de espírito”, “complexada e frustrada” e recomendando a busca de um especialista em saúde mental.

Em alinhamento com a ação realizada por Eduardo, uma outra usuária entra na briga. Vejamos abaixo.

### **Excerto 21: Monica e Sonia**

#### **Monica, médica**

01	Sonia, se você obteve sucesso, por sua conta e risco, parabéns!!!! Cuidado com
02	o que fala e principalmente com o que sente. Vai um psicanalista aí?

Assumindo, como Eduardo, o *status* epistêmico de especialista em saúde mental. Monica reivindica o direito não só de avaliar a postura de Sonia, como também a de recomendar - indiretamente - a ida a um psicanalista.

A resposta de Sonia mostra mais uma vez a estratégia do contra-ataque pessoal.

#### **Sonia, empreendedora**

01	A casa grande surta quando a senzala aprender a ler, não é, doutora?
----	--

Sonia, mais uma vez, usa a divisão das classes social como munição para o ataque pessoal. Ela não reconhece – nem esclarece – a crítica a sua postura. Ao contrário, ela reafirma que a não aceitação da sua postura está relacionada a dificuldade de a elite aceitar que “pessoas que vêm de baixo” possam ter uma postura de orgulho.

### Monica, médica

01	Sonia, tão racista quanto o próprio racismo. E como este assunto tomou um rumo abaixo do aceitável, estou bloqueando vossa excelência.
02	

Monica segue a mesma linha de Américo (ver excerto 19, linhas 02-03), parafraseando a qualificação “tão opressora quanto o próprio opressor” como tão racista quanto o próprio racismo – linha 01). Além desse ataque pessoal, Monica categoriza Sonia como uma pessoa que não conhece as regras de uma interação social aceitável. Com base nessa justificativa, Monica reivindica o direito de bloquear Sonia, isto é, o poder de calar Sonia e ironizando a postura “superior” reivindicada por Sonia utiliza a forma de tratamento “vossa Excelência”, que é utilizada em endereçamentos a altas autoridades do Estado, principalmente.

Apesar de os usuários condenarem a postura de superioridade de Sonia, como veremos na sequência a seguir, essa também foi a postura de quem reivindica o direito de avaliar e fazer recomendações.

### Excerto 22: Carlos e Sonia

#### Carlos, engenheiro eletrônico

01	E sinceramente você perdeu tempo agredindo ao invés de comemorar essa excelente conquista, abrande seu coração e ajude os mais necessitados que estão em condições como as suas eram, ao invés de atacar os demais.
02	
03	

Mais uma vez, a postura agressiva de Sonia é criticada por outro usuário. No entanto, aquele que critica repete o erro do criticado. Carlos, por exemplo, critica Sonia por gastar tempo com ataques em vez de gastar comemorando seus feitos. No entanto, Carlos também gastou mais tempo criticando a postura de Sonia do que ao seu sucesso.

A postura de superioridade de Sonia é também assumida por quem a critica. Carlos, por exemplo, reivindica o direito de dar conselhos, de fazer recomendações: abrande seu coração e ajude os mais necessitados que estão em condições como as suas eram, ao invés de atacar os demais (linhas 02-03). Carlos também desloca para Sonia a responsabilidade de combater a desigualdade social: e ajude os mais necessitados (linha 02), sem reconhecer a sua parte nesse projeto.

### Sonia, empreendedora

01	Quem tá atacando alguém é hashtag#Trump, eu to escrevendo no meu perfil
02	pessoal um desabafo da minha vida. Redenção é ataque pra quem não entende
03	o tamanho desse desafio.

Sonia rejeita o entendimento de que suas críticas à classe média sejam ataques. Como argumento, diferencia sua crítica à classe média das ações de Trump; o contexto em que publicou suas opiniões (no meu perfil pessoal); o gênero do texto (um desabafo da minha vida).

Ainda como estratégia defensiva e protetora, justifica os conflitos de entendimento produzidos pelo seu *post* à diferença de mundos. Numa sociedade altamente desigual, o mundo dos desfavorecidos não é conhecido nem imaginado.

## 7.4

### Sobre a receita do sucesso

Um dos ingredientes da fórmula do sucesso é o de que todos aqueles que se esforçam, estudam, encontram êxito. Além do perfil, é exigido do profissional o compromisso com o aperfeiçoamento contínuo de seus conhecimentos e habilidades, de modo a estar sempre preparado para enfrentar desafios.

Apesar de o LinkedIn ser uma plataforma cuja comunidade compartilha crenças neoliberais, encontramos ali, nos discursos, não apenas estas fórmulas para o sucesso, mas também, nos deparamos com discursos voltados a frustração de quem tentou, seguiu a “cartilha”, mas não conseguiu, fracassou, ficou pelo caminho.

Acreditar numa meritocracia justa, na qual posições sociais refletem esforço e talento, pode gerar um efeito corrosivo no modo como interpretamos principalmente o insucesso. Pensar em uma meritocracia perfeita, diminui a capacidade de nos enxergar e, é essa cegueira que faz do mérito uma espécie de tirania, ou regra injusta.

Outro ponto a ser observado sobre a fórmula do sucesso, está relacionado às questões morais. A noção de que “você consegue, se tentar”, rebaixa ainda mais aqueles que não conseguiram chegar lá. Para quem não consegue encontrar um emprego ou ganhar dinheiro suficiente, é difícil fugir do pensamento

desmoralizante de que seu fracasso é resultado de suas próprias ações, que simplesmente não tem talento ou não nasceu em “berço de ouro”.

Além disso, temos a noção de merecimento, cujo mérito implica. A ideia de que receberemos o retorno daquilo que foi investido. Se me esforço mais que o outro, logo terei a melhor oportunidade frente a esse outro.

No entanto, em situações reais, a meritocracia, que implica um sistema de recompensas (mérito), levanta também questões de injustiça. Teófilo, o deputado de Machado de Assis em *Quincas Borba*, já nos alertava quanto a isso: “Vossa Majestade quer que os melhores trabalhem nos seus conselhos, mas os medíocres é que se arranjam. O merecimento fica para o lado”. A personagem de Machado de Assis faz uma denúncia sobre os indivíduos cuja competência profissional é frágil ou inexistente, contudo, ocupam posições privilegiadas profissionalmente. Companheirismo, camaradagem e apadrinhamento são traços constituintes do mérito brasileiro (BARBOSA, 1999). Afinal, desde os tempos coloniais, é sabido que mais vale ser amigo do Rei que ser competente na área de atuação.

Abaixo examinamos uma sequência de excertos entre Luciana e Sonia sobre a fórmula do sucesso, em seguida buscamos identificar, neste contexto em que os profissionais a partir da crença no sistema de recompensa pelo mérito, orientados pela fórmula do sucesso, demonstram ressentimento, vergonha moral e sentimento de injustiça frente os resultados obtidos (não desejados e não esperados) pelos seus esforços.

#### 7.4.1

##### A receita do sucesso

No excerto a seguir, examinamos, após a provocação de uma usuária, o sentido de receita de sucesso legitimado por Sonia.

##### Excerto 23: Luciana e Sonia

##### Luciana, Arquiteta

01	Gente como funciona essa mágica de empreender sem 1 real? E viajar o mundo
02	sem 1 real? Como essas pessoas conseguem realizar tantas coisas de graça? Só
03	uma dúvida mesmo....

Nesse *post*, percebemos que o alvo de Luciana é Sonia, mas os endereçados são os outros usuários na linha 01 (Gente). Luciana, de modo indireto, desacredita o *self* construído por Sonia de empreendedora “milagrosa”. Luciana, ainda de modo indireto, formula o objetivo do *post* não como a crítica que está ali sendo realizada, mas como um pedido de esclarecimento nas linhas 02-03 (Só uma dúvida mesmo...).

Sonia se autosseleciona, colocando-se no papel de endereçada. Como veremos a seguir, ela recorre ao estilo *lecture talk* para “ensinar” como se alcança o sucesso.

### Sonia, empreendedora

01	já falei por aqui, mas vou repetir: tem um tal de "políticas públicas" que
02	promovem a inclusão e ascensão social. Vc faz assim: 1o vc estuda e
03	desenvolve uma pesquisa; 2o vc, na falta de dinheiro, busca editais públicos ou
04	a fundo perdido; 3o vc estuda mais, aprimora sua pesquisa e gera um produto;
05	4o vc prospecta um teste em escalas menores, como um campus de sua
06	própria universidade; 5o com os primeiros resultados, vc estuda mais, faz
07	ajustes, submete a mais editais para financiamento do que até então é um
08	projeto. e passa também em processos de empresas com inovação a aberta,
09	com isso consegue fundo suficiente para aplicar o produto desenvolvido em
10	escala de cidades; continua...

Como se pode ver, Sonia se projeta como uma professora e projeta Luciana como uma aluna que não presta atenção à aula na linha 01 (já falei por aqui, mas vou repetir). É nesse tom irônico de inferiorização da aluna que ela se refere ao conceito de políticas públicas na linha 01 (uma tal de...) como ferramenta de mobilidade social. Daí em diante, Sonia organiza as ideias em forma de lista, um recurso didático utilizado para facilitar o entendimento de uma ideia.

### Sonia, empreendedora

01	6o vc agora precisa adaptar o já desenvolvido pra atender agora um trânsito de
02	1 milhão de passageiros diários. aí dica preciosa aqui: você estuda um pouco
03	mais e faz; 7o depois de 02 anos, a tecnologia não só é validada como passa a
04	ser um produto comercial. outra dica importante aqui: vc estuda paralelamente
05	ao seu objeto de pesquisa sobre modelos de negócio e aprende a manter seu
06	projeto, agora já empresa, saudável financeiramente. mas como não é sua
07	expertise, passa a ser na tentativa e erro; 8o aqui você começa a fechar alguns
08	clientes e paralelamente passa a ser reconhecida pelo trabalho inédito e pela
09	pesquisa. recebe indicação para prêmios nacionais e internacionais; 9o quase 03
10	anos de dedicação total e você aparece na lista under 30 da Forbes; 10o vc pode

11	gritar aos 4 ventos que quem muda o mundo é educação. e que pra toda
12	arrogância e soberba das classes e elites não acostumadas a nos ver por aqui, a
13	gente recomenda pedir calma, pois a revolução só tá começando. e reforço: é
14	só estudar. estudar um pouco mais e sempre que já é meio caminho andado.

O par relacional professor-aluno orienta as ações de Sonia e a repetição do “vc estuda” (linhas 02 e 04) implica a categorização de Sonia não só como uma pessoa que não presta atenção à aula, mas também que não estuda. Esse “mantra” é a reiteração em todos os passos da receita. O autodesenvolvimento é um critério enfatizado na cultura neoliberal. Quem quer ter sucesso deve estar sempre investindo na conquista de novas habilidades, conhecimentos e competências.

Sonia, portanto, se apresenta como portadora de um *self* neoliberal, que é constituído de uma totalidade de habilidades adquiridas como resultado de seus investimentos em educação (LEMKE, 2001). Ainda de acordo com a cartilha neoliberal, Sonia se apresenta como responsável pelo autodesenvolvimento e autoaperfeiçoamento, ao definir ela mesma o que deve aprender no seu processo de autodesenvolvimento e autoaperfeiçoamento.

No excerto a seguir, Luciana questiona a composição da fórmula do sucesso: o de atribuir unicamente ao indivíduo a responsabilidade pelo sucesso.

### Luciana, arquiteta

01	Sonia, Entendo que a educação é a peça fundamental, bem como sua expertise
02	em reconhecer uma lacuna a ser preenchida no mercado, mas, você não fez
03	sozinha sem 1 real né? Seria muito lindo de sua parte compartilhar seus
04	patrocinadores, como a Toyota o Governo enfim.... uma ideia sozinha não é
05	nada... você pode colher os frutos de muito estudo e trabalho e principalmente
06	parcerias, pq nenhum ser humano é uma ilha como dizem...

Em sua ação responsiva, Luciana inicia realizando uma prática defensiva de face (GOFFMAN, [1967] 2011), negando, indiretamente, a categoria de aprendiz ao afirmar que sabe da importância do autodesenvolvimento. Em seguida, Luciana realiza uma prática protetora da face de Sonia, reconhecendo um traço relevante no perfil de empreendedor: ter visão, e ao mesmo tempo reivindicando conhecimento do vocabulário trazido pelo neoliberalismo. Após esse prefácio, Luciana avalia negativamente a postura neoliberal de Sonia quanto à ilusão de autonomia individual.

### Sonia, empreendedora

01	Luciana, recomendo que você leia minhas duas respostas anteriores, e saiba interpretar o que é “inovação aberta”, como citei. Eu fico na dúvida se esse tipo de comentário como seu é por ignorância, inveja, preguiça ou mau caráter mesmo.
02	
03	
04	

Em sua ação responsiva, Sonia volta a se apresentar como uma professora cujo poder de perícia numa área é reconhecido socialmente. Nessa posição, Sonia volta a projetar Luciana como uma pessoa despreparada, que não sabe ler e que desconhece o significado de inovação aberta. Trata-se mais uma vez de uma tentativa de inferiorização de Luciana, uma vez que o problema apontado por ela seria apenas de falta de conhecimento de um jargão, o que não era o caso. O que estava sendo reclamado era a ausência do nome dos parceiros.

Como se pode ver, Sonia não perdeu a face ao ser questionada por Luciana. Ao contrário, mantém a face de uma pessoa superior e encerra a mensagem projetando-se, sem qualquer constrangimento, como a “desalmada”, isto é, “alguém que consegue testemunhar a humilhação de outra mantendo impassivelmente um semblante frio (GOFFMAN, [1967] 2011, p. 18). No *post* de Sonia, o semblante frio se materializa na forma direta como ela formula o objetivo do *post* de Luciana, escalonando negativamente as possibilidades de entendimento: da questão da falta de conhecimento à questão da falta de caráter.

A receita de Sonia legitima, portanto, determinadas crenças da racionalidade neoliberal, como a responsabilidade pelo sucesso, o autodesenvolvimento e aperfeiçoamento contínuo, a proatividade e o empreendedorismo, dentre outros.

Outros usuários, no entanto, questionam a infalibilidade dessa receita, como veremos nos próximos excertos.

**Excerto 24:** Ninguém viu o quanto me dediquei?

### Ângelo, Fisioterapeuta

01	Por favor, dê um like para ajudar e dar forças ao post. fui desligado! sim, fui desligado por uma chamada de vídeo pelo whatsapp (eu escolhi esse meio). motivo: Houve uma indicação do "alto" para uma profissional de confiança da direção da unidade. questionei: " fiz algo de errado? "
02	
03	
04	
05	
06	
07	



08	resposta: "não"
09	eu para a coordenadora: "isso partiu de você ou da direção? "
10	ela: "da direção".
11	Ninguém observou que meu plantão começava às 07:00 e eu começava a
12	trabalhar às 06:30?
13	Ninguém observou que ao invés de sair às 19:00 eu saía, em alguns dias, após às
14	20:00?
15	Ninguém viu o quanto me dediquei?
16	ninguém viu que estar ali era a realização de um sonho??
17	Na minha cabeça, só passa frustração e pensamentos que procuram por algum
18	erro meu.... Tentei ser o melhor profissional que pude, e na real? De todas as
19	rasteiras que tomei da vida, que foram muitas, essa foi uma das mais doloridas.
20	Se alguém souber de alguma oportunidade de fisioterapia Hospitalar no RJ,
21	tenho pós (concluída e outra em andamento) em adulto e experiência em
22	pediatria.
23	também tenho pós em fisioterapia respiratória e cardiovascular e em fisioterapia
24	hospitalar. e também sou pós graduando em neuro funcional adulto e infantil.
25	pego CTI, enfermagem, urgência e emergência.
26	por favor, ajude um profissional a realizar um sonho.
27	contato: ((número de telefone))
28	((e-mail))

A busca por uma oportunidade de trabalho no LinkedIn se dá por diversos caminhos, dentre eles, a atualização do currículo publicado, para despertar o interesse de um recrutador e, conseqüentemente, de uma oportunidade melhor no mercado. Há também quem divulgue na *timeline* sua necessidade de recolocação no mercado.

A *timeline*, contudo, tem uma característica muito dinâmica. O conteúdo gerado é muito intenso, com isso prevalecem apenas os *posts* que possuem maior visibilidade, o que é evidenciado pelo número de interações que ele promove, seja por comentários, curtidas ou compartilhamentos.

Dada essa dinâmica, Ângelo constrói sua publicação de modo a despertar empatia e, conseqüentemente, angariar audiência para o seu *post*: (Por favor, dê um like para ajudar e dar forças ao post – linha 01), o que já é proposto na abertura do *post*.

O texto é iniciado com a projeção do *lide* de teor sensacionalista para uma plataforma (fui desligado! - linha 02). Verbalizar a condição de desempregado numa plataforma cujo objetivo é se afastar o máximo possível dessa situação, se torna bastante apelativo. E ao oferecer detalhes sobre a comunicação da demissão e a razão para essa demissão, Ângelo angaria expõe a injustiça de um modelo

meritocrática à brasileira que tem por base o apadrinhamento (BARBOSA, 1999), o tão conhecido critério do “QI” (quem indica).

Desse em ponto em diante, o texto vai trazendo argumentos que questionam as crenças neoliberais sobre uma receita de sucesso. Um deles é a dedicação ignorada pelas chefias (linha 11 e 13 - Ninguém observou) (linha 15 e 16 - Ninguém viu).

Num trabalho de defesa de face, ele afirma a qualidade do seu desempenho profissional, projetando-se como uma vítima. Segundo Dardot & Laval (2016), a racionalidade neoliberal forma sujeitos que se retroalimentam, que buscam erros em si para constante autocorreção. Diante escolhas errôneas o sujeito tende a se autoanalisar e buscar caminhos e meios para melhor desenvolvimento de si. Como podemos observar nas linhas 17 a 18, Ângelo faz este movimento de autoanálise também para afirmar que a demissão não se deveu a algum erro seu (Na minha cabeça, só passa frustração e pensamentos que procuram por algum erro meu). Com isso, ele rejeita o que a lógica neoliberal defende: que a culpa do fracasso é única e exclusivamente do indivíduo (linha 18 - Tentei ser o melhor profissional que pude).

Em sua postagem, fica claro que ele afirma ter seguido a receita neoliberal de sucesso, mas que ela não funcionou (linha 18 e 19 - De todas as rasteiras que tomei da vida, que foram muitas, essa foi uma das mais doloridas.). A injustiça sofrida tem um tom de covardia (rasteiras).

Por fim, das linhas 20 a 25, expõe suas credenciais meritocráticas, por meio de um mini – currículo, que demonstra que ele seguiu o passo a passo da receita: autoaprimoramento constante, pluralidade de competências e habilidades para atuar em diferentes contextos, etc.

O questionamento da receita de sucesso, sob a perspectiva da racionalidade neoliberal, é tornado relevante em vários comentários. A seção seguinte ilustra casos de falha da receita.

#### **7.4.2**

##### **Sobre a infalibilidade da receita**

**Excerto 25:** todo o empenho que ela dedicou durante quase 5 anos já não era mais relevante

### Antônio, engenheiro eletricista

01	Ontem minha esposa foi desligada da empresa onde trabalhava a quase 5 anos.
02	Uma semana após ter retornado de 2 meses afastada, ela retirou a vesícula e
03	teve complicações que evoluíram para uma pancreatite aguda.
04	Após o retorno, o projeto ao qual estava alocada mudou de gestão, e todo o
05	empenho que ela dedicou durante quase 5 anos já não era mais relevante.
06	Sim, ela ficou abalada, emocionada e também chorou, mas não de tristeza ou
07	remorso.
08	O cliente ao qual ela dava suporte a 7 anos, 2 em outra empresa e 5 nessa, foi
09	quem a levou as lágrimas.
10	Todos os representantes, gerentes do cliente, quanto companheiros de equipe e
11	pessoas de outras áreas da empresa na qual ela trabalhava ficaram espantados
12	com a notícia.
13	E o choro que vêem é do reconhecimento, de pessoas que dependiam direta ou
14	indiretamente do trabalho bem feito dela e que na ausência dela mandaram
15	mensagens de apoio, agora mostram o quão importante ela é e o quão o
16	trabalho que ela desempenhou foi importante durante esses 7 anos.
17	Quis registrar o momento pois sei o quanto é difícil fazer essa pequenininha
18	chorar, mas o motivo foi nobre e agradeço a todos o reconhecimento que foi
19	dado a ela.
20	<a href="#">#trabalho</a> <a href="#">#gestão</a> <a href="#">#reconhecimento</a> <a href="#">#opentowork</a>

A noção de que pessoas deveriam ser capazes de ascender “até onde seus talentos e o trabalho árduo as levarem” é comum e por vezes clichê no discurso sobre mérito, sucesso e meritocracia.

No entanto, casos de demissão são vistos majoritariamente como exemplos de que a receita não é infalível. Ser desligado de uma empresa é uma mancha distintiva de demérito que pressupõe incompetência

Ao relatar a história de demissão de sua esposa, Antônio busca apresentá-la sob uma luz favorável (GOFFMAN, 1959 [2014]) e, portanto, mais um caso inexplicável de demissão à luz da receita de sucesso. As informações, quanto à demissão, são apresentadas de modo a afastar qualquer sinal de incompetência profissional, fracasso pessoal.

O tempo de serviço em uma empresa no Brasil é considerado como traço de mérito, corresponde a uma marca positiva segundo o critério da antiguidade (BARBOSA, 1999) utilizado nas avaliações organizacionais. De forma a trazer uma boa imagem de sua esposa, por tempo de serviço, Antônio destaca essa informação,

linha 1 (trabalhava a quase 5 anos). Dessa forma, nos conduz ao entendimento que ele tratará de contar a história de uma profissional comprometida com seu trabalho.

A denúncia de injustiça cometida é reforçada por uma ação que denota covardia. Como argumentos, Antônio evoca, como Ângelo (ver excerto 24) as circunstâncias da demissão: (Uma semana após ter retornado de 2 meses afastada – linha 02). Trata-se de um período em que a funcionária se encontrava fragilizada pelos procedimentos cirúrgicos enfrentados, pois ela ainda se encontrava em fase de recuperação. Ao invés de ser acolhida, foi demitida.

O insucesso é atribuído a critérios meritocráticos da cultura brasileira: faltou-lhe um “padrinho” (Após o retorno, o projeto ao qual estava alocada mudou de gestão, e todo o empenho que ela dedicou durante quase 5 anos já não era mais relevante – linhas 04-05). Seus atributos profissionais foram desconsiderados frente à falta de aproximação com a nova hierarquia.

Antônio marca a injustiça pelo modo como sua esposa reagiu à demissão: (Sim, ela ficou abalada, emocionada e também chorou, mas não de tristeza ou remorso – linhas 06-07). Ela não se culpou pela demissão, porque seu sentimento era de que o dever fora cumprido.

A marcação de covardia, metaforizada pela expressão “punhalada pelas costas” retorna na linha 11 a 12, a partir das reações de outros profissionais (ficaram espantados com a notícia – linha 11-12) e do reconhecimento dos clientes a quem serviu (E o choro que vêem é do reconhecimento, de pessoas que dependiam direta ou indiretamente do trabalho bem feito dela e que na ausência dela mandaram mensagens de apoio, agora mostram o quão importante ela é e o quão o trabalho que ela desempenhou foi importante durante esses 7 anos – linhas 13-16).

O modo como o marido narra a demissão da esposa retroalimenta de alguma forma as condições estabelecidas pela racionalidade neoliberal para o alcance do sucesso: o trabalho duro, a motivação, a competência profissional. Olhando-se, por este ângulo, podemos perceber o quanto o discurso meritocrático é forte e autossuficiente. A demissão é mais explicada como uma injustiça comum num sistema meritocrático brasileiro em que o mérito é, muitas vezes, substituído pelo apadrinhamento.

No excerto a seguir, João deixa mais explícito o questionamento da receita de sucesso neoliberal.

**Excerto 26:** O sentimento é decepção em saber que, eu, [qualificado] não tenho lugar ou não sirvo para o mercado de trabalho

### João, ciências econômicas

01	É incrível como a vida da voltas. Um dia você trabalha na controladoria do
02	segundo maior banco do país, no outro está vendendo doce na rua para pagar as
03	contas e comer. Vergonha? zero! O sentimento é decepção em saber que, eu,
04	com mais de 5 anos de experiência no setor financeiro, controles internos,
05	cursos, especializações, etc, etc, etc. não tenho lugar ou não sirvo para o
06	mercado de trabalho. Alguns feedbacks: "foi devido a senioridade da vaga". Uma
07	vaga Junior! Querem mais de 3 anos de experiência para contratar júnior? A
08	verdade é que muito provável eu nem saiba mais procurar emprego nos dias de
09	hoje. Em outubro fará dois anos em busca de uma oportunidade. Poucas
10	empresa conseguem pagar o que o banco pagava. Eu nem espero isso, tracei
11	uma trajetória no banco para receber o que eu recebia. Procuro um plano de
12	carreira, minha ultima remuneração parece ser eliminatória pois "acreditam"
13	que sairei na primeira oportunidade que pague o que eu recebia. (isso não
14	aconteceu até hoje). Peço encarecidamente a quem puder me ajudar a
15	conseguir uma realocação no mercado. PS.: SEU LIKE PODE ME AJUDAR.
16	OBRIGADO ^.^

A imprevisibilidade do mercado de trabalho é um dos fatores que corroem a vida do profissional neoliberal (SENNETT, 2019). João denuncia essa condição volátil, pela passagem abrupta do “luxo ao lixo (É incrível como a vida da voltas. Um dia você trabalha na controladoria do segundo maior banco do país, no outro está vendendo doce na rua para pagar as contas e comer – linha 01-03) Essa condição do mercado está relacionada a uma visão do sujeito como como proprietário de “capital humano”, cujos resultados obtidos na vida são fruto de uma série de decisões e esforços que dependem apenas dele, não implicando nenhuma compensação em caso de fracasso (DARDOT & LAVAL, 2016).

A crença de que “você consegue, se tentar” produz, segundo Sandel (2021) dois tipos de descontentamento. O primeiro é a frustração, que surge quando o sistema fica aquém de suas promessas meritocráticas, quando aqueles que se esforçam e seguem a receita do sucesso não conseguem progredir, como se observa no *post* de Joao (O sentimento é decepção em saber que, eu, com mais de 5 anos

de experiência no setor financeiro, controles internos, cursos, especializações, etc, etc, etc. não tenho lugar ou não sirvo para o mercado de trabalho – linha 03-06).

O segundo descontentamento, observado por Sandel (2021), é o desespero, quando o profissional descobre que seguiu a receita para o reconhecimento do mérito e que não se encaixa mais no mercado. João se coloca nessa posição de deslocado, de alguém deixado para trás (não tenho lugar ou não sirvo para o mercado de trabalho – linha 05-06).

O desespero, segundo o autor, é o descontentamento mais desmoralizante, porque intensifica o sentimento de culpa pelo próprio fracasso. João busca trazer para sua narrativa suas credenciais meritocráticas, de modo a afastar sua responsabilidade sobre seu fracasso (mais de 5 anos de experiência no setor financeiro, controles internos, cursos, especializações, etc, etc, etc – linhas 04-05).

Essas credenciais já não atendem às exigências do mercado. A reprovação nos processos seletivos é explicada pela falta de senioridade para uma vaga júnior (foi devido a senioridade da vaga – linha 06). A exclusão dos “seniors” da vida profissional num mercado de trabalho flexível (SENNETT, 2019) tem uma relação complexa com a representação da vida como “capital humano”. Assim como o capital técnico, o humano também está sujeito ao risco de desvalorização. Neste cenário, os profissionais de idade mais avançada veem-se confrontados com o sentimento deprimente de sua inutilidade social e econômica (DARDOT & LAVAL, 2016). Este sentimento de inutilidade é destacado por João ao confessar, nas linhas 07 a 09 que “A verdade é que muito provável eu nem saiba mais procurar emprego nos dias de hoje”. Os investimentos feitos, as credenciais meritocráticas não são suficientes para evitar o fracasso.

A vulnerabilidade das relações de trabalho é cenário comum no contexto de mercado flexível. De acordo com a racionalidade neoliberal, o risco faz parte do cotidiano do trabalhador, é parte inerente do processo. Assim como o risco é naturalizado, o fracasso, por vezes, é interpretado como um fator constituinte do sucesso, com mostra o excerto seguinte.

**Excerto 27:** é muito difícil colher nosso insucesso e lidar com a frustração! Mas entender que isso faz parte do jogo é primordial!

## Larissa, engenharia de produção

01	Planejar o início de um novo ciclo com certeza é mais fácil do que encerrar
02	aquele que está chegando ao fim, afinal, é muito mais prazeroso projetar um
03	futuro melhor, novas expectativas e novos sonhos.
04	Entretanto, saber encerrar um ciclo é fundamental para abrir espaço para o
05	próximo capítulo da história. Hoje se encerra mais um ciclo na minha trajetória
06	profissional! A Tutti e Frutti finalizou suas atividades. Há pouco mais de 9 meses
07	tomei a decisão de empreender, e abri uma Sorveteria e Açaiteria. Uma
08	experiência única e muito desafiadora... Conciliar o empreendimento com meu
09	trabalho, lidar com a sazonalidade do produto (sofri muito com as chuvas),
10	administrar, comprar, trabalhar na loja aos finais de semana... enfim, tanto
11	tempo e energia dedicado nesse projeto. Infelizmente as coisas não saíram
12	como previsto... E olha, é muito difícil colher nosso insucesso e lidar com a
13	frustração! Mas entender que isso faz parte do jogo é primordial! Hoje saio
14	dessa loja com o coração leve! Grata pela experiência! Grata pelos amigos que
15	fiz nessa jornada! Grata aos familiares e amigos que sempre estiveram comigo!
16	Certeza que foi um ciclo de muito aprendizado! Orgulhosa desse capítulo da
17	minha história e claro, pronta pra o próximo desafio.
18	#trabalho #energia #empreender

Em seu relato de uma história de fracasso, observa-se que Larissa projeta o *self* resiliente, atributo valorizado na racionalidade neoliberal (linhas 01-02, Planejar o início de um novo ciclo com certeza é mais fácil do que encerrar aquele que está chegando ao fim; e, linhas 04-05, Entretanto, saber encerrar um ciclo é fundamental para abrir espaço para o próximo capítulo da história). Larissa se apresenta como alguém que sabe aceitar a derrota, alguém que demonstra grande capacidade de superação diante de uma frustração. A perda é ressignificada como uma oportunidade de crescimento. Ela sabe se adaptar a situações inesperadas e segue em frente.

Segundo Dardot & Laval (2016, p. 349), tratando-se de risco profissional, a norma se dá pela “individualização do destino”. Considerando o pressuposto da responsabilidade ilimitada do sujeito, temos aqui, a ideia de que o indivíduo deve mostrar-se “ativo”, ser gestor de seus riscos. Dessa forma, consequentemente, é esperado que o profissional alimente uma atitude ativa (DARDOT & LAVAL, 2016), como a demonstrada por Larissa (Há pouco mais de 9 meses tomei a decisão de empreender – linhas 06-07), de destino individualizado (Uma experiência única – linhas 07-08) e plena aceitação de risco (e muito desafiadora... – linha 08).

Além da exibição de um *self* neoliberal, Larissa apresenta *accounts* que a desresponsabilizam pelo fracasso (linha 08 a 10, Conciliar o empreendimento com

meu trabalho, lidar com a sazonalidade do produto (sofri muito com as chuvas), administrar, comprar, trabalhar na loja aos finais de semana...). É notório que as credenciais meritocráticas não foram suficientes, mas o risco faz parte do negócio (enfim, tanto tempo e energia dedicado nesse projeto. Infelizmente as coisas não saíram como previsto... – linhas 10-12).

Como afirmam Dardot & Laval (2016) que a forma de governo de si, do sujeito neoliberal reside no caráter geral, transversal e sistemático do modo de direção baseado na responsabilidade individual e autocontrole. Das linhas 12 a 14, Larissa nos traz pistas dessa racionalidade, da responsabilidade pelo fracasso e autocontrole em aceitar a derrota (E olha, é muito difícil colher nosso insucesso e lidar com a frustração! Mas entender que isso faz parte do jogo é primordial! Hoje saio dessa loja com o coração leve!).

Além disso, como o sujeito neoliberal foi feito para ganhar e ser “bem-sucedido”, a idealização de superação revela-se um grande teatro social dos “seres evoluídos” (DARDOT & LAVAL, 2016) pela resiliência e resignificação. É paradoxal, mas saber perder também é uma forma de ganhar de acordo com a racionalidade neoliberal. As derrotas são grandes fontes de autoconhecimento e autoaprimoramento.

Como vemos nas linhas de 14 a 16, Larissa associa o fracasso a um ganho subjetivo de aprendizado, de experiência (Grata pela experiência! Grata pelos amigos que fiz nessa jornada! Grata aos familiares e amigos que sempre estiveram comigo! Certeza que foi um ciclo de muito aprendizado!). Nessa linha, é entendido que as derrotas trazem saberes válidos que podem ser rapidamente utilizados em prol de novos objetivos (linhas 16 e 17 - Orgulhosa desse capítulo da minha história e claro, pronta pra o próximo desafio.). Dessa forma, o sujeito neoliberal se movimenta e retroalimenta a “receita do sucesso”, entendendo que o indivíduo avança com seus próprios erros.

Os dados aqui examinados mostram que a receita infalível que Sonia apresenta para o sucesso é uma fábula capitalista. Mesmo seguindo a receita, muitos usuários não alcançaram o sucesso. Outros alcançaram apenas por um tempo determinado. A receita tem um prazo de validade.

Apesar desses questionamentos, observou-se alguns usuários, mesmo em situação de fracasso, foram porta-vozes das crenças neoliberais sobre a



responsabilidade do indivíduo, a capacidade de se ajustar e de aprender com os erros e avançar.

Esse tipo de crença faz com que relatos de fracasso possam servir também para a promoção do *self* de um profissional. Como vimos em alguns excertos, os usuários estão sempre utilizando seus relatos para apresentar suas credenciais meritocráticas e apresentar accounts do tipo fatores externos para explicar os insucessos. Esse tipo de resultado confirma o que Barbosa (1999) já apontava. Em situação de derrota, é mais fácil buscar a segurança nos clichês, nas injustiças dos critérios não meritocráticos, como os apadrinhamentos na cultura brasileira. E é isso o que os usuários fazem quando buscam desviar o lamento “fracassei” com a resposta supostamente curativa “não, não fracassou; você é uma vítima” (SENNETT, 2019, p. 141).

De acordo com a racionalidade neoliberal, “tudo é questão de interpretação e reação do sujeito” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 344). Como vimos, alguns interpretam o fracasso como etapa para chegar ao sucesso, ou seja, um elemento necessário para autoaperfeiçoamento. Outras vezes, acusam o sistema meritocrático brasileiro em que o critério de mérito vem das relações pessoais. Outros ainda, de modo mais racional, explicam o insucesso pelo fato de o risco ser um elemento constitutivo de qualquer negócio. Pela lógica neoliberal quando não se pode mudar o mundo, resta inventar-se a si mesmo.

## 8

### Considerações finais

Nesta pesquisa, buscamos contribuir para um melhor entendimento do papel da tecnologia como instrumento de governamentalidade da conduta de profissionais. O primeiro passo para alcançar esse objetivo foi o de escolher como universo de pesquisa a plataforma LinkedIn cujo público-alvo é constituído por profissionais que usam a ferramenta, especialmente, para fins promocionais.

Duas perguntas foram aqui levantadas: Que princípios modelam as subjetividades dos usuários e que gatilhos promovem o embate de sentidos entre eles.

Em relação à primeira pergunta, a análise revelou a uniformização da projeção de um self cujos atributos são aqueles valorizados pela racionalidade neoliberal. Assumindo-se como empresas, usam as postagens para fazer marketing pessoal com o objetivo de dar visibilidade a sua marca.

Um dos recursos usados com esse fim são as narrativas de histórias pessoais. É por meio delas que os usuários reivindicam atributos como a flexibilidade, isto é a capacidade de se ajustar continuamente às mudanças trazidas por um mercado imprevisível. Outro atributo reivindicado é a resiliência. Os usuários trazem em suas narrativas evidências de que são capazes de suportar qualquer adversidade que a vida lhe apresente. O que orienta a agência reivindicada é a meta da autorrealização. Por isso, aceitam o imperativo do desempenho que torna o trabalho o único sentido da vida. Percebem-se como autônomos, proativos, empreendedores e únicos responsáveis pelo seu sucesso. Em função disso, a atitude dos usuários diante de suas vitórias é de autoengrandecimento. A projeção de uma identidade online uniforme está vinculada à crença de que o alcance do sucesso depende da construção desse self neoliberal.

Ao usarem o LinkedIn como vitrine para os seus troféus, os usuários colocam-se como mercadorias expostas aos players do mercado de trabalho. No âmbito de uma cultura da competição todos querem ser vistos como a mercadoria que melhor atende às demandas desse mercado. Não há espaço para exibir um

diferencial desse perfil imposto pela racionalidade neoliberal. Como bem lembram Andrade et.al. (2002), “o que não está mais apropriado precisa adequar-se para não ser marginalizado”.

Em relação à segunda pergunta, a análise, empreendida no capítulo, revelou que posições defendidas no post podem suscitar mais engajamento dos usuários, quando a comunidade se divide com relação à posição defendida. Uma das que gerou mais polêmica foi a que questionou o sentido de mérito e meritocracia.

A narrativa de Sonia exhibe o esforço de não aceitar o destino social que lhe estava reservado, como denuncia a estrofe abaixo de uma música popularmente conhecida, chamada Marvin<sup>17</sup>. Trata-se da conversa de um pai, em seu leito de morte, tem com seu filho, ambos membros de uma classe desfavorecida. O estribilho é o relato do filho sobre o que lhe falou o pai:

Ele disse Marvin, a vida é pra valer  
Eu fiz o meu melhor  
E o seu destino eu sei de cor

Como vemos, o pai alerta o filho que, por mais que ele trabalhe duro, o seu destino está traçado: não sair da miséria, da classe social a que pertencem. A música reflete a realidade de um país marcado por uma extrema desigualdade social. Mudar o destino é tão difícil que vira notícia. Alguns dos casos reportados no jornal ou levados à televisão comumente são o da filha de uma faxineira que se tornou doutora; o de um jovem pobre que, tendo sofrido injustiças, tornou-se advogado, ou daquele que trabalhou incansavelmente “de baixo de sol e chuva”, desafiando as leis da resistência humana, e conseguiu abrir seu primeiro empreendimento. É sobre esse mérito que Sonia questiona se é justo valorizar o ponto de chegada sem considerar o ponto de partida.

O que Sonia conta é que, com garra, resiliência, autogerenciamento da vida e esforço, rompeu o ciclo vicioso do verso “seu destino eu sei de cor”. Se, por um lado, Sonia critica o modo como são entendidos os conceitos de mérito e

---

<sup>17</sup> “Marvin” é versão de uma canção em inglês intitulada “Patches”, composta por Dunbar e Johnson e interpretada originalmente pela banda Chairmen of the Board em 1970. Posteriormente, foi regravação por Clarence Carter. No entanto, foi a partir da terceira versão, gravada pela banda de reggae King Sounds & The Israelites, que Nando Reis e Sérgio Britto compõem *Marvin*. Esta, foi gravada em 1984 e lançada como single em 1988 pelo grupo brasileiro de rock Titãs.

meritocracia na cartilha neoliberal, por outro ela endossa a crença de que o indivíduo é livre para escolher o seu destino. Seu post pode induzir ao erro de que o outlier é regra e não exceção Como afirmam Severiano e Benevides (2011, p. 107)

“Isto quer dizer que, para além da opressão e exploração visíveis das classes operárias da época do capitalismo industrial, o conceito [de liberdade neoliberal] passou a abranger, ainda, formas sutis de manipulação do pensamento e do desejo, capazes de produzir outro estilo de viver e perceber o mundo”.

Uma das explicações para a rejeição da posição defendida por Sonia é explicada por Mijs (2019). De acordo com o autor, quanto mais desigual a sociedade, é mais provável que seus cidadãos expliquem o sucesso em termos meritocráticos e considerem menos importante fatores não meritocráticos, como a riqueza e as conexões familiares de uma pessoa. Assim, denunciar a injustiça de uma distribuição desigual de renda levou também alguns interagentes a considerar a mensagem de Sonia como “mimimi”, uma narrativa fora do sistema de coerência meritocrática.

Por fim, percebemos o LinkedIn como uma das formas de disciplina implícita de controle social, visto que, tentar argumentar algo diferente daquilo que é orientado pela racionalidade neoliberal nesta plataforma pode trazer prejuízos pessoais na carreira profissional.

Ao questionar o sistema meritocrático, Sonia se projeta como mais merecedora e vítima do mesmo sistema. Como vimos, Frank (2017, p. 88 e 89) explica que esta característica nas narrativas de história de vida vem da disponibilidade heurística.

Quando construímos narrativas sobre experiência de vida, nós nos apoiamos a informações mais acessíveis em nossa memória, simplesmente estaremos mais cientes das barreiras do que das coisas que nos impulsionam, ao passo que, naturalmente seremos orientados em direção às barreiras que devemos superar... nós rapidamente visualizamos as vantagens que outros aproveitam (e nós não) e as dificuldades que enfrentamos (e os outros não), enquanto felizmente cegos para nossas próprias vantagens e os problemas dos outros.

Um indicador da dificuldade de aceitação da desigualdade social está relacionado à postura de Sonia diante do sucesso. No papel de vítima, ela é menos merecedora, ela estaria apenas reivindicando cota no sistema meritocrático. Para

outros ela é arrogante, porque sua demonstração de orgulho diante do que alcançou é entendido como uma vaidade que coloca os outros usuários numa posição inferior. conforme vimos, no capítulo 3, querer reconhecimento público, na cultura brasileira é visto de forma negativa, como apontou Barbosa (1999).

É nessa esteira de mérito e meritocracia que os usuários entram em embate também sobre o sentido de sucesso e a fórmula do sucesso. Numa sociedade capitalista, sucesso envolve dinheiro. No entanto, para alguns usuários, o sucesso não pode beneficiar apenas aquele que venceu. O verdadeiro sucesso, especialmente no contexto brasileiro, deveria passar por um trabalho individual de fazer justiça social.

Outro gatilho para o embate é o questionamento da cartilha neoliberal sobre como se chega ao sucesso. Sonia, ao dar sua receita de sucesso, endossa a verdade imposta pela racionalidade neoliberal: perfil, trabalho, autodesenvolvimento, auto empreendimento, proatividade, resiliência, e muito esforço, dedicação total ao trabalho.

Nesse quesito, o que se observou é um grupo de interagentes que questiona a infalibilidade dessa receita. Outros, no entanto, assumem uma posição que endossa também as “verdades” imposta pela racionalidade neoliberal. O fracasso é visto ou como lição, necessária para se alcançar o sucesso, ou como resultado de um fator externo sobre o qual não temos controle. Apesar da frustração diante do fracasso, o usuário ainda o embala como um problema da receita, mas da cultura ou da sorte.

Nossos resultados, portanto, revelam que a tecnologia é usada também como instrumento de governamentalidade no contexto profissional. As formas de controle são mais implícitas, mas estão lá submetendo as mentes e almas dos profissionais.

## **8.1**

### **Limitações e encaminhamentos futuros**

Em função do recorte desta pesquisa – conversas virtuais impressas – nossa análise se limitou às ações verbais realizadas nas postagens. Ações corporificadas, do tipo postura corporal, expressão facial, gestos, não puderam ser consideradas. Do mesmo modo, por se tratar de uma comunicação escrita, o fato de se ter um

tempo maior de edição não propiciou a ocorrência de reparos. Igualmente, silêncio e hesitações no processo de construção das mensagens não ficam ali marcados.

Como encaminhamentos futuros, acreditamos que esta pesquisa possa trazer novas questões a serem investigadas. Uma que nos pareceu relevante é a de examinar que outros fatores contribuíram para a divisão de uma comunidade que compartilha valores e crenças neoliberais. Pareceu-nos, por exemplo, que as ações responsivas desafiliativas ocorreram em contextos em que a posição defendia por um usuário implicava a inferiorização ou exclusão do outro usuário. Outra questão que merece ser melhor entendida é a quebra do equilíbrio ritual em algumas trocas comunicativas. Dado que os participantes não são fictícios e que estão expostos publicamente, cabe entender se o uso da linguagem impolida, o ataque pessoal não tem consequências para aqueles que utilizam esses recursos para combater a posição de outros ou defender a sua.

AMOSSY, R. **Apologie de la polémique**. Paris: PUF, 2014, 239p.

ANDRADE, J. M. de; MEIRA, G. R. de J. M.; VASCONCELOS, Z. B. de. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 22, n. 3, p. 46-53, set., 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/LRkGZ7VfFmHJbKyXz4d9WwQ/?lang=pt>. Acesso em 11/09/2022.

BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. In: **Text and Talk**. Vol. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.

BARBOSA, L. **Igualdade e Meritocracia**: A ética do desempenho nas sociedades modernas. Editora: FGV. 2ª edição, 1999.

BARNETT, C. **The consolations of “neoliberalism”**. Geoforum, v. 36, n. 1, p. 7–12, 2005.

BASTOS, L. C. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. In: **Calidoscópio**, v. 3, n. 2, p. 74-87, maio/ago., 2005.

BASTOS, L. C. Diante do sofrimento do outro: narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. In: **Calidoscópio**, v. 6, n. 2, p. 76-85, 2004.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. de A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. In: **D.E.L.T.A.**, n. 31, especial, p. 97-126, 2015.

BAUMAN, R. **Story, performance and event**: contextual studies of oral narrative. Cambridge. Cambridge University Press, 1986.

BÍBLIA. **Bíblia Online Sociedade Bíblica do Brasil**. SBB. Almeida Revista e Atualizada. Disponível em: <https://biblia.sbb.org.br/>. Acesso em 11/09/2022.

BOYD, D.; ELLISON, N. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. In: **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/JCMCIntro.pdf> . Acesso em: 02/06/2021.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, [1990] 1997. p.39-64.

CHEN, G., & ZHANG, J. Study on training system and continuous improving mechanism for mechanical engineering. In: **The Open Mechanical Engineering Journal**, v. 9, p. 7-14, 2015.

CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa qualitativa em gestão internacional: dilemas, reflexões e desafios. In: **Anais do I Colóquio de epistemologia e sociologia da ciência da administração**, Florianópolis, n.p., 2011. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IZ1O6TpxoVQuiiL3NRhxyAJ8ZH6M9vRK/view>. Acesso em: 11/09/2022.

CONEXÕES EXPANDIDAS. **A Evolução da Web: o que esperar da Web 4.0?** 2019. Disponível em <https://www.ufjf.br/conexoesexpandidas/2019/09/09/a-evolucao-da-web-o-que-esperar-da-web-4-0/>. Acesso em 11/09/2022.

CORREIO DO POVO. **O que é a Web 3.0 e em que fase estamos?** 2022. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/jornalcomtecnologia/o-que-%C3%A9-a-web-3-0-e-em-que-fase-estamos-1.800871>. Acesso em 11/09/2022.

CRESCITELLI, E.; FIGUEIREDO, J. B. Brand equity evolution: a system dynamics model. In: **BAR - Brazilian Administration Review**, 6(2), p. 101-117, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bar/v6n2/v6n2a03>. Acesso em 11/09/2022.

DARDOT, P. e LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analysing narratives as practices. In: **Qualitative Research**, vol. 8(3), p. 379-387, p. 2008.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DMITRUK, A. **50 Cent. Do Lixo ao Luxo. A Autobiografia do Grande Astro do Hip-Hop**. Editora: Ediouro, 2007.

ECHEVESTE, S.; VIEIRA, B.; VIANA, D.; TREZ, G.; PANOSSO, C. Perfil do Executivo no Mercado Globalizado. In: **RAC**, v. 3, n. 2, n.p., Mai./Ago., 1999.

ENTREPRENEUR INDIA. **Here are the tips for using LinkedIn for Personal Branding**. By Chary Mitra Dubey, Junho, 2018.

EXAME. **Como será o profissional da indústria 4.0?**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/como-sera-o-profissional-da-industria-4-0/>. Acesso em: 11/09/2022.

EXAME. **Corra!, por Tom Peters**. Disponível em [https://www.pequenoguru.com.br/downloads/voce\\_e\\_uma\\_marca.pdf](https://www.pequenoguru.com.br/downloads/voce_e_uma_marca.pdf). Acesso em 11/09/2022.



FISHER, M. **Capitalist Realism: is there no alternative?** Winchester: Zero Books, 2011

FLEW, T. **Six theories of neoliberalism**. Thesis Eleven, v. 1, n. 122, p.49-71, 2014

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANK, R. H. **Sucesso & Sorte: o mito da meritocracia**. Editora Alpha Business. 2017.

GALINDO, J. **Erving Goffman and the interaction order**. Acta Sociológica, v.66, p. 11-34, 2015.

GEORGAKOPOULOU, A. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. In: BAMBERG, M. (Ed.). **Narrative: State of the Art**. Amsterdam: John Benjamins, p. 145-154, 2007.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M. Narrative form and the construction of psychological Science. In: SARBIN, T. R. (ed.), **Narrative Psychology: The stories nature of human conduct**. New York: Praeger press, p. 22-44, 1986.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. M. Narrative and the self as relationship. In: BERKWITZ, L. (ed.). **Advances in experimental social psychology**, v. 21, p. 17-56, New York: Academic, 1988.

GERGEN, M. M; GERGEN, N. K. **Investigação qualitativa: tensões e transformações**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, p. 367-388, 2006.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY, A. S. **Refletindo sobre critérios de qualidade na pesquisa qualitativa**. Revista Gestão.Org, v. 3, n. 2, p. 85-94, mai/ago, 2005.

GOFFMAN, E. **Ritual da interação**: Ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Editora Petrópolis, RJ. Vozes, [1967] 2011.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, [1959] 2014.

GORBATOV, S.; KHAPOVA, S. N.; LYSOVA, E. I. Personal branding: interdisciplinary systematic review and research agenda. In: **Frontiers in Psychology**, 9, 1-17, 2018.

GUMPERZ, J.J. **Convenções de contextualização** [1982]. In: Ribeiro, B.T.; Garcez, P.M. (orgs.). Sociolinguística Interacional. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GROHMANN, R. **Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização, e a racionalidade neoliberal**. Revista Eptic. VOL. 22, Nº 1, JAN.-ABR. 2020

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Editora Áyiné. 7ª edição, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

HARWOOD, T.; GARRY, T.; BRODERICK, A. **Relationship marketing: perspectives, dimensions and contexts**. London: McGraw-Hill Higher Education. 2008.

ISTOÉ. **Cuidado com os burros motivados**. Entrevista com Roberto Shinyashiki. Edição 19/10/2005 - nº 1879. Disponível em [https://istoe.com.br/12528\\_CUIDADO+COM+OS+BURROS+MOTIVADOS+/. Acesso em 11/09/2022.](https://istoe.com.br/12528_CUIDADO+COM+OS+BURROS+MOTIVADOS+/)

KARADUMAN, I. The effect of social media on personal branding efforts of top level executives. In: **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, 99, p. 465–473, 2013.

KING, Z. Career self-management: Its nature, causes and consequences. In: **Journal of Vocational Behavior**, 65(1), p. 112-133, 2004.

KLEINMAN, A. “Everything that really matters”: Social suffering, subjectivity, and the remaking of human experience in a disordering world. In: **The Harvard Theological Review**, v. 90, n. 3, p. 315-335, 1997.

KOTLER, P. **Administração de Marketing: Análise, planejamento, Implementação e controle**. 5ª Edição. Tradução da 9ª edição Norte Americana, Editora: ATLAS, 1998.

KOTLER, P.; KELLER, K. **Administração de Marketing**. São Paulo: Pearson, 2006.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, p. 12-44, 1967.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, p. 354-392, 1972.

LABRECQUE, L. I.; MARKOS, E.; MILNE, G. R. Online personal branding: processes, challenges, and implications. In: **Journal of Interactive Marketing**, 25(1), p. 37-50, 2011.

LAUDON, K.; TRAVER, C. **E-commerce: business, technology, society** (9th ed.). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2013.

LEMKE, T. 'The birth of bio-politics': Michel Foucault's lecture at the College de France on neo-liberal governmentality. In: **Economy and Society**, 30(2), p. 190-207, 2001.

LEPSCH, M. **"Eis você": a astrologia como sistema de coerência na construção de pequenas e grandes narrativas**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 121 f., 2018.

LINDE, C. **Life stories**. The creation of coherence. New York: Oxford University Press, 1993.

LINKEDIN. **A maior rede profissional do mundo**. 2021. Disponível em: <http://www.linkedin.com.br>. Acesso em: 02/06/2021.

LINKEDIN. **Como ter sucesso no LinkedIn**. Por Pedro Caraméz. 2013. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/15-tarefas-semanais-obrigat%C3%B3rias-linkedin-pedro-caramez/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 10/09/2022.

MIJS, J. J. B. **The Paradox of Inequality**: Income Inequality and Belief in Meritocracy go Hand in Hand. 2019. *SocioEconomic Review*, 1-39. <https://doi.org/10.1093/ser/mwy051>

MISHLER, E. Narrativa e identidade: mão dupla do tempo. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (ed.) **Identidades, recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, p. 97-119, 2002.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: **D.E.L.T.A.**, 10 (2), p. 329-338, 1994.

MOITA LOPES, L. P. Práticas Narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C.; LOPES DANTAS, M. T. (ed.) **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro, IPUB-CUCA, p. 55-71, 2001.

MOITA LOPES, L. P. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 2004.

MORGAN, M. Personal Branding: Create Your Value Proposition. In: **Strategic Finance**. 93 (2), p. 13-15, 2011. Disponível em: <https://sfmagazine.com/wp-content/uploads/sfarchive/2011/08/CAREERS-Personal-Branding-Create-Your-Value-Proposition.pdf>. Acesso em 11/09/2022.

MOURA, R. **Recrutamento On-line**. Dissertação do Mestrado de Gestão de Recursos Humanos. Universidade Europeia. 92 f., 2014.

OLIVEIRA, M.C. L. Media, the new capitalist culture and communication in the workplace. AILA 2008 — **The 15th World Congress of Applied Linguistics Discourses and Organisations Symposium**. Essen, Germany, 2008

OLIVEIRA, M.C. L.; VALENTE, C.; RON-RÉN, R. **Cabo de Guerra Verbal e Moral**: um estudo do uso de categorias como ofensa no ambiente virtual. Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1603-1636, 2020. eISSN: 2237-2083 DOI: 10.17851/2237-2083.28.4.1603-1636

PESSOA, F. **Poesias de Álvaro de Campos**. Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944.

PETERS, T. **The Brand Called You**. 1997. Disponível em: <http://www.fastcompany.com/28905/brand-called-you>. Acesso em 11/09/2022.

PIERATT, A. B. **O Evangelho da Prosperidade: Análise e resposta**. Tradução Robinson Malkomes. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1993.

POTGIETER, A.; DOUBELL, M.; KLOPPER, H. B. Personal branding: empirical testing of the criteria for an authentic personal brand. In: **6th Annual International Conference on Enterprise Marketing & Globalization**, p. 2-11, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322067455\\_Personal\\_Branding\\_Empirical\\_Testing\\_Of\\_The\\_Criteria\\_For\\_An\\_Authentic\\_Personal\\_Brand](https://www.researchgate.net/publication/322067455_Personal_Branding_Empirical_Testing_Of_The_Criteria_For_An_Authentic_Personal_Brand). Acesso em: 11/09/2022.

RAMPERSAD, H. K. A new blueprint for powerful and authentic personal branding. In: **Performance Improvement**, 47(6), p. 34–37, 2008.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. Los Angeles: Sage, 2008.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROBERTS, L. M. Changing faces: Professional image construction in diverse organizational settings. In: **Academy of Management Review**, 30(4), p. 685-711, 2005.

ROJO L. M.; PERCIO A. D. Language and neoliberal governmentality: Language, society and political economy. **Neoliberalism, language, and governmentality**. ROUTLEDGE. 2019

RUSSELL, M. A. **Mining the social web. 2**. Ed. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2014.

RUTTER, J.; SMITH, G. W. H. **Ethnographic Presence in a Nebulous Setting**, 2005.

SANDEL, M. J. **A Tirania do Mérito**: O que aconteceu com o bem comum? 4ª ed. – RJ: Civilização Brasileira, 2021.

SANTOS, A. F.; BIAR, L. A. Do capitalismo produtivo ao capitalismo financeiro: construção da coerência em testemunhos neopentecostais de prosperidade. In: **Domínios de Linguagem**, v. 12, n. 1, p. 92–120, 2018.

SCHIFFRIN, D. **Interactional Sociolinguistics**. In: *Approaches to Discourse Analysis*. Cambridge: Blackwell, 1994.

SCHOPENHAUER, A. **Dores do Mundo**. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1959 - tradução revista

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 21ª ed. Rio de Janeiro: Record, [1998] 2019.

SEVERIANO, M. de F. V; BENEVIDES, P. S. **A lógica do mercado e as retóricas de inclusão**: articulações entre a crítica Frankfurteana e a pós-estruturalista sobre as novas formas de dominação. *Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia*. RJ. V. 11, n. 1, p. 103-124, 2011. ISSN 1808-4281.

SKEEL, M.; GRUDIN, J. **When social networks cross boundaries: a case study of workplace use of Facebook and LinkedIn**. 2009. Disponível em: <https://www.microsoft.com/en-us/research/wp-content/uploads/2017/01/When-Social-Networks-Cross-Boundaries.pdf>. Acesso em 11/09/2022.

SOARES, A.; PINHO, J.; NOBRE, H. From Social to Marketing Interactions: The role of Social Networks. In: **Journal of Transnational Management**, 17 (2), p. 45-62, 2012.

SORKO, S. R.; IRSA, W. Engineering education -Status quo in Austria in comparison with the academic field of business education. In: **Turkish Online Journal of Educational Technology**, p. 890-894, 2016.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Nova York: Oxford University Press, 2013.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

VENUGOPAL, Rajesh. Neoliberalism as concept. **Economy And Society**, [s.l.], v. 44, n. 2, p.165-187, abr. 2015.

YOUNG, M. D. **The Rise of the Meritocracy, 1870-2033: An Essay on Education and Equality**. Editora Thames and Hudson, 1958. Original de Universidade da Califórnia. Versão digitalizada de 20 nov. 2006. 160 páginas.

## 10 Anexo

- Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



### **CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio**

#### **Parecer da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 34-2022 – Protocolo 61-2022**

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

#### **Identificação:**

**Título:** "Meritocracia: Um estudo sobre os sentidos de mérito pelos usuários do LinkedIn" (Departamento de Letras da PUC-Rio)

**Autora:** Amanda Costa Pinto de Moraes (Doutoranda do Departamento de Letras da PUC-Rio)

**Orientadora:** Maria do Carmo Leite Oliveira (Professora do Departamento Letras da PUC-Rio)

**Apresentação:** Pesquisa de observação qualitativa interpretativista que pretende contribuir para os estudos de meritocracia à luz de um viés lingüístico e interacional e situado num ambiente virtual. Visa estudar os múltiplos entendimentos da noção de meritocracia que emergem nas trocas comunicativas entre usuários da rede social LinkedIn e os perfis profissionais de quem utiliza essa plataforma. O projeto utilizará dados de acesso público dessa rede social. Conta com uma fundamentação teórica apoiada no estudo de interação (eu na interação) e a abordagem da Análise de Conversa para o foco do estudo da fala- em -interação.

**Aspectos éticos:** O projeto apresenta o desenho da pesquisa, descrevendo objetivos, metodologia e os cuidados éticos que adotará. Garante a proteção do sigilo, anonimato e a confidencialidade dos dados gerados no estudo, estando de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente.

**Parecer:** Aprovado.

Prof. José Ricardo Bergmann  
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio

Profª Ilda Lopes Rodrigues da Silva  
Coordenadora da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 2 de junho de 2022